

1923/III e IV

1923 a II 3

3

REVISTA DO CENTRO MATO-GROSSENSE DE
LETRAS

ANO: 1923 – ANO: II - Nº 3

3000

REVISTA DO CENTRO

MATTOGROSSENSE DE LETRAS

Publicação Semestral

ANNO II

JANEIRO A JUNHO DE 1923

N. III

SUMMARIO

Elogio de Antonio Vieira de Almeida — pelo socio
effectivo Cesario C. da S. Prado
Bandeirantes—A Monção—(sonetos) — D. Aquino
Corrêa
José Estevão Corrêa — conferencia pelo socio
effectivo Philogonio de Paula Corrêa
O Palanquim (Leconte de Lisle) — O veterano —
(poesias) — Augusto Cavalcanti
Leowigildo de Mello — Ovidio Corrêa
Culto da perfeição—(sonetos) José de Mesquita
A Queda (soneto) Ulysses Cuyabano
Paginas contemporaneas—Extranha coincidência
—Soter de Araujo
Sonetos do "Poema Ida," — Octavio Canha
Sonetos — J. Raul Vilá
Paginas esquecidas—Que importa?—J. Thomaz
Actas das sessões do "Centro"
Bibliographia
Publicações recebidas

ELOGIO DE ANTONIO VIEIRA DE ALMEIDA

pelo sócio effectivo Cesario Corrêa da Silva Prado

2 de Maio de 1922

*Exmo. Sr. Presidente do Estado
Minhas Senhoras
Senhores*



ANTE o dispositivo dos nossos estatutos que, obrigando-nos ao elogio do nosso patrono, faculta-nos dizel-o, vacillei muito tempo sobre esta faculdade, quando, na maior das surpresas, fui colhido com a determinação dos meus consocios para em terceiro logar vir tratar de um dos vultos da nossa galeria de insignes mattogrossenses.

O tempo prefixado não me dava azo de me eximir da obrigação e agora que me tendes em vossa presença, bem podeis, meus senhores, avaliar a razão da minha perplexidade . . . Buscando porem forças na arte que não possuo, achei alento neste aviso do principe de eloquencia

"Mas o que mais se preza no orador não é a formosura dos seus periodos nem o tom da sua voz, senão que ajuste os seus pensamentos aos dos seus concidadãos, e odeie ou ame aquelles mesmos a quem a patria vota o seu odio ou o seu amor". Venho tratar de Vieira de Almeida—penso vos agradar.

De resto, senhores, serei breve—"nada ha mas feio do que dar pernas longuissimas a idéas brevissimas". Para a exacta comprehensão da obra de um homem de letras, mister se faz, como o sabeis, o estudo da sua vida. Faz-se outrosim necessaria e de agrado, a descrip-

ção em pormenores até dos seus actos diários, da sua maneira pessoal, dos seus gostos e até dos seus *tics*. Bem comprehendéis entretanto, como, além de perluxo, torna-se desnecessario assim proceder tratando-se de Vieira de Almeida cuja lembrança tão grata ainda nos é muito viva e presente. Dos seus passos tanto sei como vos, talvez menos que alguns de vós . . . Menos sei dizer, senhores, por uma fórma inédita. Já Victor Develay dizia que as fórmas do pensamento são como as folhas das arvores, caem e reapparecem, e, entretanto, mais não dizia do que o já expresso pelo poeta latino. Sei que veio á luz do nosso rutilo sol aos 2 de Maio de 1873. Seu pae foi aquelle varão que cheio de ardor patriota primeiro ergueu voz na vereança da nossa capital para verberar o procedimento do commandante das armas da Provincia quando foi da deserção do forte de Coimbra, na primeira investida dos invasores paraguayos, fechando o seu discurso-protesto ainda com um incentivo ao nosso esmorecimento: "Um fraco rei faz fraca a forte gente", citou.

Antonio Vieira de Almeida mal despontou-lhe a intelligencia viu-se baldo de recursos para aperfeiçoal-a na medida ambicionada.

Ao tempo em que o Estado apenas premiava aos afilhados da politica com pensões para o estudo superior; averso á carreira militar, unica que, então como hoje, pode proporcionar a jovens em taes condições meios commodos á conquista de luzes, elle teve que se valer das proprias forças em busca do saber e para se classificar socialmente.

Eil-o na Capital do paiz, vestido menos do que pobremente em visita a um dos seus antigos lentes do Lyceu que pasmou vel-o em calças de aniagem, acreditando porem, mais em uma bohemia do que na falta de moeda. Talvez fosse a razão desse traje aquella superioridade de espirito que tanto se apraz com o despre-

zo das immediatas necessidades materiaes. Seus amigos contam-nos que tempos fora costumava dizer aos que lhe exprojavam as abandonadas enchanças de se enriquecer:

—Mas eu faço dinheiro e o dinheiro não me faz.

Seja como fôr, a aurora do pobre moço era também a aurora difficil dos primeiros dias da Republica. Foi combater, voluntario da legalidade, sob a bandeira de Floriano, e, consolidada a obra do excelso Marechal de Ferro, eil-o sem concurso no Ministerio da Fazenda, partindo pouco depois como secretario da Alfandega de Santos. E eil-o um victorioso na imprensa santista, no convivio do seu escól intellectual, levando a gremios de artes e letras uma prova constante da intelligencia vivaz da nossa gente. Foi então a etapa mais fecunda de Vieira de Almeida sobre ser a mais esperançosa e a que lhe deixou as melhores saudades. O "Diario de Santos" contava-o seu dilecto chronista, apreciando-lhe os dons de observação, de imaginação, o candor de sua penna, o sentimentalismo e a graça do seu estylo.

Orador de varias sociedades civicas e literarias, o Centro Floriano, o Circulo Carlos Gomes, sua palavra era perenne encanto pelo singular desatavio, não obstante sempre nobre, natural, musicalizada, de invejavel fluencia e conceituosa nos seus juizos. Vós também o ouvistes e della guardaes indelevel impressão: não tanto empolgava como encantava o auditorio pelos accents de natural amavio. Tribuno popular elle também o foi na questão italiana dos protocollos que tanto agitou a alma paulista e de que Vieira de Almeida se fez o verbo mais inflamante na velha cidade de Braz Cubas. Os diarios locais da epoca não guardam na integra os discursos agitadores do nosso conterraneo, mas fizeram-lhe a resenha, noticiaram-lhe o effeito, reconheceram-lhe a influencia sobre o espirito publico e sobre a consequente resolução do Governo a respeito do caso. Mau foi

que, confiado no progresso da sua penna e da sua palavra, talvez por esse motivo, talvez pelas exigencia diurnas do trabalho, Vieira de Almeida não guardasse a copia integral da sua collaboraçao na imprensa, tão reveladora de innegavel pendor literario. Sua vocação literaria... Foi talvez a mais pronunciada entre mattogrossenses e para se lastimar foi que factores de ordem complexa houvessem-na desviado do primitivo curso sem a deixar abrolhar por inteiro.

Ella se firmariapor uma obra digna de parceirar-se com a de qualquer coripheu das letras nacionaes. Apenas nos ficaram alguns discursos publicados nos orgãos dos referidos centros e um ou outro conto vindo á lume em revista ephemera.

Vel-o-eis como ao lado do nomeado Armando Erse, o popular João Luso, o pequeno appello do folhetinista matto-grossense nada fica a dever ao do folhetinista do "O Jornal do Commercio", antes sobrepuja-lhe na subtileza da concepção, no arranjo do seu texto.—*Pelo Asylo.*

"Referem as lendas que Christo, o divino Martyr do Calvario, encontrara uma vez para as bandas de Capharnaum uma creança morphetica, que os paes haviam abandonado ao longo das estradas..... A pobresinha agonisava ardendo em febre, coberto o pequenino corpo de feias chagas repulsivas...

—Que tens? de que soffres? perguntou-lhe o doce Nazareno.

—Tenho febre e tenho sêde, gemeu a infeliz creança: dae-me uma pouca d'agua por piedade, Senhor.

E Christo correu á fonte proxima e trouxe-lhe de beber, operando em seguida com carinho e amor o milagre da sua cura...

Que grande exemplo!

Inspirae-vos nelle, corações bem formados que me lêdes! Aprendei com o meigo Redemptor do mundo a amar os que soffrem e amparar os que precisam!

O Asylo de orphãos é como essa creança abandonada : necessita de quem o ampare, de que o auxiliem os que podem para que elle tambem possa bem cumprir sua humanitaria missão.

Protegei-o sempre, santistas generosos !

A deshumanidade é como um punhal agudo cortando o coração.»

Ahi tendes, senhores, pequena amostra da arte de Vieira de Almeida, mixto de sentimentalismo lyrico, de sobriedade attica, da plasticidade do estylo contemporaneo. Difficil se torna a distincção precisa dos dons apreciaveis de um estylo, attendendo-se a diversidade dos gostos.

Fazia-se a leitura do *Paulo e Virginia* em casa de Mme. Necker. De certo nós todos na pieguice dos quinze annos vertemos lagrimas compassivas nas paginas adoraveis desses amores felizes de creanças, toucados pela Morte, e ainda estou que todos vós, exmas. patricias, terieis os olhos mareados, ouvindo tal leitura feita pelo proprio *Bernardin de Saint Pierre*. Pois bem : alguem não chegou ao meio della. O Senhor de Buffon pediu a sua carruagem e partiu. E' que ao grande naturalista as paginas descriptivas do recanto pinturesco do idyllio de Paulo e Virginia talvez parecessem falhas daquella força da natureza que, consoante a sua esthesia pomposa, tornava se imprescendivel que o autor tomasse da propria natureza.

Tenho sem embargo que ha determinantes certas para a excellencia de um estylo. A prosa granitica de um Herculano póde ter preferencia sobre as lucilações da de Eça, para um ou outro galliphobo. Mas em que pese ao trabalhado da linguagem, da pureza do vernaculo, serão os dons da imaginação, será o proprio espirito do escriptor em suas precipuas qualidades intrinsecas que fixarão a superioridade da sua prosa. Reverso ao exagero, não estou estabelecendo comparação

e cito esses nomes excelsos quando muito para estabelecerdes, senhores, uma filiação esthetica. Acerca do estylo de Vieira de Almeida apenas notaræi que elle soube vasar os metaes nos moldes peculiares a cada um. O estylo era o dos seus assumptos. Si já por este tacto, este senso de boas letras elle alcançaria logar recommendavel apartando-se como poucos do gongorismo nacional, avaliemos o quanto obteve de destaque no jornalismo incipiente do nosso Estado. Casado com uma senhora paulista, regressou á nossa terra em 1903 para collaborar na administração estadual, simultaneamente com actividade no commercio e na industria a que posteriormente se entregou de todo, porem sempre assiduo no periodismo local, ora lançando artigos de polemica partidaria, ora contos regionaes ou de outra feição, ora, por largos periodos, chronicas cheias de encanto, subscriptas pelo singelo pseudonymo de *Flavio*. Suas chronicas . . . ellas constituem para o futuro a mais fiel photographia pittoresca da vida social de Cuiabá e do nosso Estado no lapso de decada e meia . . .

As vezes iam pela rama de assumptos mundiaes— a guerra italo—turca; a previsão de um terremoto na Argentina; uma annunciada descoberta scientifica; por assumptos nacionaes mais a miudo—a morte de Quintino—o patriarcha da Republica; a admissão de Vicente de Carvalho á Academia de Letras; por uma data nacional; mas, por onde particularmente nos interessam era no registro semanal dos nossos factos, e, ponto em que revelavam o *savoir faire* dos mestres, no discorrer sobre ninharias: um veranico de alguns dias; o nosso paquete á espera de repiquete para seguir viagem; —tudo era assim materia para as maviosas chronicas do *Flavio*. Vieira tinha sempre sincera, compassiva lagrima para as perdas dos nossos queridos. Lede-o no necrologio de Joaquim Murтинho, no do Dr. Costa Netto, no de Francisco Agostinho—e fino causidico, no do Cel. Delfino

Nonato Faria, o Cel. Finote como elle frizou ser tão geralmente estimado; vêde o seu coração de ouro carpindo até o passamento em Lorena de dois pobres bororós, que fizeram parte da banda de musica levada por D. Malan á exposição de 1908.

E que admiravel poder descriptivo das coisas da nossa terra! vêde em poucas linhas a descripção singela e exacta da mansão desses infelizes feridos do "mal inexoravel de que só um Deus podia, outrora, resuscitar os Jobs da legenda :

"No coração agreste do cerrado, em que se recorta, abrupta e pedregosa, a estrada que passa para a Lavandeira, ergue-se humilde, silencioso e triste, cercado de muros, lembrando uma fortaleza antiga, o pequeno hospital de S. João.

Ali vivem essas infelizes, desoladas creaturas cujo contacto todos evitam, porque a molestia que lhes vae aos poucos minando a existencia, com a pertinacia com que o urso branco dos polos persegue as caravanas, é, alem do mais, asquerosa..."

Quereis assistir a uma scena roceira ou dos arredores da nossa capital? Lede *Maria Rosa ou A Rosaria*.

—Maria, disse o pae, o Luiz vem pedi mea filha em casamento; é de seu gosto?

Houve um curto silencio. Maria sempre na mesma posição e vermelha agora como uma romã partida, não respondeu.

—Entonce. torrou o pae, não arresponde?

Vamos, rapariga, deixe-se de embromação.

—Ora eu tenho vergonha, papae.

E Maria Rosa cobriu o rosto com as mãos".

Assim chegamos a Vieira de Almeida — *conteur*.

Como sabeis, senhores, larga é a evolução do conto como são multiplas as variedades desse genero literario. O espirito *Yanke*, de utilitarismo tão absorvente, por inexplicavel contradição parece que ao influxo de Poe ainda

ama as novellas extraordinarias ; pelo menos estas andam no gosto popular e recordo-me haver lido como norma para a excellencia do conto o emprego de um titulo com algum mysterio, de um entrecho com pouca relação com o titulo de modo a não deixar ao leitor possibilidade alguma de suspeitar o desfecho. Assim, a surpresa como o melhor. Contos de Ibsen, tragicos ; de Guy de Maupassant, não menos tragicos, principalmente na phase em que se desarranjara o systema nervoso do mallogrado escriptor, parece que logram a preferencia dos povos do Norte. Na literatura portugueza parece que obtiveram maior acceitação sobre os de Herculano, unicamente adstrictos á reconstituição nem sempre exacta de edades passadas, os contos de Eça e Fialho, já pelo espirito critico daquelle, já pela fulguração verbal deste, já pelos estudos que fazem o seu objecto taes como o daquelle "O Defunto" e daquelle *Madona do Campo Santo*. Um é o estudo da morbidez do ciúme, amenizado pela phantasia mais arrojada de Eça ; outro é o estudo pathologico da nevrose de dois namorados. O professor Austregesilo classifica o José Mathias, de Eça, como um dos estudos mais bem acabados da psychonevrose sexual. Além entretanto dos contos com objectivo scientifico, todas as literaturas possuem os contos miudos que mais não fixam do que um recanto ameno da paisagem ; uma scena da rua ; uma carinhosa effusão de familia ; um quasi imperceptivel e momentaneo estado da alma — partes de um todo finalmente que fixa a vida, o homem e o scenario em que nos movemos. O excelso creador do genero no Brasil-Machado de Assis, modelo unico de atticismo nas nossas letras, hoje escreveria os seus Contos Fluminenses talvez pela metade... Vieira de Almeida legounos admiravel serie desses pequenos registros de impressões, de rapidas observações, syntheses dos nossos desejos, escorços graphicos dos nossos actos. *Maria Rosa, Rosaria*, já citados, *As Bexigas A Viscondessa, RazãoPo-*

derosa, Historia do Sertão, Nostalgia, outros e outros contos da sua lavra e exclusiva originalidade, andam dispersos no periodismo local, aguardando da admiração dos seus amigos e de quantos os leram, a oportunidade para os reunir em volume de modo a viverem vida mais dilatada os personagens bem observados pelo autor. *As Bexigas..* eis um titulo repulsivo, dirieis. Pois senhores, o conto demonstra o fino gosto de Vieira. Onde parece encontrarieis a descrição de escaras purulentas, todo o cortejo devastador e horripilante da terrível epidemia, deparareis com o retrato seductor de uma linda senhora recém-casada e com as suas apprehensões de ser victima da molestia, mas victimã no sentido de soffrer um desfiguramento que lhe roubasse o amor do marido adorado. Com que arte Vieira passa de leve na descrição dos estragos da variola e nos leva para a analyse das apprehensões de D. Luiza e da bondade de Paulo, cauteloso em dissipar os terrores da sua jovem companheira... E grassa a variola e Luiza logo adoece, pena bastante e morre. Concluireis que bom foi haver morrido, tanto terieis compaixão, minhas senhoras, de vel-a desformoseada. Sem exagero affirmo, senhores, que tal pequeno romance merece subscripto pelo homem de letras mais exigente e zeloso do seu renome.

Ha um genero inferior nas letras e por isso mesmo não raro, — o genero de literatura pessoal que o apurado senso esthetico de Machado de Assis tanto desdenhava e repulsava... Entretanto o maior expoente da nossa cultura no dominio literario, como a critica dos mestres o considera, o proprio Machado não escapou a essa tendencia por mais apurasse em escondel-a no *Memorial de Ayres*, já finalmente, firmando-a desassombreado naquelle formosissimo camoneano á *Carolina*.

Minha Filha, Anjo Enfermo são composições que ao lado de sas demonstram de sobejo que onde ha um

talento de *Affonso Celso* ou de um *Machado* bem pôde caber qualquer literatura pessoal. Vieira deixou-nos uma pagina de ordem intima a revelar-lhe a delicadeza das letras na expansão candorosa de suas affeições de esposo e genitor. Eu não me furto ao prazer de vol-a recitar porque será, senhores, como si na aridez de um deserto, no esmarrido desta palestra, encontrasseis alfim, o encanto ameno de algumas flóres ridentes:

Antonietta

A' luz incandescente de dois bicos de gaz, na larga varanda com janeellas que davam para o jardim, donde vinha áquella hora, na quente viração que de quando em quando perpassava, um cheiro bom de jasmims e rosas, Antonio de Almada, que era o redactor literario de um grande diario santense, escrevia a chronica da semana que fôra pobre de assumptos, pauperri-ma mesmo, sem um só acontecimento capaz de despertar o interesse e a curiosidade dos leitores.

Agarra-se, por isso, o chronista ao noroeste, que, como o sopro de uma fornalha, varrera á tarde a cidade, num longo beijo de fogo...

Que o noroeste era um verdadeiro flagello, tinha a propriedade de entorpecer os musculos, crestava toda a energia, embotava o cerebro.

E, por uma associação de idéas, se poz a fallar do Senegal que aos seus olhos se apresentava como um recanto do inferno, abrazador e maldicto.

E teve então phrases de commiseração e de dó para a pobre gente que o habita e luta com os rigores e as torturas do seu clima inhospito. Ah, que devia ser simplesmente horrivel o atravessar a gente a vida naquella longinqua região, a respirar constantemente uma athmosphera de fogo!

E voltou a fallar do noroeste, que agora começava a soprar com violencia. Aquillo era um supplicio, até pa-

recia que a cidade estava a expiar um grande crime imperdoavel...

Na sua imaginação exaggerada de artista, o noroeste tomava proporções aterradoras.

Mas elle é que o havia salvo! Fôra o unico assumpto da chronica, em que puzera todo o cuidado, toda a nobre preocupação de um artista que ama a Fôrma acima de tudo, que se deixa embriagar pela musica cantante e sonora da phrase...

Quando, após um grande esforço, suando em bica, como si tivesse feito uma longa jornada sob o sol abraçador do meio dia, terminou a obra, que depois emendou tantas quantas vezes a releu, voltou-se para a esposa, que, sentada em frente, bordava a retroz vermelho uma pequenina almofada de setim azul claro.

--Felizmente está feita a chronica. Para alguma coisa havia de servir o noroeste.

E se dirigiu para a janella, procurando sorver o ar que vinha do jardim, onde o luar derramava a doçura e o encanto de sua luz esbranquiçada e nostalgica...

Dona Julieta, que era uma senhora de seus vinte annos, tranças flavas, no olhar o azul de uma turqueza, estava um tanto pallida e abatida, como em convalescença de uma enfermidade que lhe houvesse apagado as rosas da face.

Ergueu os olhos brilhantes, que fitou, sorrindo, no marido, e continuou, num doce enlevo, a bordar, com carinho, a pequena almofada.

Era para sua filhinha, nascida havia um mez e que, áquella hora, dormia ali ao seu lado, o somno tranquillo e bom dos innocentes, num berço movel de junco, macio como um velludo...

De repente, uma forte rajada invadiu a varanda, fechando as venesianas, com grande ruido.

No alto céo, donde as estrellas começavam a de-

sertar, se amontoavam as nuvens negras, prenunciando uma revolução no tempo...

—Fecha as janellas, Almada, disse D. Julieta levando o berço para a alcova, receiosa de que o vento pudesse fazer mal á pequenita, que não despertava, entretanto, com o barulho, muito alva e tranquilla nos seus pannos de flabella amarella com grandes listas de setim azul.

E accrescentou, da alcova:

— Traze a almofada, que está sobre a mesa, e o retroz.

Almada examinou, então, attentiosamente, a delicada obra a que com a maior solitudine sua jovem companheira se entregára num grande desejo de que ella das mãos lhe sahisse sem o mais pequenino defeito.

E não se ponde conter sem manifestar á esposa a sua profunda admiração por aquelle trabalho, em que se adivinhavam a grãdeza e a ternura de um coração de mãe... Extranhára, entretanto, numa das pontas da almofada houvesse o nome de Antonieta.—Que era aquillo? Pois não haviam combinado que se chamaria Julieta se fosse menina? E fitando-a enternecidamente:

—Foi numa tarde de Maio, cheia dos magicos encantos que a primavera espalha sobre a terra, lembra-te? O sol tinha as fulgurações de um diadema em que se houvessem engastado as mais preciosas gemas...

Sahiramos a passeio, lá para as bandas do Paquetá. Vinha entrando um navio do Lloyd, no topo de um mastro a bandeira da Patria, com as suas vinte e uma estrellas symbolicas, aberta á doce viração que perpassava brincando com os teus cabellos, trazendo até nos o aroma silvestre dos montes visinhos, pondo no vasto lençol azul das aguas, ondulações que vinham, dolentes, umas após outras, morrer, na praia, numa cadencia de musica... Lembra-te? E ficaste a con-

templar, embevecida, o garboso paquete, até que elle desapareceu de nossa vista.

Estavas bastante agitada, como quem desperta de um sonho encantador...

Aquelle espectáculo trouxera-te á imaginação a idéa de que o nosso filho, que estava para nascer, bem podia se fosse homem, abraçar a carreira da marinha. E avaliavas a grande magua com que delle te separarias!

Certo não terias a necessaria coragem para o ver partir... E pensaste então na tristeza das mães que tinham filhos no mar. Que a marinha, além do mais, era uma carreira cheia de mil perigos; a vida do marinheiro lembrava a luz de uma vela bruxoleando ao vento... O mar era um grande trahidor; manso agora como um cordeiro, logo, agitado e ameaçador, rugindo como um leão... E a fronte banhada em lagrimas, que dos olhos te cahiam com gottas de orvalho, concluíste, a voz repassada de uma doce tristeza: "Pobres mães, que viveis separadas dos vossos filhos amados, a lhes rezar pela sorte, tremendo á mais longinqua idéa de uma catastrophe,—o meu filho ainda não veio ao mundo, ainda não conheci, como vos outras, as dores e as alegrias da maternidade, mas eu já sei avaliar a pureza dos vossos cuidados e a grandeza da vossa magua incomparavel!!!" Lembras-te?

Dona Julieta estava radiante de alegria, por ver que o marido, a quem queria um bem enorme, de nada se esquecera...

Mas não fora por mal que ella quebrára o pacto celebrado áquella tarde, quando recolhiam á casa...

A filha não era de ambos? Não a queriam os dois com o mesmo carinho, com a mesma dedicação, com a mesma ternura? Pois então devia chamar-se Antonieta, que lembrava ao mesmo tempo o nome dos dois ..

E, nos labios um tulgurante sorriso de quem acaba de vencer uma grande batalha, accrescentou :

—E olha que já mandei a declaração do nascimento para o registro.

A certidão está na tua secretaria.»

Será superfluo notarmos a espontaneidade das imagens que floream essas pequenas paginas, além do mais, tão singelas como vivas e naturaes.

Não ha nessas linhas compostas sob a urgencia da publicação do jornal, uma phrase a se emendar, um vocabulo a se substituir; tudo ahi está com a melhor propriedade e fluencia não commum: vosso gosto esthetico assim o julgará, segundo preferir o simples ao rebuscado, a letra da arte á vã declamação.

Defeitos ha, senhores, e não poucos na arte de Vieira de Almeida; mas restringindo-nos á consideração de que foi um *dilettante*; dando em prol que o nosso sempre lembrado conterraneo não soube reconhecer em si, essa qualidade que os francezes chamariam *qualité maitresse* e que foi, como podemos notar, o seu incontesteste pendor literario; dado que perlustrando o campo das lettras, tivesse n'o amanhã, com firmeza e aspiração e o houvessem favorecido condições de meio social e de carreira publica; houvesse elle espaçado a permanencia em S. Paulo onde tão a favor de sua vocação literaria andou-lhe a primeira mocidade;—temos que hoje seu nome se inscreveria entre os bons novelistas nacionaes, porque, não ha negar—os seus contos e as suas chronicas o demonstram, nem lhe faltou imaginação, nem lhe escassearam tintas á palheta dos quadros que ella lhe phantasiava a miude.

“Eu não sei escrever, dizia Fradique Mendes e accrescentava o paradoxo—ninguem sabe escrever.

Mas o autor de Fradique explicou bem, noutro logar, o paradoxo :

que eu suppunha simplesmente um collega no magisterio, e no estudo de cuja individualidade descobri, depois, assombrosa multiplicidade de preocupações.

Assim sendo, seja-me permittido, ao menos, relembrar agora os traços mais eminentes da sua longa e agitada trajectoria pela vida.

Em José Estevão Corrêa se distinguem, bem claramente definidas, as suas excepçionaes qualidades de funcionario modelo, de educador exemplar e de artista de merito.

Nascido em Cuiabá a 2 de Agosto de 1840, foram seus pais José Vicente Corrêa e D. Marianna Aurelia da Costa Leite.

Sentindo-se, bem cedo, privado dos carinhos e dos conselhos paternos, pela inesperada traasferencia do seu progenitor, que era funcionario publico, para a provincia de Goiaz, esta circumstancia entretanto proporcionou-lhe ensejo de desfructar a intimidade e a convivencia assidua do saudoso Barão de Melgaço, a cuja esposa se achava ligado por laços de parentesco, recebendo deste, amiude, lições, conselhos e exemplos, que muito contribuíram para a formação da sua alma de adolescente.

D'essa convivencia veio-lhe o decidido pendor para o estudo das mathematicas, cuja cathedra devia illustrar durante quasi meio seculo.

Em 1.º de Setembro de 1858, contando apenas 18 annos de idade, entrou para a vida publica como collaborador da extincta Thezouraria de Fazenda desta então provincia, começando dahi a sua vida de funcionario modelar.

Assiduo ao trabalho, como bem poucos, e intelligente sempre no desempenho das multiplas commissões que lhe eram confiadas, viu os seus serviços consecutivamente recompensados pelas altas autoridades da Fazenda com as seguintes nomeações ou promoções:

de praticante, a 30 de Maio de 1859; de 2.º escripturario por titulo de 26 de Novembro de 1861, do Ministro Paranhos; de 1.º escripturario por decreto de 15 de Julho de 1863, sendo Ministro da Fazenda interino, o Marquez de Abrantes.

N'este posto foi em Abril de 1868, transferido para a Thesouraria de Goiaz, e em Setembro do mesmo anno novamente transferido para aqui.

Promovido a chefe de secção por Dec. de 28 de Julho de 1869, no Ministerio Itaborahi, era em 28 de Outubro de 1874 nomeado Contador da Thesouraria, no Ministerio presidido pelo visconde do Rio Branco.

Transferido ainda uma vez, em 1883, para o Ceará. para esta Thesouraria voltava entretanto, e definitivamente, em 1886.

Obtendo a sua aposentadoria pelo Decreto de 30 de Outubro de 1889, teve ainda esta sua pretensão demorada pelo Presidente do Conselho de Ministros o Sr. Visconde de Ouro Preto, que declarára não poder dispensar os seus serviços.

Esta só declaração feita por um homem do valor do ultimo dos Presidentes do Conselho da Monarchia, basta para tornar benemerita uma fé de officio.

Aposentado embora, no serviço da Fazenda, foi buscado ainda o Governo de Mato-Grosso para confiar-lhe a Inspectoria do Thesouro do Estado, em cujo cargo continuou a revelar-se o mesmo trabalhador infatigavel e competente, até a sua exoneração, em consequencia da queda do seu partido após a commoção politica de 1906.

Até aqui o funcionario publico, agora o educador. Nomeado por titulo de 2 de Junho de 1870, do saudoso bispo D. José Antonio dos Reis, que em virtude do disposto no art. 7.º da Lei n.º 4 de 23 de Maio do mesmo anno de 1870, fôra autorizado a fazer, independente de concurso, as primeiras nomeações, para a re-

gencia effectiva da cadeira de mathematica, do curso secundario annexo ao Seminario da Conceição, começa d'ahi o seu longo e benemerito apostolado pela causa sacro-santa do ensino.

Do Seminario para a antiga Escola Normal e d'esta para o Lyceu Cuiabano, em cuja cathedra de mathematica a morte veio surprehendel-o a 12 de Outubro de 1917, veio elle sempre pontilhando de luz o seu sublime sacerdocio.

Energico e exigente quando ainda no vigor dos annos, bondoso e complacente depois que o inverno da vida veio nevar-lhe a veneravel cabelleira de avô, os seus numerosos alunmos de varias gerações, ainda hoje recordam-se saudosos das magnificas lições d'elle recebidas.

E era um prazer ver-se com quanta satisfacção, com quanto carinho e com que assiduidade, aquelle velhinho sempre loquaze pilherico, com que ainda tive a ventura de conviver por 10 annos na Congregação do Lyceu, comparecia diariamente ás aulas do nosso mais antigo estabelecimento de ensino secundario para edificar, com o seu exemplo, as gerações que surgiam.

Durante o quasi meio seculo da sua permanencia na actividade do magisterio, não houve, no departamento do ensino, uma só iniciativa, uma reforma, uma nova fundação, que não tivesse a sua sempre acatada collaboração, só imitada pela collaboração sabia e prudente de Ernesto Camillo Barreto.

Foi o regulamentador do departamento da instrucção publica durante decennios.

Professor de diversas cadeiras, inspector escolar da Capital, director do Lyceu Cuiabano, director geral da instrucção Publica, em todos esses logares deixou a gradavel memoria da sua passagem.

Grande amigo de festas e recompensas escolares incentivava-as, com frequencia nas suas numerosas vi-

sitas a estabelecimentos de ensino publicos e particulares, não poupando esforços para estimular a infancia estudiosa.

Atè hoje se recorda com saudades da imponente grandiosidade da maior festa escolar de encerramento do anno lectivo, promovida por sua iniciativa e realizada a 24 de Fevereiro de 1899.

Eis como a descreve Estevão de Mendonça no primeiro volume das Datas Mato-grossenses: "A's 5 horas da tarde reuniram-se no edificio do Lyceu Cuiabano todos os professores das escolas publicas e particulares, acompanhados dos respectivos alumnos, em numero elevadissimo. Organizado o prestito, na melhor ordem, percorreu em seguida o seguinte itinerario:— praça D. Carlos, avenida Murтинho, ruas Barão de Melgaço, 11 de Junho, general Valle, Villas-Bõas, 13 de Junho, 27 de Dezembro, 7 de Setembro, 1.º de Março, Antonio João, bispo D. José, Cel. Peixoto, Misericordia e Couto Magalhães, recolhendo-se ao Collegio Salesiano.

A' frente da primeira columna, composta de cerca de 300 meninas, todas vestidas de branco e empunhando bandeiras multicores, tocava a musica do 8.º B. de infantaria, á frente da 2.º columna, composta de cerca de 600 meninos, tocava a musica da Companhia de Operarios militares, á frente do grupo formado pelos alumnos do Lyceu Cuiabano, ladeado pelos professores, tocava a musica do corpo de policia. As musicas do Arsenal de guerra e da Escola de Marinheiros, ficaram a frente dos alumnos d'esses estabelecimentos militares.

A passeata foi de um effeito deslumbrante pela boa ordem e inexcusable gosto, disse um dos jornaes de então. Recolhido o prestito ao Collegio Salesiano, já repleto de senhoras e cavalheiros da melhor sociedade, seguiu-se a cerimonia da distribuição de premios e di-

plomas aos alumnos approvados nos exames annuaes, cerimonia que terminou por um emocionante hymno escolar, cantado por uma turma de meninas acompanhadas ao piano por distincta amadora.»

A terceira parte da festa consistiu num bem organizado entretenimento litero-musical.

Recebi eu nessa solenidade, que jamais apagou-se-me da memoria, a medalha de 1.º premio de applicação com que era recompensada a minha approvação distincta nos exames do curso elementar.

O estimulo e a emoção profunda quo a cerimonia provocou em meu espirito de criança, foram tão intensos que eu desde então acostumei a venerar aquelle velho que ali estava, com a alma transbordante de jubilo remocada com o contacto da multidão infantil.

Meticuloso no serviço de que estava encarregado ou que fiscalisava, tinha com os distinctos representantes do magisterio primario da capital, frequentes turras por elles classificadas como impertinencias de velho.

Depois de uma d'essas turras disse-me elle sentencioso : — Não ha duvida, meu amigo, que as mulheres prestam-se admiravelmente para o ensino, principalmente em se tratando da formação dos alumnos de tenra idade ; mas nem por isso deixam do ter inconvenientes, tão grandes, que ás vezes fazem-nos perder a paciencia.

Se não se casam tornam-se bellicosas, depois de um certo tempo ; e se casam, necessitam de licencias periodicas que muito atrapalham o regular funcionamento das escolas.

Por essas razões, continuou elle, eu cogito de dois projectos : um que marque um limite certo de idade e de tempo de serviço, para a jubilação forçada ; e outro que estabeleça licenças ou ferias moveis at. tendendo-se á solicitação da requerente.

Só me falta resolver accrescentou, com um sorriso malicioso, o que agora se está discutindo no parlamen-

to do jovem republica portugueza: se para o effeito da percepção dos vencimentos, as licenças ou férias devam, ou não, ser concedidas por motivo alheio á vontade de quem as requer.

Isso devemos entregar, respondi eu, ao criterio do legislador.

Se como professor José Estevão foi um benemerito, como educador, no lar, elle merece, de nós todos, um verdadeiro culto.

Casando-se na cathedral d'esta cidade no dia 25 de Fevereiro de 1865 com D. Roza da Gloria Paes de Barros, desse feliz consorcio nasceram os seguintes filhos: Antenor, Audelino, Marianna, Maria, José, Marianna e Jayme, os dous ultimos já fallecidos.

Dos filhos sobreviventes, os homens, residem actualmente no Rio de Janeiro, como funcionarios superiores do Thesouro Nacional, onde diariamente dão mostras da solida formação moral e intellectual que elles devem ás austèras e carinhosas lições paternas.

As filhas foram sempre esposas exemplarissimas, verdadeiros anjos de lares aos quaes inteiramente se dedicaram.

Não contente com o educar os proprios filhos, a sua acção de pai estremoso estendeu-se ainda até aos numerosos netos, cuja educação dirigiu e custeou, estando elles ahí a attestar o nobre cuidado do avô, cuja imagem veneranda guardam sempre cercada de reverente e immorredoura gratidão.

Artista de gosto, fez do seu lar um recinto de melodias, encantando a quem contemplava o ancião risinho mas disciplinador, empunhando a batuta de maestro cercado dos filhos e netos, todos elles interpretando, na execução de varios instrumentos musicaes, os mais afamados autores.

Nem os cuidados da maternidade e nem as fadigas da vida publica puderam dissolver a orchestra aba

lisada, que por largo tempo foi applaudida nas nossas festas de arte.

O seu amor pela arte musical era tão intenso que levou-o, já casado e maduro, a desordenada paixão pela bella actriz Izabel Eliot, pertencente a uma companhia de zarzuellas aqui aportada.

Os versos á Izabel, que então e sob sua assignatura, publicou na "A Situação", provocaram a impiedosa maledicencia publica estereotypada nas columnas do organ: da opposição ao partido politico a que pertencia, em repetidas mofinas ao "José dos versos".

Os seus adversarios attribuiam a paixão aos encantos da mulher; Estevão de Mendonça pensa entretanto que ella era toda pelo talento da artista.

Por uma e por outra cousa, podia bem ser.

Cuidadoso cultor da fórma, até aos seus relatorios de serviço publico dava feição elegante, bastando para corroborar esta affirmativa o seguinte trecho do relatório do anno de 1911 apresentado por elle, como Director da Instrucção, ao Presidente Pedro Celestino: "Reorganizada, como foi, pelo Dec. de V. Exa. n. 265 de 22 de Outubro do anno passado, a instrucção primaria estadual, liberta, como se acha ella hoje, do estado doentio em que se debatia sob o poder da velha rotina que tanto atrophiava o seu desenvolvimento; vasado o seu programma de ensino nos moldes dos mais aceitos principios e regras de pedagogia moderna, acredito não haver temeridade em se lhe augurar, para breve, a época do seu florescimento, desde que sejam, como cuido que hão de ser, as novas escolas servidas por professores convenientemente preparados, que bem comprehendam e desempenhem os deveres da sua elevada missão social, e que, empenhando o facho que conquistarem em sua peregrinação pelo instituto normal, com elle se fortifiquem, de modo a baterem com segurança os impérvios caminhos do futuro, certos de serem um dia

vencedores nas justas aspirações de suas legítimas esperanças. Primeiro, porém, que este vaticínio se transforme em realidade, longo estadió haverá ainda a percorrer, muito trabalho a executar e grandes difficuldades a superar. Preconceitos inveterados de um lado, costumes arraigados de outro, a pouca illustração da maioria da população, por uma parte, a má vontade de uns e o indifferentismo de outros, por outra parte, taes serão os principaes baluartes contra os quaes terão que terçar armas no campo da luta, os operosos obreiros a cujo cuidado foi confiada a nobre tarefa de diffundir o ensino obrigatorio e intuitivo, nas escolas estaduaes do ensino primario».

Estas palavras dizem da competencia profissional do seu autor.

Primor de forma é tambem a pequenina joia com que resumiu o seu sentir no discurso pronunciado em sessão solenne de 13 de Junho de 1909 quando, como Director da Instrucção, presidira, no Palacio do Governo, á cerimonia da collação de gráo aos bachareis em letras da 2.ª turma do Lyceu Cuiabano, aos approvados o anno lectivo de 1908.

Sempre enlevado pelas festividades escolares, assim dizia elle: « — Por isso, synthetizando quanto posso o meu pensamento, lembrarei apenas e muito pela rama que, se a escola é a officina onde se prepara o espirito e se forma o character d'esses caminheiros do futuro, meninos e adolescentes hoje e cidadãos amanhã, a instrucção é o phanal de cujo fóco rebentam as chamas que lhes abrazam os corações, lhes apagam os bacos nevoeiros da intelligencia, e fazem com que, após os seus primeiros e timidos vôos de ensaio, lá para mais tarde com as azas abertas aos ventos do infinito, se abalem elles do ninho paterno em busca da Canaã de glorias com que de longe lhes acena o anjo de suas speranças ; se a escola é o templo que, com o mesmo cá-

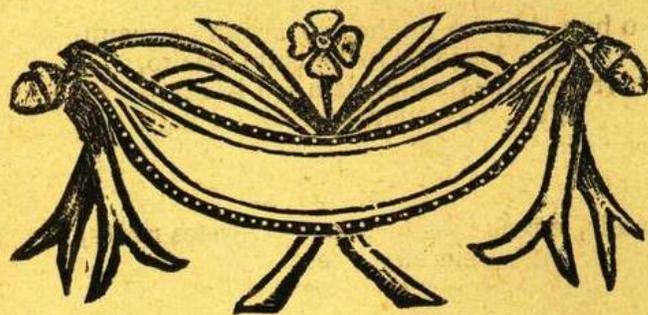
Lastimava-se então da sua pessima letra e com esse pretexto dictava o conteudo venenoso a alguém de melhor calligraphia.

Ia para a redacção o trabalho bem legivel, e como nem sempre é perfeita a discrição dos typographos, na semana seguinte a folha da opposição justava as contas com o calligrapho innocente.

Mas porque determo-nos diante da sua individualidade considerada como politico, que elle foi de pouco destaque?

Nem é do meu proposito estudal-o sob este aspecto.

Fiquemo-nos pois por aqui e rendamos uma homenagem sincera e justa ao eminente educador a quem Mato-Grosso tanto deve.



O PALANQUIM

(*Leconte de Lisle*)

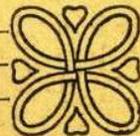
Aos domingos, envolta em clara musselina,
Sob o crystal da manhã breve,
Tu vinhas á cidade em teu palanquim leve,
Descendo as rampas da collina.

Na egreja repicava o sino alegremente ;
O ar marinho ondeava as cannas ;
Como um granizo de oiro, ao alto das savanas,
O sol faiscava incandescente.

Com o bracelete ao punho, ao artelho a manilha
E o lenço flavo ao collo affeito,
Dois escravos fieis conduziam teu leito,
Feito de esteiras de Manilha.

Cantando, e recurvando os seus jarretes rudes,
Ageis, em suas vestes brancas,
Com o bambú sobre a espadua e com as mãos sobre as ancas,
Elles ladeavam os açudes.

Ao longo da calçada e das casas antigas,
Onde os indigenas fumavam,
Entre os Negros joviaes, eis que elles se animavam
Ao ruido alegre das cantigas.



Fluctuava no espaço o odor do tamarindo ;
Por sobre as ondas espelhadas,
Viam-se aves ao largo, em constantes revoadas,
Nas grandes nevoas immergindo.

E, enquanto pelo bosque em virente matiz,
Mostrando o roseo pé pendente,
Ias no palanquim, com a bocca mais rubente
Que mesmo os fructos dos Letchis ;

Emquanto a esvoaçar, alguma borboleta,
Tinta de azul e carmezim,
Poisava, te sombreando a pelle de setim
Com o resplendor da aza inquieta ;

Da cortina atravez bem percebia a vista
Teus cachos de oiro, ao travesseiro,
E, os cilijs entreabrindo, em seu dormir ligeiro,
Teus bellos olhos de amethysta.

Era assim que ao alvor desses dias ufanos
Vinhas á missa, na cidade,
Com essa graça ideal da rosea mocidade,
Ao passo igual dos teus Indianos.

Hoje, sob o areal infecundo e tristonho
Do mar, com seus tristes ruidos,
Tu repoisas por entre os meus mortos queridos,
Virgem do meu primeiro sonho.

Augusto Cavalcanti



○ VETERANO ○

No ser commemorado o anniversario de uma batalha

Ao Dr. Pacifico Lopes de Siqueira

Embora alheio a tudo e ao ruído indifferente,
Nesse dia, elle fôra, á hora matinal,
Sentar-se a sua porta, envolto no brial;
Mostrava-se no aspecto envelhecido e doente.

Ja perto vinha soando a musica marcial;
E elle, pouco depois, vira passar em frente
Infantes e esquadrões, ao clangor estridente
Dos clarins, celebrando a data festival.

Elle evocou, então, num rapido momento,
A peleja, atravez do tempo fugitivo,
E os feitos e trophéos do antigo regimento.

E, subito, a tremer de modo convulsivo,
Como um homem que está no seu passado absorto,
Exclamou: « Avahy! » E ao lado cahiu morto.

Augusto Cavalcanti

Leowigildo de Mello

Perdeu o Centro de Letras, com a morte preinatural do seu socio Leowigildo Martins de Mello, acontecida nesta cidade, a 4 de Agosto deste anno, um dos fortes esteios sobre os quaes repouza a mais grata esperança que se impuzeram os fundadores da nossa incipiente agremiação belletrista, qual seja a de promover e incitar a cultura literaria em Matto-Grosso, como preceitua o seu estatuto basilar logo na primeira das suas disposições.

Effectivamente, Leowigildo Mello detinha em si qualidades que só muito raramente se reúnem em uma mesma individualidade, necessarias para a objectivação do ponto de vista a que o Centro se obrigou.

Pedagogista distincto entre os mais eximios da actual geração de educadores; jornalista adextrado na arte difficil de levar o publico ao convencimento da justeza dos ideaes que defendesse; orador fluente, possuidor do segredo de enlevar as multidões; intelligente; sympathico; maneiroso; quem estaria em melhores, em o mais favoraveis condições de propugnar, com immediata vantagem, pelo melhoramento da cultura geral em o nosso meio, intensificando a campanha bemsfazeja contra o analfabetismo; desenvolvendo o estudo da literatura patria, particularmente das suas manifestações em Matto-Grosso; cultivando as bellas letras em suas diversas expressões; propugnando, emfim, pela educação artistica e literaria do povo conterraneo?

Muito moço ainda, pois a morte arrebatou-o do seio dos vivos aos trinta e tres annos de idade; nessa época em que o espirito humano, em geral, está ainda pouco aparelhado para supportar os embates da sorte e vencer, na vida, já Leowigildo Mello havia accumulado for-

te cabedal de conhecimentos praticos, que o habilitavam a lutar sempre com esse ardor, com esse entusiasmo caracterisante daquelles que sabem que "querer é poder," quando aliam á intelligencia cultivada o modo de — saber fazer—chegando, afinal, á victoria das causas pela qual se batem—exultantes da confiança em si mesmos depositada.

Quando, em 1916 fora demittido de director e professor de pedagogia da Escola Normal desta capital, por questões inteiramente afastadas do fôro do ensino official, cargos esses que vinha exercendo desde a fundação desse estabelecimento de educação, em 1911, muitos de seus amigos suppozeram voltasse elle para S. Paulo, a retomar posição condigna no magisterio de sua terra natal, donde havia sido indicado para a commissão que aqui desempenhou, com verdadeiro lustre. Assim porem não lhe permittio o amor proprio, que é o brio de cada um, preferindo aqui permanecer, procurando na advocacia, profissão para a qual se habilitou por exame, e da qual não se descurou nem um instante, recursos com que hevesse de prover a subsistencia dos entes queridos que constituiam sua adorada familia.

Este incidente só, de sua vida, denotando tanta energia, grande tenacidade e tamanha capacidade de trabalho, intelligentemente aproveitado, justifica plenamente a confiança que seus companheiros do Centro de Letras depositavam na acção de Leowigildo Mello, propagadora, constructora e consolidadora dos ideaes para os quaes convergem os seus esforços communs.

O Centro Matogrossense de Letras chorará eternamente o desaparecimento do seu distincto consocio, e a redacção desta revista experimenta ainda, mezes decorridos do desolador acontecimento, a mais cruciante dor, ao renovar á illustre familia do inolvidavel extincto as expressões do seu indelevel pezar.

Ovidio Corrêa

A QUEDA

*No incessante plangor, nas guaias dolorosas
que as aguas se estorcendo em brusca convulsão
urram, bramem, mordendo as frágas alterosas,
ha um profundo mysterio, uma occulta afflicção.*

*O cavo regougar de vozes lamentosas
que se eleva febril, de cachão em cachão,
parece o soiuçar de dores tormentosas
que resumbra, carpindo, um pétreo coração.*

*E a torrente caudal de espumarentas aguas
desfiando um rosario intérmino de maguas
levanta o mobil dorso e desaba no abysmo.*

*E espadanando cae sobre o pedrouço adusto
num rábido estertor de gigante robusto
que agoniza, rugindo, em doido paroxismo.*

Ulysses Cuiabano

PAGINAS CONTEMPORANEAS

EXTRANHA COINCIDENCIA

(Soter de Araujo)

SE os meus ouvidos estavam fitos naquelle momento, perscrutando em torno e attentos ao minimo bulicio, á espera do prenuncio da Missa do Gallo, porque me não haveria de assustar sobremodo aquelle ruido brusco do baquear de um corpo, aos pedaços, justamente nas vinte e tres horas da mais serena noite de Natal?

Mas não só a mim impressionou o phenomeno, pois as pessoas da vizinhança ainda accordadas — e que eram toda a gente da minha rua — não correram pressurosas ás janellas e ás portas, indagando anciosas do estranho acontecimento?

E a todos nós, não nos aturdiu no primeiro instante o observarmos em frente á velha casa do pobre velho uma nuvem esbranquiçada a sair, a subir, a se evolar no espaço e a confundir os animos, parecendo a uns o fumo de uma fogueira invisivel, lembrando a outros a poeira pardacenta dos desmoronamentos?

E quando lá chegámos, defronte a casa, no local anuveado, não foi com espanto, quiçá, quasi pavor, que se nos deparou confuso o quadro aterradorante do interior de uma sala pauperima atravessada por uma rede, retesa e pejada, e tendo ao fundo, sobre uma mesa tosquissima um oratorio tão conhecido de todos nós?

Pois não havia fechando a casa uma parede de frente?

E naquella noite, á quella hora não nos estava vedado de contemplarmos o Menino Deus, de vestido novo no oratorio florecido, como ha tantos annos estavamos, acostumados de vel-o?

* * *

O preto Leonardo vinha de tempos immemoriaes para nós. Quando fomos habitar aquella rua, logo apòs a revolução de 92, todos os muros que circundavam os quintaes da redondeza constituíam obra e labor do velho taapeiro. Fôra elle com seu filho mais velho Saturnino, o Satú, sorna e bonacheirão, que levantara com inaudita pericia aquellas taipas grossas, asperas, emburacadas, mas solidas, resistentes e quasi eternas.

Elle era o unico artista no genero, na cidade.

Para mim, o velho Leonardo devia ser um estrangeiro: d'Angola ou de Moçambique, as suas feições, os seus modos, a profissão que exercia, o atrapalhado da fala quando trocava linguas com o centenario Pae-João ou o desequilibrado Manè Tabadando, tudo me fazia acreditar num estranho da terra, emigrado de longe por circumstancias talvez completamente alheias á sua vontade. O treze de Maio, porém, fizera-o engenheiro de taipas.

De quando me conheci em criança até ausentarme do meu torrão natal, por todos os sóes que illuminaram Cuyabá, sempre os vi, em todas as horas, suar no Mundéo ou na Prainha, para os lados do Areião ou da Mandioca, na Lavrinha, Lava-pés ou Despraiado, semi-nus, transudando, reluzentes, com a pesada maceta nas mãos, as pernas abertas sobre o caixão que modelavam, socando, gemendo e assobiando.

Os movimentos eram uniformes, as pancadas isochronas: desciam a maceta, « hum! »; suspendiam a maceta, « psiiio » . . .

O sol escaldava e o baluarte ia sendo levantado, feito daquelle conglomerado de barro, areia, cascalho, agua e suor.

Até lembrava a obra dos romanos!

* * *

A familia Leonardo compunha-se de quatro pessoas: o velho, *sea* Maria, a afamada lavadeira do bair-

ro, Malaquias, soffrivel carpinteiro do Arsenal de Guerra e Satú.

A vida afatigada e intensa que levavam era toda desproporcionada ás condições paupérrimas em que viviam. Se, pois, do trabalho ininterrupto e constante não tiravam proveitos capazes de um fausto superior á camisa de Adão, usada ao sol, por dias a fio, pelos dois taapeiros, porque persistir naquella profissão rude, absorvente e mal compensadora? Promessa ou devoção, o certo é que os onze mezes passados ao grande sol sóccando, á beira-río, batendo roupas, e na officina cepilhando, se transformavam naquelles trinta-e-dois dias intensissimos de preparativos, festas e desarranjos. O seu Leonardo festejava o Natal como ninguem naquella terra. Não fazia como o Jarcem, com os seus « passos » da Semana Santa, ostentando ao clamor publico os apóstolos com caras de bolshevistas e a respectiva bandeja pedinchona; nem como os padres da Rua-Nova com o seu chronico presepe de mangedoura, monjólo e elephante reverencioso, agitando a cabeça e mostrando com a tromba a salva de prata onde tilintavam as moedas de nickel; nem tampouco como aquella familia do bairro da Mandióca, em cujo presepe collocavam figurinhas de barro caricaturando as personalidades cuyabanas; não, as festas do Leonardo consistiam simplesmente na reza da vespera do Natal, na Missa do dia, e no atambaque dansado por tres dias e tres noites consecutivas.

Ahi è que elle gastava as economias do anno. Imaginem que até matava uma rez!

*
* *

Os preparativos para a festa vinham de longa data. Devotos e conhecidos, de semanas, transportavam-se sollicitos para o adjutorio necessario. Na vespera, chegavam a rez para o córte e os *instrumentos* para a dansas. Os *instrumentos* eram dois cepos de madeira, no fei-

tio de um pilão, tendo a boca tapada por um couro esticado e cozido ao pescoço.

Ao entardecer, o *seu* Leonardo ordenava ao primogenito: « Satú, tempera os *instrumentos* ». E os ce-pos eram arrastados todos para junto de uma fogueira accessa e cavalgados pelo serviçal herdeiro, que com as mãos callosas dava pancadas no couro aquecido e com os ouvidos apurados diferenciava os sons graves dos agudos, de um e de outro, até sentir uma perfeita harmonia no conjuncto. A essa hora, a rez jazia esquartejada no terreiro, o couro especado em varas, o *alud* num boião fermentado effervescia, os candeiros iam sendo accendidos e os convidados começavam a chegar.

* *
*

A's vinte-e-tres-horas approximadamente, por entre exclamações de regosijo e sympathia geraes, Vicente Quatr'olhos, o *Tirador das rezas*, abrolhava á porta, envolvendo os circumstantes nas dobras de um sonoro e irresistivel «bôas-noites». Dahi ha pouco os joelhos comprimiam o sòlo frio, as mãos justapostas em gume para o oratorio, apontavam o alto e as vozes em coro respondiam á cantilena decorada do coripeu das almas.

A reza terminava beirando a meia-noite, quando os sinos das Igrejas davam o derradeiro signal para a missa do Gallo.

Nesse momento, então, desoccupada a sala dos moveis que ainda a enchiam, os *intrumentos* sendo collocados junto à meza do oratorio, dava-se inicio ao mais violento, ao mais atreador dos passos de Terpsychore: o *atambaque*.

Dois tocadores, revezando-se de vez em quando e cuspinhando as mãos a cada momento, caiam de palmas sobre o diaphragma retesado, produzindo um sor fundo, quente, redondo, que enchia o ambiente, e quanto em torno corpos se revolteavam, umbigand

em requébrós, e os pés batiam e raspavam o solo, num movimento desorientado.

A' musica rudissima e á dansa selvagem vinha juntar-se o canto monotonó, intenso e pesado, repetido quasi indefinidamente:

Que santo é esse?

E' seu-menino . . .

Que santo é esse?

E' seu-menino . . .

De vez em quando mudavam de toada:

Agua de canna

E' tombadô!

Agua de canna

E' tombadô! . . .

* *

Pae-João, porém, num momento de anseio para todos, quando o enthusiasmo da dansa attingia o auge, apparecia calçando alpercatas e perneiras de esteirinhas de palha que produziam o ruido d'azas dos gafanhotos ou do guizo das cascaveis.

Os dansadores acobardados encostavam-se ás paredes, e elle sosinho, sonante, ruidoso, rythmado se desdobrava em tregeitos e cabriolas e enchia a sala de uma musica extranha, agreste e singular. Nesse momento *sea Maria*, a dona da casa, de vestido branco engomado, equilibrando na cabeça uma garrafa vasia, empinando o corpo, amiudando os passos, bamboleando os quadris, deslisava pela sala na mais vaporosa, provocante e embriagante das dansas

Era a .dansa classica . . .

Nijinski e Karsavina, no Municipal.

lic
van
sas.

A's primeiras horas do dia seguinte, um cortejo rido de gente da festa e moradores da rua acompa-

SONETOS

*«Heróe e Deus, serei a Belleza ! » «A Belleza
É a Paz» «Serei a Força» «A Força é o esquecimento...»
«Serei a Perfeição ! » «A Perfeição é a Morte ! »*

Glavo Bilac

I

Quando, ao vario sabor da procella sanhuda
Do amor e da ambição, do egoismo e dos sonhos,
Que brame no teu seio em fremitos medonhos,
E em serras de negrume o mar da alma transmuda,

E do intimo do ser, da natureza muda,
Partem gritos de angustia irados e tristonhos,
E a pouca luz dos teus poucos dias risonhos
Na desesperação e na dor se demuda,

Quando, nos torvelins da incruenta batalha,
Em que o ser anniquilla o proprio ser, um raio
Do algente desengano em teus olhos se espalha,

E' que após a tua louca agitação extrema
Brilha o clarão da paz, divinamente gaio,
Da paz, suprema luz e belleza suprema.

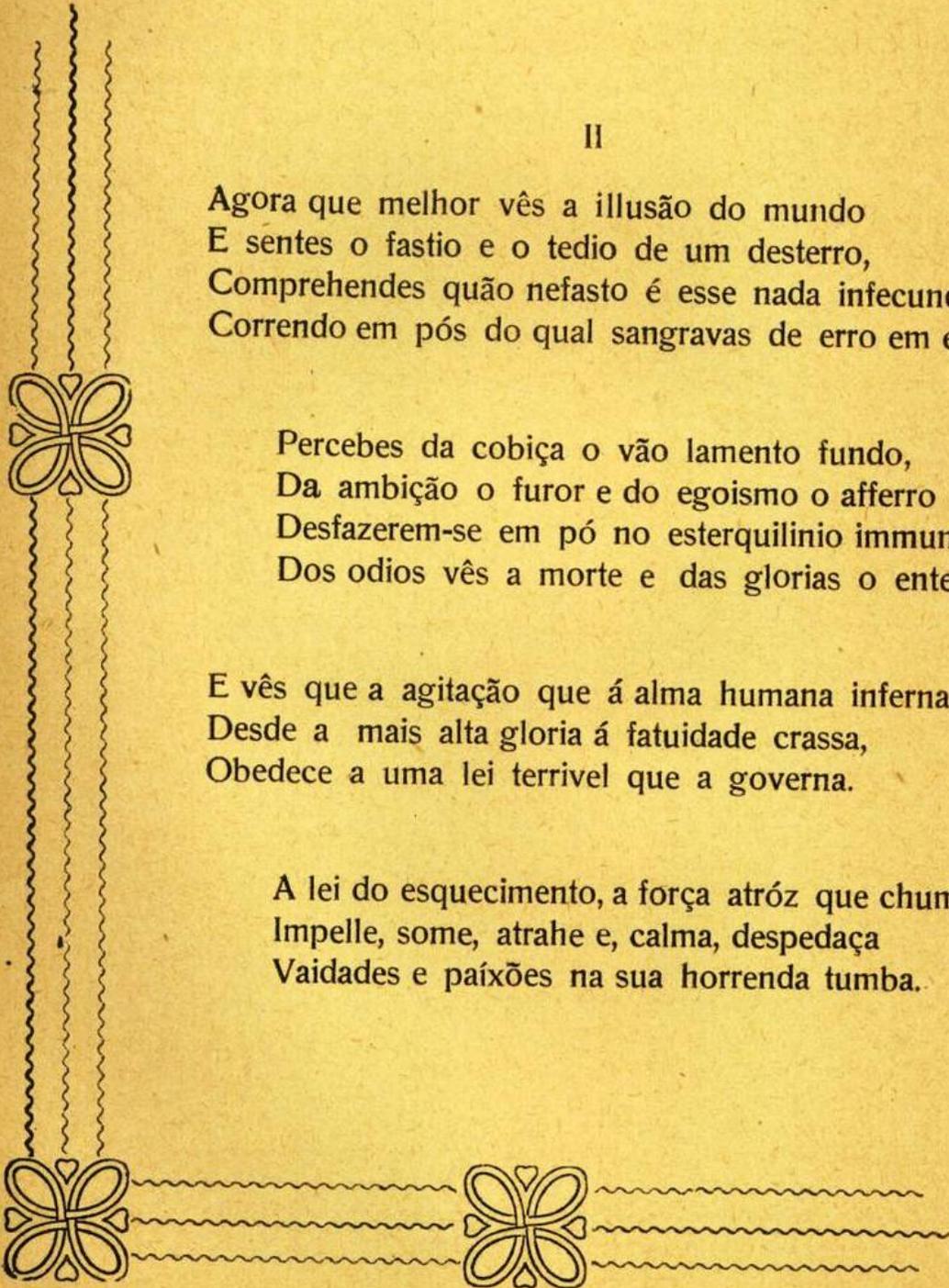
II

Agora que melhor vês a illusão do mundo
E sentes o fastio e o tedio de um desterro,
Comprehendes quão nefasto é esse nada infecundo,
Correndo em pós do qual sangravas de erro em erro.

Percebes da cobiça o vão lamento fundo,
Da ambição o furor e do egoismo o afferro
Desfazerem-se em pó no esterquilinio immundo,
Dos odios vês a morte e das glorias o enterro.

E vês que a agitação que á alma humana inferna,
Desde a mais alta gloria á fatuidade crassa,
Obedece a uma lei terrivel que a governa.

A lei do esquecimento, a força atróz que chumba,
Impelle, some, atrahe e, calma, despedaça
Vaidades e paixões na sua horrenda tumba.



III

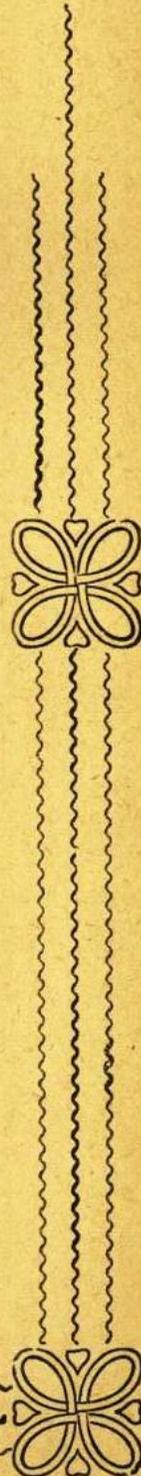
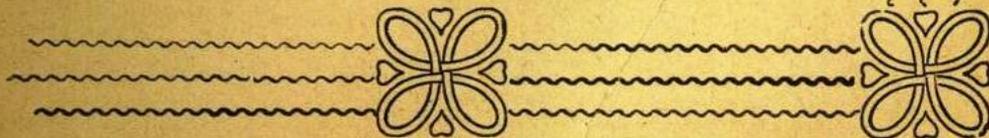
Que vale o orgulho vil ter levantado um throno
Do enganoso poder na areia vacillante,
Se tu gozaste só, nesse minuto instante,
Da mui fatua vaidade o muito fatuo entono?

Breve se egualará a palmeira dominante
Á herva humilde jazendo em misero abandono,
Porque a morte, em seu gesto implacavel e absono,
Implanta, cega e ultriz, a justiça triumphante.

E já tens mais bondade, ó estatua de vangloria,
O mortal, contemplando a sinuosa esplanada,
Onde arrastaste mal a vida transitoria,

E vendo, — a alma subtil toda maravilhada —
Em todo o seu fulgor, em toda a sua gloria,
A summa perfeição impassivel do nada!

José Vilá



PAGINAS ESQUECIDAS

QUE IMPORTA?

(José Thomaz de Almeida Serra.)

*Que importa a olencia mystica
Que exhala a branda aragem
Entre a basta folhagem
Do laranjal me flôr,
Si ao lado teu, em extasis,
Em meus loucos anhelos,
Eu bebo em teus cabellos
Mais divinal odôr ?*

*Que importa a rosea petala
Do cacto se entreabrindo,
Si a lua o rosto lindo
Eleva na amplidão,
Si nesse seio lubrico
Tens rosa, niveo lirio,
Que trazem em delirio
Minha febril razão ?*

*Que importa o coral nitido
Que o mar á praia lança,
E que vinda a bonança,
Do sól fere o fulgor,
Si nesses labios humidos,
O' luz de meu destino,
Vejo coral mais fino,
De mais lindo rubor ?*

*Que importa o canto aereo
De patativa c rula,
Que vai em nota querula,
Perder-se nos espaços,
Si ha notas mais suaves
Nossa v z de sereia,
Si me tens na cadeia
De teus eburneos braços ?*

*Que importa o louco anathema
Que contra n s fulmina
O mundo vil , si a sina
Nos deu um  lo — o amor?
Que importa, si ao teu lado
Feliz s r posso ainda
Gozar ventura infinda
Do c o tendo o favor?*

*Que importa a estrella fulgida
Que em noite tropical ,
De luz innunda o val,
Em c o de nuvens n ?
Que importa o v o bulicio
Que esta existencia encerra ?
Mulher! Aqui na terra
A minha estrella --  s tu.*

Cuiabá, 18 de Janeiro de 1888



Actas das Sessões do Centro

Acta da 1ª sessão ordinaria do Centro Mattogrossense de Letras

Aos dezoito dias do mez de Setembro do anno de mil novecentos e vinte e um, pelas 9 horas, no salão nobre do Palacio da Instrucção, reuniram-se os snrs. desembargador José de Mesquita, Virgilio Corrêa Filho, Joaquim Gaudie de Aquino Corrêa, Ulysses Cuiabano, Estevão de Mendonça, Cesario da Silva Prado, José Raul Vilá, Manoel Paes de Oliveira e Palmyro Pimenta.

Assumiu a presidencia o snr. desembargador José de Mesquita declarando aberta a sessão e convidou o snr. Palmyro Pimenta a servir de secretario ad-hoc, devido a ausencia da 1.º e 2º e nomeou uma commissão composta dos snrs. Estevão de Mendonça, Virgilio Corrêa Filho e Cesario Prado para introduzir no recinto o socio Dr. Manoel Paes de Oliveira proposto e aceito por unanimidade na sessão de 3 de Julho ultimo. Acompanhado da commissão o novo consocio tomou o logar que lhe foi designado.

Procede-se em seguida á leitura da acta da sessão anterior que foi approvada.

Expediente — Pelo senr. Palmyro Pimenta, secretario ad-hoc foi lida uma carta do desembargador José de Mesquita, offerecendo á futura Bibliotheca do "Centro" diversos volumes e concebida nestes termos: "Exmo. Snr. Bacharel 1º Secretario do "Centro Mattogrossense de Letras" Com esta tenho a honra de offerecer, por vosso intermedio, á Bibliotheca do Centro Mattogrossense de Letras, um exemplar encadernado das minhas "Poesias" editadas nesta Capital, no anno de 1919 e mais as obras que constam da relação seguinte:

1º) Olavo Bilac — Tarde; 2º) Monteiro Lobato — Urupês; 3º) Monteiro Lobato — Idéas de Jéca Tatú; 4º) Monteiro Lobato — Onda verde; 5º) Monteiro Lobato — Negrinha; 6º) Humberto de Campos — Mealheiro de Agrippa; 7º) Goulart de Andrade — Numa Nuvem; 8º) Catullo Cearense — Meu sertão; 9º) Catullo Cearense — Sertão em Flor; 10º) Albertino Moreira — Vôo nupcial. Embora desvaliosa, essa offerta traduz a intenção por mim nutrida de que essas obras se constituam o embryão da futura e grandiosa Bibliotheca do nosso querido "Centro". Com os mais affectuosos saudaes, extensivos a todos os nossos confrades, tenho a honra de de subscrever-me. Cuiabá, 15—9—921) Am.º e adm.º José de Mesquita."

Ainda pelo referido secretario ad-hoc foram lidas 4 propostas para socios correspondentes do "Centro". A primeira dellas foi feita pela Major Joaquim Gaudie de Aquino Corrêa e estava assim redigida. "Definitiva e solenemente installado o "Centro Mattogrossense de Letras" julgamos devera ser agora justa preocupação nossa o procurar dotal-o, por toda parte de socios correspondentes idoneos, que sejam, de igual passo, penhor seguro de triumpho para o nosso elevado escopo e uma garantia de realização ao nobre e bello programma do Centro. Vimos hoje, pois, conscios de estarmos prestando um bom serviço á nossa jovem instituição belletrista, pro por para socio correspondente, um cultor das lettras, que já tem dado provas sobejas do seu amor á lingua vernacula, pelo notavel carinho com que redige tudo quanto lhe sahe da penna, pelo esmero que põe no embellezar o seu estylo, revestindo-o de formas elegantes, a par de uma clareza que agrada e encanta. Residindo no Sul do Estado, Rosario Congro, cávalheiro muito conhecido e acatado em nosso meio social, alli cultivava com assiduidade

de, nos lazares das suas occupações, as bellas letras, quer em collaboraçoão na imprensa local, quer em publicações pelas revistas literarias. Ainda, ha pouco, a "Gazeta do Commercio", que se publica em Tres Lagoas, estampava um bello artigo editorial de sua autoria, sob a epigraphe—O Syndicato Negro do qual destacamos o seguinte trecho, em abono do que acabamos de affirmar, pois elle nos communica o sabor de uma linguagem cuidada, sonora e erudita. "A expedição galgára os contrafortes da Serra do Norte, e o a campamento alvejava no sitio onde a vista se alonga na immensidão dos chapadões parecis. Roosevelt, o grande voluntario das Antilhas na libertação da sua perola sem par, embevecido na contemplação do esplendido scenario, sentio, como todos, a alma genuflexa ante a magnificencia da natureza em festa, na rúbida apothese do sol nascente. As vibrações do seu vigoroso espirito fizeram-se, então, para as Montanhas Rochosas, a mais bella região do seu paiz natal, onde, no turbilhão de um progresso colossal floresce uma civilização grandiosa que impõe ao mundo o formidavel prestígio de uma raça de titans. Cerrou os olhos, e pensou no vasto coração da America Meridional ainda immerso, na sua selvatica opulencia, em demorado lethargo. . . E pensou ainda na prophesia de Humboldt sobre essa maravilhosa e decantada Amazonia, tão propicia a ser povoada pelos milhões de negros de sua terra, victimas como os amarelos dos preconceitos de sua raça. Aos poucos, os labios foram-se-lhe abrindo num sorriso satisfeito, mostrando a perfeita guarnição das maxillas, e viu-se glorificado no sonho de Lesseps reafizado pela sua energia de aço atrevida, quasi blasphema. Aos seus ouvidos cantaram alegremente as celebres palavras de Evarts:

"Comecemos pelo nosso caro vizinho, o Mexico, de que já comemos: um bocado em 1848. Tomemol-o"

Por fim, Roosevelt reviveu num momento a historia da grande nacionalidade fundada pelo puro e heroico agricultor de Potomac, assim resumida A nossa historia tem sido a de uma expansão. Sob Washington e Adams expandimo-nos para o Oeste, ao Mississipe; sob Jefferson, expandimo-nos atravez do continente, para a foz da Colonia; sob Monroe para a Florida: depois para o Texas e a California, e, finalmente, pela cooperação de Seivard, para o Alaska".

E, pairando acima de tudo isso, como fructo opimo do seu pendor poetico, estão os versos que, nas suas horas vagas, Rosario Congro burila, elaborando excellentes sonetos, onde a inspiração e o sentimento vibram por igual.

Para mostra suggestiva de seu lyrismo transcrevemos aqui dois sonetos de sua lavra que, sob o pseudonymo de Cruz do Valle, publicára a lhures —

— TARDE —

* Declina o dia. Em rubida cratera
Na curva do horizonte o sol flammeja.
Vae-se despindo o prado. A primavera
Não mais, na matta, os ninhos rumoreja.

E' o Angelus . . . A villa sertaneja,
Constricta, á voz do sino se exulcera.
Deserto é o alto coruchéo da igreja.
Que outrora pouso de andorinhas era.

Distante vae, ao placido galerno,
Alado bando que a emigrar presente
O asperrimo soprar do agudo inverno.

Vejo-te ao longe, assim, azas batidas
Na meia sombra de um magoado poente,
Oh! bando azul das illuções queridas »! —

— CORAÇÃO —

Meu coração é a nave solitaria
Por onde, soluçante, a Magoa erra.
Ardem cirios, a urna funeraria,
Em aureo manto envolto, o Amor encerra.

Pelos vitraes da igreja centenaria
Côa-se a Lua, que o Azul descerra
E as obras immortaes da estatuaria
O crepe occulta em seu negror que aterra.

Paira o mysterio... A' luz do alampadario
Passa o sonho, levita macilento,
As paginas rezando do breviario.

O vento geme pela immensa arcada...
E aos céus erguendo todo o seu lamento,
De joelhos vejo a Crença desolada".

E do seu amor á divulgação do ensino, na sua nobre e sincera lastima pelo analfabetismo, ainda em grande parte reinante e cuja extincção entre nós constitne o empenho maximo, a mais linda parte do programma do "Centro Mattogrossense de Letras", só diremos, recordando-vos, ter sido Rosario Congro o autor, na Assembleia Legislativa, da projecto instituindo o ensino obrigatorio. Assim, ficando certos de contribuirmos deste modo para o bom exito do objectivo collimado pelo "Centro", propomos Rosario Congro para seu socio correspondente em Tres Lagoas, onde actualmente reside.

Cuyabá, 18 de Setembro de 1921. (a) J. G. de Aquino Corrêa, Virgilio Corrêa Filho, Ulysses Cuiabano, José de Mesquita. Palmyro Pimenta, Manoel Paes de Oliveira.

A segunda proposta concebida nos seguintes termos, foi elaborada pelo Dr. Virgilio Corrêa Filho.

"Fazendo parte da pleiade que se distinguu desde os bancos gymnasiaes, Generoso de Siqueira cedo revelou o seu pendor para as boas letras. O ambiente propicio que, encontrou em S. Paulo, durante o exilio voluntario a que se votou, na ancía de aprender, robusteceu-lhe ainda mais a vocação. O jornalismo e a tribuna, que entrou a frequentar, propiciaram-lhe enseo de expansão á bella intelligencia.

Como orador, sabe transmittir á assistencia o entusiasmo pelas causas que defende, jornalista, conhece a preceito o officio, que pratica de maneira aprimorada, quer nas gazetas, que lhe solicitam a collaboração, quer na "Noticia", de que é redator-chefe, em Tres Lagoas.

Quando outras credenciaes não apresentasse, bastaria esta ultima para justificar a sua admissão como socio correspondente do "Centro Mattogrossense de Lettras." Cuyabá, 18 de Setembro de 1921 (a) Virgilio Corrêa Filho, José de Mesquita, Cesario C. da S^a Prado, Palmyro Pimenta.

A terceira proposta foi redigida nos seguintes termos pelo Dr. José de Mesquita: Propomos para socio correspondente do Centro Mattogrossense de Lettras" na cidade de Campo Grande o Dr. Arlindo de Andrade. Sobejamente conhecido no nosso Estado, o proposto affirmou-se entre nós, como brilhante jornalista, com as suas chronicas "Dominicaes" na "Colligação, tendo não obstante as preocupações aridas do fôro a que posteriormente se dedicara, conservado sempre o seu innato pendor para as lettras:

Na cidade sulista em que fixou a sua residencia, tem estado sempre á frente de emprezas jornalisticas, emprestando seu nome de reputado literato a todas as iniciativas intellectuaes que vem surgindo na florescente Campo Grande.

Mattogrossense de coração, preso á nossa terra pelos laços affectivos e intellectuaes, Arlindo de Andrade saberá por certo corresponder ao gesto do "Centro de Lettras" do qual se tornará um dos fortes esteios na zona que vem servindo com o fulgor invejavel do seu talento privilegiado.

Cuyabá. 18 de Setembro de 1921. (a) José de Mesquita, Cesario C. da Silva Prado, José Raul Vilá, Palmyro Pimenta.

E a ultima proposta, feita pelo Senr. Palmyro Pimenta era do theor seguinte: Propomos para o socio correspondente do "Centro Mattogrossense de Lettras" na cidade de Corumbá o Major João Christião Cartens.

Natural deste Estado, tendo nascido nesta Capital, Christião Cartens ainda moço transportou-se para a cidade de Corumbá onde estabeleceu o centro productivo de sua actividade.

Dizer o que tem sido a sua vida no decorrer tumultuoso de cerca de quatro lustros, seria trabalho que não cabe nos estreitos limites de uma simples proposta.

No entretanto não é demais lembrar que como representante do municipio de Corumbá, em diversas legislaturas, elle collaborou copiosamente deixando-nos grande numero de trabalhos de vulto.

Quer apresentando projectos de alta relevancia, quer justificando-os brilhantemente, Christião Cartens, tem sempre a preocupação rigorosa da forma e os seus innumerados discursos, infelizmente esparços, quer parlamentares, quer de outro feitio, magnificamente burilados em linguagem fluente e aprimorada, attestam sobejamente o acerto no emittir a nossa opinião.

Como jornalista vigoroso e terso, a sua passagem na imprensa mattogrossense deixou traços inesqueciveis, ora como polemista combativo e adextrado, ora como orientador e doutrinario.

Nas horas que lhe sobram como homem politico, no silencio de sua bibliotheca variada, elabora como advogado conceituado que é, elegantes pela forma e fulgurantes pelo fundo, suas "contestações" e "razões finaes", algumas dellas impressas em brochuras.

Por todos esses titulos denunciadores de um espito de escól vé-se que da inclusão de Christião Cartens como socio correspondente "do Centro Mattogrossense de Lettras" na cidade de Corumbá advirão multiplos e fecundos proveitos para a nossa Associação."

Cuyabá, 18 de Setembro de 1921. (a) Palmyro Pimenta, José de Mesquita, Virgílio C. Filho, Manoel Paes de Oliveira.

Todas as propostas na forma dos Estatutos foram á comissão de admissão dos socios para emittir seu parecer.

O Senr. Estevão de Mendonça obtendo a palavra diz que sendo um dos fins do "Centro," incentivar a arte theatral, propunha a nomeação de uma comissão para se entender com a Assembléa Legislativa sobre a construcção de um um theatro, caso permittam as finanças do Estado.

Em seguida o Senr. Presidente suggere duas idéas, 1º a de se couseguir da Assembleia Legislativa seja o "Centro" declarado de utilidade publica e possa obter um razoavel auxilio pecuniario, 2º obter por intermedio do Presidente do Estado uma sala para sua installação e funcionamento de suas sessões. Consultada a casa sobre esses assumptos, foram approvados.

Para se entender com o Legislativo Estadual designou o Senr. Presidente os Senrs Estevão de Mendonça, Virgílio Corrêa Filho e Palmyro Pimenta, comissão essa que tambem se desempenhará do proposto pelo consocio Estevão de Mendonça; e com o Exmº Revmº D. Aquino Corrêa, os socios Joaquim Gaudie de Aquino Corrêa, Manoel Paes de Oliveira e José Raul Vilá.

A primeira das comissões designada tambem se entenderá como Intendente Geral do Município sobre o construcção de um theatro nesta cidade visto estar affecto mais directamente a esse departamento a consecução desse empreendimento.

Cogitou-se ainda da organisação do 1º numero da "Revista do Centro Mattogrossense de Letras", a sair em Janeiro do anno proximo.

Por fim o Senr. Presidente se dirigiu ao ultimo socio que acabava de ser empossado com palavras de congratulações, tendo o Dr. Paes de Oliveira respondido em brilhante improviso.

E nada mais havendo a tratar foi encerrada a sessão.

(a.) José de Mesquita, Philogonio de P. Corrêa, Lamartine Ferreira Mendes, Octavio Cunha, Manoel Xavier, José Raul Vilá, Cesario C. da Sª Prado, J. de Aquino Corrêa, Manoel Paes de Oliveira.

Acta da segunda sessão ordinaria do Centro Mattogrossense de Letras

Aos vinte e tres dias do mez de Outubro do anno de mil novecentos e vinte um, reuniram-se, pelas nove horas, no salão nobre do Palacio da Instrucção, em segunda sessão ordinaria do Centro Mattogrossense de Letras, os senrs desembargador José de Mesquita, Philogonio Corrêa, Lamartine Mendes, Paes Barreto, Manuel Paes, Octavio Cunha, Major Aquino Corrêa, Cesario Prado e José Vilá.

Assumindo a presidencia, o senhor desembargador José de Mesquita declarou aberta a sessão.

Lida e approvada a acta da sessão anterior, procedeu-se á leitura de quatro propostas para socios correspondentes, referentes aos nomes dos senhores Humberto de Campos, Monteiro Lobato, Francisco Mariani Wandelely e Oscarino Ramos, tendo o senr presidente enviado as mesmas á respectiva comissão, para o seu parecer.

São do theor seguinte: a primeira: "Propomos para socio corespondente do Centro Mattogrossense de Letras", na cidade do Rio de Janeiro, o brilhante poeta e consagrado jornalista Humberto de Campos.

Membro da Academia Brasileira de Letras, artista do verso, que allia, á largueza de inspiração a pureza crystalina da fôrma, chronista fluente e crudito, manejando com elegancia e firmesa o vernaculo, Humberto de Campos se impoz, muito moço, como um nome victorioso na nossa litteratura.

Da sua investidura no cargo de correspondente do "Centro Mattogrossense de Letras" grande distincção e honra advirão á novel sociedade beltristica além da incontestes vantagens oriundas do facto de contar entre os seus membros tão digno quão operoso expoente da nossa aristocracia intellectual.

Cuiabá, 18 de Setembro de 1921. José de Mesquita, Lamartine Mendes. Manoel Paes de Oliveira, J. de Aquino Correa, Octavio Cunha, Manoel Xavier, Palyro Pimenta".

A segunda." Propomos para socio correspondente, em S. Paulo, do Centro Mattogrossense de Letras", nos termos dos Estatuto sociaes, Monteiro Lobato, o maravilhoso escriptor paulista.

Cuyabá, 17 de Setembro de 1921, Lamartine Mendes, José de Mesquita, Leovigildo M. de Mello, Philogonio de P. Correa, Manoel Xavier P Barreto". A terceira: "Propomos para socio correspondente do "Centro M. de Letras" o Commandante Francisco M. Wanderley. Pessoa de vasta cultura scientifica, litteraria e philosophica tem collaborado com grande relevo na imprensa desta Capital e de Corumbá, sendo as suas producções justamente apreciadas com o pseudonimo de "Traumer".

Em diversas revistas do paiz e mesmo de fora do paiz as suas collaborações de caracte: doutrinario são sempre muito bem recebidas.

Orador fluente, de estylo simples e impecavel, tem portanto meritos bastantes que bem justificam esta proposta. Cuyabá, 23 de Outubro de 1921. Philogonio de P. Corrêa, Manoel Paes de Oliveira, Cesario C. da S. Praio, José de Mesquita." A quarta: "Propomos para socio correspondente do "Centro Mattogrossense de Letras" na cidade de Corumbá o bacharel Oscarino Ramos. Natural deste Estado, em Caceres, sua cidade nativa, desde 18 annos, começou os seus ensaios litterarios na poesia, que foram insertos nas columnas de jornaes que então alli se publicavam, e por onde já se podia aquilatar da correcção e facilidade de seus versos, perdidos em nevoentas allegorias e excentrico symbolismo.

Moço-academico, já então na capital da Republica, não deixou no turbilhão daquella cidade cosmopolita emmudecer a alma dolente de sua lyra de fina sensibilidade e produziu uma serie impecavel de lidimas producções já em via de publicação, em elegante "plaquette", e onde figuram pela rara sensibilidade, delicadeza de tons e esquisita suavidade os versos intitulados "S. João", "Illusão", "Dezembro" "Versos de uma tarde florindo em saudades", "Esperar", "Versos noturnos", "Dea", "Angelus", "Alma Glacial", "Diluculo", "Noite de luar", "No hospital", "Bucolismo", "Nupcial", "Sons que morrem", "O poeta romantico" e muitos outros cuja enumeração seria fastidiosa,

Illustrando o que dissemos, transcrevemos a seguir duas das suas producções.

S. JOÃO

Friburgo. Noite de S. João. Neblina.
Que rosario de sonhos ao teu lado,
Sinto, vendo emergir, lindo e corado,
Dentre pelles, teu rosto de menina.

Fico como num somno de morphina,
Lerdo, sonhando, até ficar calado...
Deixa-me assim. Este momento alado
E' o resumo feliz da minha sina.

S. João... Quanta poesia pela terra!
A lua sobe por detraz da serra...
Que frio... Caé uma garôa fina...

As minhas mãos nas tuas de velludo
Aperto. E fico a olhar, parado e mudo,
O teu risonho rosto de menina.

ILLUSÃO

Na esteira azul do immenso mar
Vamos, oh flôr, cantar a aría
A aría do amor eterna e varia
Na esteira azul do immenso mar.

Vamos deixar a terra má:
Vélas abertas, mãos nos remos,
As solidões do mar busquemos...
Vamos deixar a terra má.

Eia. Tu bem perto de mim,
Boccas colladas, murmurando
Phrases de amor que digo quando.
Quando bem junto estas de mim.

E assim, ao largo... longe... ao luar...
Como um casal de pelicanos,
Deste amor vamos os arcanos
Cantar, ao largo... longe... ao luar...

Foi em seguida submettido á discussão e approvado por unanimidade o parecer opinando pela admissão dos socios correspondentes propostos na ultima sessão Rosario Congro, Christião Cartens, Generoso de Siqueira e Arlindo de Andrade.

O Senhor presidente nomeou, na forma dos Estatutos, o Dr. Manoel Paes de Oliveira para substituir, na Comissão de redacção, o Dr. Barbosa de Faria que se acha ausente do Estado. Para estudar os projectos do Theatro Municipal de Cuiabá, cujas plantas foram apresentadas em sessão, ficou constituida uma Comissão composta dos Drs. Virgílio Corrêa Filho, Joaquim Gaudie e Bacharel Philogonio Corrêa.

A Comissão nomeada para entender-se com o Chefe do Executivo estadual acerca da séde do "Centro" declarou ter-se desobrigado das suas incumbencias obtendo assentimento do Governo com relação á installação provisoria do "Centro" no edificio em que funciona a Directoria Geral da Instrucção Publica.

Ficou deliberado iniciar-se, no proximo mez de Novembro, a serie das conferencias literarias que o "Centro" vai promover para o estudo dos patronos, cabendo ao Major Aquino Corrêa fazer a primeira conferencia referente á grande individualidade de Joaquim Murtinho.

Por proposta do socio Dr. Paes Barreto, unanimemente approvada, o "Centro resolveu, por intermedio da mesa, telegraphar ao Senr." Conselheiro Ruy Barbosa, no dia 5 de Novembro vindouro, felicitando-o pelo seu anniversario natalicio.

Levantou-se a sessão.

(a) José de Mesquita, Lamartine Ferreira Mendes, Virgilio C. Filho, Franklin C. da Silva, Philogonio de P. Corrêa, Manuel Xavier P. Barreto, J. G. de Aquino Corrêa, Cesario C. da S. Prado, Palmyro Pimenta, Carlos Borralho.

Acta da terceira sessão ordinaria do Centro Mattogrossense de Letras



Aos treze dias do mez de Novembro do anno de mil novecentos e vinte e um, reuniram-se, pelas nove horas, na salão nobre do Palacio da Instrucção, em terceira sessão ordinaria do "Centro Mattogrossense de Letras" os senrs. desembargador José de Mesquita, Virgilio Corrêa Filho, Paes Barreto, Carlos Borralho, Palmyro Pimenta, Major Aquino Corrêa, Philogonio Corrêa Franklin Cassiano, Cesario Prado e Lamartine Mendes.

Assumindo a presidencia o senr. desembargador José de Mesquita declarou aberta a sessão.

Lida e approvada a acta da sessão anterior, pelo segundo secretario foram lidos dois officios: um da "Academia Brasileira de Letras", pedindo a remessa dos nomes dos socios do "Centro", outro da "Sociedade Litteraria Ruy Barboza", desta capital, communicando a sua installação em 5 do fluente

O primeiro é do seguinte theor: "Exm^o Senr. Secretario de Academia de Letras de Matto-Grosso.

A pedido do Antigo Secretario Geral da Academia Brasileira, Senr. Medeiros de Albuquerque, para que fiquem constando dos archivos desta casa, a qual muito interessa conhecer o movimento litterario de todo o paiz, tenho a honra de pedir que me envie V. Ex^a uma lista completa dos membros dessa Academia, quer effectivos, quer correspondentes ou honorarios,

Apresento a V. Ex^a os protestos da minha alta estima e consideração Rio de Janeiro, 6 de Outubro de 1921. J. M. Goulart de Andrade, 1^o Secretario.

E' deste theor o segundo. Cuyabá, 5 de Novembro de 1921. Exm^o Senr. Presidente do "Centro Mattogrossense de Letras".

Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Ex^a que hoje, ás 19 horas, perante selecta assistencia, foi instalada a "Sociedade Litteraria Ruy Barboza", em sua séde provisoria, á rua Cel. Pedro Celestino n^o 49—51, nesta cidade.

Presidiu a sessão inicial o Dr. Manoel Xavier Barreto, presidente de honra aclamado, que empossou a directoria eleita, e, ao ser descerrado o retrato do Senr. Cons.^o Ruy Barboza, proferiu o discurso inaugural.

E' esta a nova directoria: Presidente Manoel Xavier P. Barreto Filho, — vice presidente, Edgar Barros Velloso, — secretarios, Raul José Vieira e Ayrton Nonato de Faria, — Thesoureiro, Caio Lins da Cunha, e bibliothecario Ruy Barreto.

Durante a sessão usaram da palavra os associados Manoel Xavier Filho, Edgard Velloso, Ruy Barreto, e Manoel Xavier Filho que agradeceu o comparecimento dos presentes.

Do occorrido foram expedidos telegrammas ao Senr. senador Ruy Barbosa e á imprensa da Capital federal.

E'-me grato apresentar a V. Ex^a, meus protestos de elevada estima e muito distincta consideração.

Raul José Vieira, 1º Secretario.

Foram enviadas á commissão de admissão duas propostas de socios correspondentes, nos municipios de Campo Grande e Santo Antonio do Rio Abaixo, as quaes recahiram sobre os nomes dos Senrs. Dr. Ytrio Corrêa e Pedro Trouy.

Eil-as : Propomos para socio correspondente do "Centro Mattogrossenss de Lettras" em Campo Grande o Dr. Ytrio Corrêa da Costa, cujo mecimento é tão patente que parece desnecessarios demonstrar.

Cuyabá, 13 de Novembro de 1921 (a.) Lamartine Mendes, Manoel Xavier P. Barreto, Palmyro Pimenta, — Propomos para socio correspondente do "Centro Mattogrossense de Lettras" na Villa de Santo Antonio do Rio Abaixo o Senr. Pedro Trouy.

Cultivando de laça data o jornalismo, nesta Capital, em Caceres e em Córumbá, Pedro Trouy se affirmou como um dedicado cultor das letras e da sua cooperação intelligente e esforçada muito poderá esperar a nossa sociedade litteraria.

Cuyaba. 13 de Novembro de 1921 (a) José de Mesquita, Palmyro Pimenta, Lamartine Mendes.

Pelo Senhor presidente foram as referidas propostas encaminhadas á commissão de admissão de socios para dar parecer.

Entrou em discussão unanimemente approved, o parecer favoravel á admissão dos socios correspondentes propostos na ultimo sessão, Senrs. Humberto de Campos, Monteiro Lobato, Wanderley e Oscarino Ramos.

Ficou designado o dia 26 do corrente, (sabbado) para terlogar o inicio da serie das conferencias que o "Centro" vae realizar, cabendo nesse dia ao Major Aquino Corrêa dissertar sobre Joaquim Murtinho.

O Dr. Paes Barreto pedindo a palavra. offereceu ao "Centro" varios trabalhos da sua lavra e transmittiu ao "Centro" os cumprimentos da Academia Amazonense de Lettras, que por seu intermedio tinham sido enviados.

A's 11 horas, já não havendo assumpto a tratar-se o Dr. presidente declarou encerrado a sessão.

(a.) José de Mesquita, Virgilio Corrêa Filho, Philogonio de P. Corrêa J. G. de Aquino Corrêa, Cesario C. da Sa Prado, Frankliu C. da Silva, Palmyro Pimenta.

Acta da quarta sessão ordinaria do Centro Mattogrossense de Lettras

--o--

Aos dezoito dias do mez de Dezembro do anno mil novecentos e vinte e um, reuniram-se pelas nove horas, no salão nobre do Palacio da Instrucção, os Senrs José de Mesquita, Virgilio Corrêa Filho, Cesario Prado, Aquino Correa, Estevão de Mendonça, Leowigildio de Mello, José Vilá e Palmyro Pimenta.

O senr desembargador José de Mesquita assumindo a presidencia declarou aberta a sessão e, devido á ausencia do 1.º e 2.º secretario, convidou o senr Palmyro Pimenta a servir de secretario *ad hoc*, o qual em seguida procedeu a leitura da materia do expediente, que constou de um officio do Dr. Manoel Xavier Paes Barreto, juiz Federal neste Estado, apresentando suas despedidas e concebido nos seguintes termos : Exmo. Senr. Desembargador José Barnabé de Mesquita, M. D. Presidente do "Centro Mattogrossense de Lettras".

Reconhecido pelas atencões de que tenho sido cumulado durante miuha ininterrupta permanencia nesta capital, tenho a honra de apresentar a V. Exa. minhas despedidas por ter de partir, em dilligencia judicial, com pleno exercicio, amanhã ás 17 horas pela Lancha Treze de Junho,

com destino a cidade de Tres Lagoas, em cujo municipio, provavelmente, me demorarei alguns mezes, a serviço.

Renovando meus protestos de apreço e consideração, espero se dignará V. Exa. de continuar a me honrar com suas determinações para aquella cidade, para onde será servido de endereçar a correspondencia que me for dirigida, até o meu regresso.

Attenciosas saudações. (a) Manoel Xavier P. Barreto Foram tambem lidos dois pareceres da Commissão de admissão dos socios favoraveis á inclusão dos senrs Dr. Ytrio Corrêa da Costa, e Pedro Trouy, para socios correspondente do "Centro" respectivamente, nos municipios de Campo Grande e Santo Antonio do Rio Abaixo, pareceres que, submettidos pelo sr. Presidente á votação, lograram approvação unanime. A seguir, ficou assentado que a segunda conferencia da serie que o "Centro" pretende effectuar terá lugar á 9 de Janeiro proximo, cabendo ao Dr. Virgilio Corrêa Filho fazer o estudo da personalidade do Dr. Antonio Corrêa da Costa, seu patrono.

Resolveu tambem o "Centro", por proposta do socio José Vilá, comemorar á 28 do corrente o terceiro anniversario da morte do insigne poeta Olavo Bilac, realizando nesse sentido uma sessão extraordinaria ás 9 horas, no salão nobre do Palacio da Instrucção.

Foi designada pelo Senr. Presidente uma commissão incumbida de organizar o programma desse festival, para o qual serão convidados não só os socios do "Centro", como tambem as pessoas que se interessam pelo nosso desenvolvimento intellectual.

Pela Commissão de redacção foi a Casa informada de que os trabalhos de impressão da "Revista" se acham bem adiantados, devendo o seu primeiro numero apparecer por todo o mez de Janeiro. Ficou tambem estipulado o preço para as assignaturas e vendas avulsas da Revista.

Foram trocadas idéas sobre o meio mais facil do "Centro" adquirir mobiliario para sua séde, tendo sido suggeridos diversos alvitres.

Não havendo nada mais atratar-se, o Senr. Presidente encerrou a sessão ás 11 horas.

(a). José de Mesquita, Virgilio Corrêa Filho, Philogonio de P. Corrêa, Manoel Paes ds Oliveira, J. G. Aquino Corrêa Cesario da Prado, Franklin C. da Silva, Ulyses Cuiabano, Anna Luiza da Silva Prado, Augusto Cavalcanti de Mello, João Cunha, Palmyro Pimenta.

Acta da 1ª sessão extraordinaria do Centro Mattogrossense de Letras

—«O»—

Aos vinte e oito dias do mez de Dezembro do anno de mil novecentos e vinte e um, no salão de honra do Palacio da Instrucção, reuniram-se ás 9 horas, os consocios, José de Mesquita, Virgilio Correa, Cesario Corrêa da Silva Prado, Franklin Cassiano da Silva, Ulysses Cuiabano, Anna Luiza da Silva Prado, Augusto Covacanti de Mello, João Cunha, José Raul Vilá e Palmyro Pimenta, além de innumerous cavalheiros.

O Senr. dezembargador Presidente abrindo a sessão evoca em expressivas e sentimentaes palavras a memoria do extraordinario poeta patricio cujo 3.º anniversario da morte o "Centro" commemorava; manda proceder, pelo secretario *ad-hoc* designado á leitura da acta da sessão anterior, que foi approvada.

Em seguida toma a palavra o consocio José Vilá para fazer o estu-

do da evolução artistica do celebrado vate trabalho esse longo e pormenorizado, cuja leitura muito agradou á assistencia.

Proseguindo a execução do programma previamente organizado, foram recitados pelos Senrs Joaquim Gaudie, José de Mesquita e Palmyro Pimenta, respectivamente, os admiraveis versos do Bilac ; "Velhas arvores" "Anchieta" "Hymno á tarde," "Symphonia", "Campo Santo", tendo tambem o consocio Cesario Prado lido um seu trabalho interessante sobre "O sofrimento e consolação de Olavo Bilac".

Nada mais havendo a tratar-se o Senr. Presidente agradece o comparecimento dos presentes sendo levantada a sessão ás 11,10

(a). José de Mesquita, Philogonio de P. Corrêa, Antonio Fernandes do Souza, Palmyro Pimenta, Lamartine Ferreira Mendes, Virgilio Corrêa Filho, Estevão de Mendonça.

Acta da quinta sessão ordinaria do Centro Mattogrossense de Letras

—o—

Aos quinze dias do mez de Janeiro de 1922 reuniram-se, pelas 9 horas no salão nobre do Palacio da Instrucção, os Srs. Desembargador José de Mesquita, Virgilio Corrêa Filho, Palmyro Pimenta, Lamartine Mendes, Philogonio Corrêa, Estevão de Mendonça e Antonio Fernandes do Souza.

Lida e approvada a acta da sessão anterior, o senr. 1.º secretario fez a leitura do expediente, constante de um cartão do Conselheiro Ruy Barbosa, agradecendo as felicitações que o "Centro" lhe dirigiu, pelo seu anniversario e officios dos senrs Christião Cartens, Arlindo de Andrade e Oscarino Ramos, agradecendo a sua eleição para socios correspondentes do "Centro".

O Senr. Presidente nomeou o tenente Coronel Antonio Fernandes de Souza para substituir, na commissão de admissão de socios, o dr. Manoel Xavier Paes Barreto, que se ausentou, temporariamente, da Capital.

Por proposta do socio tenente Coronel Antonio Fernandes foi nomeada uma commissão que deverá apresentar ao Senador Pedro Celestino os cumprimentos do "Centro", no dia de sua posse no elevado cargo de Presidente do Estado, ficando constituída essa commissão pelos socios Dr. Palmyro Pimenta, Lamartine Mendes e Cesario Prado.

Foi submittido á approvação da casa o acto da mesa, constituindo agente da Revista, nesta Capital, Senr. Benedicto A. London, sendo unanimemente approvedo.

Deliberou o "Centro" effectuar a 3.ª conferencia da serie dos elogios dos seus patronos em Maio proximo, cabendo ao socio Cesario Prado fazer o estudo da vida e da individualidade de Antonio Vieira de Almeida.

Levantou-se a sessão.

(a) José de Mesquita, Estevão de Mendonça, Octavio Cunha, L. Martins de Mello, José Raul Vilá, Cesario C. da Silva Prado, Oscarino Ramos, Lamartine Ferreira Mendes.

Acta da 2ª sessão extraordinaria do Centro Mattogrossense de Letras

—o—

Aos vinte e nove dias do mez de Janeiro do anno de mil novecentos vinte e dois, reuniram-se em sessão extraordinaria deste "Centro", os Srs. Desembargador José de Mesquita, Octavio Cunha, Lamartine Ferreira Mendes, Estevão de Mendonça, Leowigildo de Mello, Cesario Prado, José Vilá e Oscarino Ramos, este ultimo socio correspondente de Corumbá.

Assumindo a Presidencia, o Senr. Desembargador José de Mesquita declarou aberta á sessão. Lida e approvada a Acta da sessão anterior, o 2.º Secretario procedeu á leitura do expediente, constante de uma circular da Secretaria do Interior, Justiça e Fazenda do Estado datada de 23 de Janeiro p. findo e assignado pelo Snr. Dr. Virgilio, Alves Corrêa Filho, communicado este que por acta n.º 1 da supra citada data, do Exmo Snr. Coronel Presidente do Estado, foi nomeado Secretario do Estado dos negocios do Interior Justiça e Fazenda; um officio do Instituto Historico de Matto Grosso, datado de 14 de Janeiro passado e assignado por Antonio Fernandes de Souza. 1.º Secretario do Instituto, communicando que, em sessão magna realizada 31 de Dezembro do anno findo, foi empossada a Directoria eleita para dirigir os destinos daquella Sociedade, no corrente anno, composta dos seguintes nomes: D. Francisco de Aquino Correa, Presidente Dr. Estevão Alves Correa, 1.º Vice Presidente, Prof. Philogonio Correa, 2.º Vice Presidente Antonio Fernandes, 1.º Secretario, Cesario Prado, 2.º Secretario Desembargador José Barnabé de Mesquita, Orador e João Cunha, Thesoureiro; outro datado do Rio de Janeiro, a 17 de Dezembro do anno passado, dirigido ao Exmo. Senr. Desembargador José Barnabé de Mesquita presidente do "Centro" e assignado por J. Barbosa de Faria, dizendo que não lhe sendo possivel regressar a esta capital em Janeiro p. corrente, como tencionava, vinha solicitar permissão para permanecer fóra da séde do "Centro", pelo prazo de seis mezes, e ainda outro tambem dirigido ao Snr. Desembargador presidente do "Centro", a 24 de Janeiro p. corrente pelo Senr. Capitão J. de Aquino Correa, dizendo que, retirando-se temporaria-mente desta capital com destino ao Rio de Janeiro solicitava uma licença de 6 mezes para esse fim.

Foram discutidos os assumptos que faziam objecto da sessão, referentes a creação da "hora literaria" que o "Centro" instituirá, a partir de Fevereiro e a publicação da "Revista", ficando o socio advogado Leowigildo de Mello incumbido em virtude de offerta que fizera, de informar-se das condições pelas quaes as casas editoras do Rio e S. Paulo poderão encarregar-se do serviço.

O Senr. Presidente nomeou, sob proposta do socio Leowigildo de Mello uma comissão composta dos Senrs. Octavio Cunha, Estevão de Mendonça e o proponente, encarregada de apresentar ao socio Dr. Virgilio Correa Filho os cumprimentos do "Centro" pela sua investidura no alto cargo de Secretario do Interior.

Pedindo e obtendo a palavra, o Senr. Cesario Prado communicou á meza o desempenho da missão confiada a si e mais dois collegas de, em comissão, levarem ao Cel. Presidente do Estado, no dia de sua posse no Governo os cumprimentos do "Centro".

Em seguida, apresentou o Desembargador Presidente as saudações do "Centro" ao socio correspondente Oscarino Ramos, que agradeceu sensibilizado.

Levantou-se a sessão.

(a) José de Mesquita, Virgilio Correa Filho, Carlos Borralho, Franklin C. da Silva, Ulisses Cuiabano, J. Raul Vilá, Palmyro Pimenta, Lamartine Ferreira Mendes.



BIBLIOGRAPHIA

Leoncio de Oliveira — Vida roceira. S. Paulo 1920.

Foi com a mais agradável impressão que li, quasi de um folego, os quinze contos de que se compõe o livro do sr. Leoncio C. de Oliveira "Vida Roceira" editado em S. Paulo.

Desde o prefacio, que constitue um valioso subsidio ao estudo do nosso sertanejo, nos seus costumes, nas suas lendas e na sua linguagem, o Auctor se revela um perfeito conhecedor dos assumptos regionaes, dissertando, em estilo claro e brilhante, acerca dos varios aspectos da vida do interior.

Os seus contos são paginas vividas, emocionantes: sente se nelles perpassar o sopro de um *flat* creador que os anima do primeiro ao ultimo.

Não são contos de uma psychologia barata em que o bizarro corre parêlhas com o artificial—vive ali a natureza virgem e bravia dos nossos sertões, palpita nelles a espontaneidade rude da alma dos nossos caipiras.

Os seus typos são verdadeiras "creações" pelo flagrante em que os apanhou a retentiva do escriptor, tão habil no observar estados de alma como no descrevêr o *habitat* e as circumstancias externas em que se emquadram os seus personagens.

A tendencia nacionalista vai, graças a Deus, produzindo entre nós desses bons fructos.

Em vez do exotismo europeu, inaclimavel ao nosso meio tropical, começamos a fazer literatura nossa, bem nossa, bem brasileira, nos typos como na paizagem, no phraseado como nas situações.

O "Caboclo" sai rehabilitado deste livro e integra-se na sua realidade de que o pessimismo nacional o arredara.

Typos como os de *Melica*, encarnando a fidelidade e a honra sertaneja, de *Biriva*, em que se personalisa a coragem e o estoicismo do "caboclo", de *Joannico*, symbolo da dedicação amorosa que não reconhece perigos, ficam indelevelmente gravados na memoria, de tão nitidos, reaes e flagrantes que se nos deparam.

O livro do Sr. Leoncio de Oliveira marca indiscutivelmente um largo passo na evolução de nossa literatura, hoje desprendida das falsas roupagens e europeís com que espiritos exóticos a queriam, á viva força, desnaturar, ou, antes desnacionalisar.

J. de M.

*A proposito do Graves e Futeis
de Medeiros de Albuquerque*

Um dos incansaveis admiradores da obra de Monteiro Lobato referindo-se ás *Ideas de Jeca Tatú*, notou que a declaração de *sub-productos* a essa obra de critica era apenas um traço da modestia do creador dos *Urupès*, por serem genuinamente originaes todas essas idéas, acontecendo, ao contrario, que com o *sub productos* é que apparece uma avalanche de obras pelos Estados, sem pensamento original, não passando de meras desassimilações de outros trabalhos. Bem se vê neste final a preocupação de bairismo paulista e o empenho de diminuir a producção literaria de outros Estados, má vontade que tambem se vê no Rio em relação até a S. Paulo. Então para os criticos cariocas já ha uma formula, uma phrase feita de diminuição de qualquer trabalho literario provinciano: resente-se de muitas reminiscencias de leitura, sentenciam os Aristarchos. Ora, não sabemos até onde podemos ir entre *plagios*, *reminiscencias de leitura* e esta nova classificação de — *sub-productos*. Ruy

Barbosa escreveu alhures: os olhos são as janellas da alma Rodrigues Lobo em *Côrte na Aldeia* já o houvera escripto: os olhos são as janellas da alma. Plagio, reminiscencia de Ruy? Ainda bem que isso aconteça com Ruy. João Ribeiro achou que ha reminiscencias de leitura nas *Poesias* de José de Mesquita., mas não nol-as declarou quaes. Aconteceu-nos que apreciando umas quadrinhas do nosso poeta e trazendo-as de memoria, lendo Verlaine pareceu-nos enconral-as traduzidas. Citemos uma dellas:

Je fais souvent ce rêve étrange e pénétrant
D'une femme inconnue, e que j'aime e qui m'aime,
Et qui n'est chaque fois, ni tout à fait la même
Ni toute à fait une autre, et m'aime et me comprend.

Eu imagino uma mulher
Que eu hei de amar e me ha de amar
E que eu, esteja onde estiver,
A todo tempo hei de encontrar.

O cotejo entre as duas estrophes tirou-nos do erro, deixando-nos ver somente que se trata de uma mesma fonte de inspiração, E' entretanto a casos taes que os criticos do Rio forcejam classificar como reminiscencia de leitura...

Medeiros de Albuquerque—nome feito na poesia, famigerado na imprensa, romancista, critico, faz-se por ultimo ensaista, publicista—"funcionando como um alambique intellectual, que distilla noções confuzas ou mal expostas para clarifical-as"—como elle proprio declara em nota final do seu livro *Graves e Futeis*.

E' sem duvida de merecimento a vulgarisação da cultura, todo o trabalho com tal fim e em tal sentido e programma. Paiz como o nosso, vastissimo, de difficeis communicações auferirá grande vantagem de actividades cerebrais mediante as quaes possamos todos assimillar as idéas da cultura europea em suas multiplas manifestações. Nem todos podemos ler *Bergson* e *Freud* e através

de dois capitulos de Medeiros ficamos com noções claras do Bergsonismo e com bom conhecimento das theorias do grande neurologista de Vienna. Atravéz de outros capitulos obtem-se novos conhecimentos que derogam antigos tidos como certos até ha pouco. Assim, por exemplo, a idéa geral sobre a sensualidade intensa da raça negra, que Medeiros demonstra ser uma das mais falsas, asente como é em observações erradas, sem fundamento algum...

Ora, em obras do genero de *Graves* e *Futeis*, é que não calhará a denominação de *sub-productos*?

Que são esses trabalhos senão o de assimilação e desassimilação cerebral?

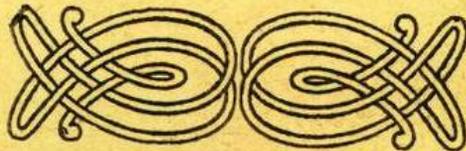
Mas queremos notar alguma coisa nessa obra de Medeiros, em que ja ha algo além de mero *sub-producto* ou de simples reminiscencia literaria...

E fazemol-o com relação ao artigo — Inpossivel. Este artigo em cotejo com o segundo capitulo de *L'Inconnu et les problèmes psychiques*—de Camillo Flammarion, capitulo denominado—*Lcs incroyables*, revela que Medeiros não se afasta muitas vezes das fontes onde colhe as idéas que nos propõe transmittir. Alias não se trata nesse artigo de vulgarizar-nos theorias ou novas idéas, parecendo, ao primeiro lance, que o autor expõe uma sua maneira de considerar a inexistencia de impossiveis, mediante um surto do seu proprio intellectualismo, por uma visão propria dos factos scientificos e da maneira por que estes foram annunciados e recebidos. Entretanto quasi todos os seus exemplos são extraídos da alludida obra de Flammarion: a apresentação do phonographo de Edison na Academia de Sciencias de Paris, que fez Bouillaud declarar que não seria burlado por um ventriloquo; o limite scieutifico de Augusto Comte pela impossibilidade de conhecer-se a composição chimica dos astros, e, em seguida, a descoberta da analyse espectral; a descoberta de Galvani, outros e outros

factos citados em Flammarion como exemplos com que sempre se teem vencido os *incredulos*, são reditos por Me-deiros como argumentos contra os que limitam *impos-siveis* á sciencia.

A' *quoi bon*? Escrevessemos nós artigos sobre essas bases e em taes moldes, e decerto estaríamos a pique de ver os nossos trabalhos classificados como subproductos ou reminiscencia de leitura: louvado Deus si não nos tachassem de plagiarioss!

J. Terra.



Publicações Recebidas

Recebemos e agradecemos :

Alcides Munhoz—O cerebro de um Duque (Corityba,) 1922.

Annaes Pontaporenses—

Arnaldo Damasceno Vieira—Constellações—Poêmas e Balladas (Rio)

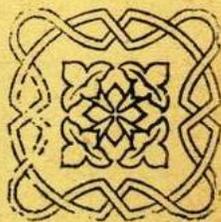
Revista do Centro de Lettras do Paraná—Anno X N. 3

Pro-Familia de —Cuiabá—

O Progresso de —Ponta Poran—

Correio do Sul—de Campo Grande—

Gazeta do Commercio —de T. Lagôas.



BANCO DO BRASIL

Capital . . . Rs 100 mil contos

DEPOSITOS

- O Banco do Brazil abona aos s/ depositantes:
- Em contas correntes, até Rs. 20:000\$000, com retiradas livres 5^o/_o
- Em contas sem limite, com retiradas livres 3^o/_o
- « « « « com aviso prévio 5^o/_o
- « Depositos a prazo fixo de 1 anno 6^o/_o

O Banco fornece aos s/ depositantes talões de cheques e estabelece todas as facilidades na retirada dos dinheiros em deposito.

Henrique Hesslein & Sergel

IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO

Grande sortimento de
Artigos estrangeiros e
nacionais
Exportação de Borracha,
Ipecacuanha, pennas
de Garça

CASA ALLEMÃ

CUIABÁ

Irmãos Miraglia

Casa de joias e relógios
e artigos de optica
Officinas de relojoeiro,
ourives com lapidação de
diamantes annexa
Bolsas de prata
Brilhantes mattogrossenses

Rua 13 de Junho 27

TELEPHONE 244

CAIXA POSTAL 43

A Renascença
DE
Fioravante Barbieri

Alfaiataria, Modas
e Armarinho

Praça da Republica N.º 8 e 10

TELEPHONE N.º 224

Casa Esperança

DE

Calil Mansur Bumlai

Especialidades em

Chapéus

Calçados

Zecidos

Artigos finos—Preços
ao alcance de todos.

Rua 1.ª de Março n.º 17 — 19

Estevão de Mendonça

Advogado

Rua Barão de Melgaço, 36
CUIABÁ

Pharmacia Rondon

Do Pharmaceutico

Gerardin Silva Rodon

Novo e completo sortimento
de drogas, productos químicos
e especialidades pharmaceuti-
cas nacionaes e estrangeiras.

Manipulação esmerada

Attende a qualquer hora da
noite

RUA 15 DE NOVEMBRO, 31

Telephone 41 — Porto

CUIABÁ — MATTO-GROSSO

Revista do Centro

Mattogrossense de Letras

ANNO II

JULHO A DEZEMBRO DE 1923

NUMERO IV

Publicação Semestral

SUMMARIO

Elogio de Luiz d' Alinecourt—pelo socio effectivo Antonio Fernandes de Souza

Çunacepa—poema de Leconte de Lisle, trad—de Augusto Cavalcanti

Sessão solemne de posse do socio Ovidio Corrêa

I O discurso do recipiendario

II Discurso de recepção, pelo socio Palmyro Pimenta

A Lufada

A casa de Innocencia

{ D. Aquino Corrêa

Diamantino — José de Mesquita

Dominó negro—Franklin Cassiano

Paginas contemporaneas :

A' Cruz de Urbieta — Oscarino Ramos

Paginas esquecidas :

Nossos dias — Luiz da Costa Ribeiro

Canção — Pedro Trouy

Actas das Sessões do Centro

Publicações recebidas.

CONFERENCIA

*proferida no salão nobre do Palacio da Instrucção, em
sessão do "Centro Mattogrossense de Letras",
a 17 de Fevereiro de 1923*

por

Antonio Fernandes de Souza

Exmo. Snr. Presidente do Estado.

Exmo. e Rmo. Snr. Arcebispo Metropolitano de Cuyabá,
Presidente de Honra do "Centro de Letras".

Ilustres Confrades.

Exmas. Senhoras.

Meus Senhores.



RESTAR homenagem á memoria daquelles que synthetizaram em si, um exemplo notavel da vida social e mental, é um dever commum a todos os povos sobre os quaes se diffunde a luz radiante do progresso.

Em obediencia a este principio universalmente observado desde os primordios da antiga civilização até aos nossos dias, venho, neste momento, satisfazer o compromisso de proseguir a série de conferencias, que o « Centro Mattogrossense de Letras » vem realizando sobre os vultos que se fizeram mercedores de homenagem pelos seus trabalhos relativos a Matto-Grosso, com o elogio do patrono da cadeira que immerecidamente occupo, nesta distincta Corporação.

Não me illudem, entretanto, as minhas fracas luzes, para o conseguimento deste elevado objectivo, como seria mistér, em vista de referir-se o thema proposto a uma individualidade que habitou este planeta ha bem uma centena de annos, deixando á posteridade o fulgor de sua adamantina intelligencia vasado em obras, que se recommendam pela importancia e utilidade do assumpto.

Sinto-me, porém, animado a desempenhar-me desta honrosa incumbencia, pallidamente embora, sem os ornatos ou figuras de rhetorica, porque trata-se, aqui, de commemorar a vida e os feitos de um homem eminente, pelos relevantes serviços prestados ao Brasil e ás letras patrias.

Este homem, senhores, foi Luiz D'Alincourt, aquelle espirito superior que amou á nossa terra como á sua propria patria, dedicando-lhe os primores de sua esclarecida intelligencia e o melhor

de seus esforços, tornando-a conhecida pelos importantes trabalhos de que se occupou durante toda a sua existencia.

A Historia, luz da verdade e mestra da vida, nol-o aponta como um dos mais dignos de nossa gratidão, pelo muito que fez em bem do Estado de Matto-Grosso.

Assim, pois, não poderia jámais escusar-me desta difficil tarefa, sem incorrer na desapprovação do proprio entendimento.

Senhores.

A vossa presença neste nobre recinto, dando-me a honra de ouvir a minha humilde palavra, é bastante significativa.

Viestes, com a vossa captivante gentileza, realçar sobremaneira esta sessão civica, patenteando, ainda mais uma vez, o vosso nunca desmentido interesse pelas cousas do nosso querido Estado.

A vossa generosidade d'alma, o vosso acrysolado patriotismo, dizem a cultura desta legendaria cidade de Cuyabá, reaffirmado as suas bellas tradições, que são o legitimo orgulho do nosso amôr ás instituições de nossa estremecida terra natal.

Luiz D'Alincourt, major de engenheiros e geographo notavel, pertencia ao numero daquelles a quem o saber e os serviços á Patria, constituem o portico por onde ingressam á Posteridade, trazendo os laureis da fama atravez da sua obra immortalizada pela sua penna.

Teve por berço Portugal, "jardim da Europa a beira-mar plantado", na suave expressão de um dos seus mais inspirados poetas.

Portugal, nação amiga, antiga metropole do Brasil, que é o prolongamento ideal daquella terra de heroes, ninho de poetas, cujas glorias e amarguras passadas, são o primeiro capitulo da nossa historia e as vibrações primeiras do organismo possante da nossa nacionalidade!

Luiz D'Alincourt abraçou a carreira das armas, no periodo da existencia em que as impressões se gravam mais fundamentalmente n'alma, transportando-se muito joven ainda para o Brasil.

Ardia-lhe a flamma do patriotismo, desenvolvendo-se a sua actividade, primeiramente, nos estudos scientificos que emprehendera, na Academia Militar do Rio de Janeiro; e por outro lado, nas commissões importantes que desempenhára, na Bahia, em Matto-Grosso e no Espirito-Santo. O cyclo de sua util existencia, dilatando-se do fim do seculo XVIII ao inicio do XIX, irradiou neste as luzes de sua formosa intelligencia e nelle sazou os fructos opimos da operosidade do seu talento robusto, sempre voltado para o bem e o progresso de sua patria adoptiva, onde pela maior parte vivêra e em cujo seio maternal repousam os seus despojos mortaes.

O emerito cientista, ao termo de uma existencia laboriosa,

deixou-nos a preciosa herança de suas virtudes civicas e a de suas obras, valioso repositório de interessantes informações, quasi todas referentes á provincia de Matto-Grosso e que escreveu, no desempenho das arduas commissões de que o encarregára o governo imperial.

Luiz D'Alincourt abriu os olhos á luz na villa de Oeiras, districto de Lisbôa, aos dezesete de Fevereiro de 1787: faz hoje exactamente 136 annos. Bem junto do seu berço natal, á margem da estrada que segue para o porto de Cascaes, ergue-se ainda a famosa quinta do Pombal, onde fôra residir e fallecêra, cinco annos antes, no occaso do immenso prestigio que o cercára, o celebre e poderoso ministro de d. José I, Sebastião José de Carvalho e Mello, conde de Oeiras, depois marquez de Pombal.

Sob a aura do grande e genial reformador da administração portugueza, embalára Luiz D'Alincourt a sua infancia descuidosa, entregue aos carinhos da familia idolatrada.

Foram seus paes Luiz D'Alincourt e d. Clara Rita Iphigenia D'Alincourt, ambos portuguezes, sendo neto de Louis D'Alincourt, francez e de d. Anna D'Alincourt, portugueza.

Contando apenas doze annos de idade, alistou-se como soldado na brigada real, aos 16 de Julho de 1799.

Esta circumstancia, desviando do remanso querido do lar o menino que se devotava á nobre carreira das armas, apartando-o dos folguedos innocentes da infancia, essa quadra risonha e feliz da existencia, concorreu poderosamente para o desenvolvimento das faculdades intellectuaes e de character do joven militar, tão cedo apercebido para as responsabilidades da ardua profissão que abraçára, as quaes, por assim dizer, não se ajustavam ao feitio da criança, que, prematuramente, privava-se dos doces encantos da casa paterna e dos beijos e afagos maternas.

No emtanto, o pequeno Luiz, visando com firmeza a sua nova situação, soube, desde logo, fazer-se merecedor da estima e confiança de seus superiores hierarchicos, conquistando accessos nos postos immediatos, a que lhe davam direito os seus merecimentos.

Tendo desembarcado das Barcas Canhoneiras, onde servira no primeiro anno do seu noviciado, foi promovido a cabo d'esquadra em 10 de Abril de 1801; por aviso da secretaria d'estado dos negocios da marinha de 19 de Agosto de 1803, foi transferido para o regimento da côrte de Lisbôa, tendo sido, por officio de 11 de Julho de 1809, do quartel-general, reconhecido cadete, addido ao regimento de artilharia do Rio de Janeiro.

Aos vinte e dous annos de idade, foi despachado segundo-tenente aggregado ao dito regimento, por decreto de 12 de Agosto do citado anno, no tempo em que era preciso ter sangue azul, provado com documentos, para subir ao primeiro posto na hierarchia

militar. Passou a primeiro tenente por decreto de 13 de Maio de 1810.

Com a sua transferencia para o regimento de artilharia do Rio de Janeiro, fez-se de vela o joven official para o Brasil, trazendo a alma povoada dos sonhos doirados da mocidade.

A viagem, do famoso Tejo á encantadora Guanabara, atravez do oceano, tantas vezes sulcado pelas caravelas dos destemidos descobridores do grande continente americano, e mais tarde, pelas náus e galeões artilhados, em que os Inglezes, os Francezes, os Hespanhoes e os Hollandezes vinham á conquista de fortuna e de aventuras, emprehendera-a, o joven Luiz D'Alincourt, naquelle periodo difficil por que passou o seu paiz, quando, afim de assegurar o throno portuguez, ameaçado pelas tropas napoleonicas ao mando do general Junot, ulteriormente duque de Abrantes, transmigrára-se o principe regente, depois d. João VI, com a familia real para o Brasil, assentando aqui a séde da monarchia lusitana.

Navegando pelo vasto oceano, com as suas ondas revoltas e as suas calmarias, banhando as ilhas e as costas dos continentes, reavivou-lhe o mar um dos sentimentos que elle representa para todos os homens civilizados — o da Patria.

Deixava Luiz D'Alincourt as plagas do Velho Mundo, na perspectiva que lhe offerecia um paiz novo e fadado a grandes destinos, onde deveria realizar o desejo vehemente de collaborar na grande obra do progresso e da civilização do seu tempo.

Em consequencia de sua classificação militar, veio residir na cidade do Rio de Janeiro, onde se estabelecêra a faustosa côrte portugueza com a sua numerosa comitiva de fidalgos, artistas, religiosos, cantores e validos.

Não foi indifferente a Luiz D'Alincourt a acção benefica exercida pelo principe, promovendo para o Brasil consideraveis melhoramentos e notavel progresso, elevando-o, finalmente, á cathedra de reino, pelo decreto d. 26 de Dezembro de 1816. A abertura dos portos do Brasil a todas as nações amigas, aconselhada pelo illustre brasileiro visconde de Cayrú; a creação da imprensa regia; do Banco do Brasil; do jardim botânico; da bibliotheca real; da academia de bellas-artes; da escola medico-cirurgica, além de outras medidas e ual'm'n e uteis, das quaes foi principal inspirador o ministro d. Rodrigo de Souza Coutinho, conde de Linhares, de grata memoria, e que tanto concorreram para o desenvolvimento intellectual e material da nossa patria, foram actos de benemerencia do principe braxantino, que exerceram a mais decidida influencia no espirito lucido do esforçado moço, incentivando-o para a obra de engrandecimento do formoso e vasto paiz a que viera trazer a colla-

boração de sua intelligencia de escol, servida pelo seu grande devotamento ao serviço da patria muito amada.

Amadurecia-lhe o espirito madrugando nelle sentimentos generosos, hauridos num ambiente sadio e rodeado dos esplendores da incomparavel belleza natural da nossa patria.

A 19 de Fevereiro de 1816, foi Luiz D'Alincourt mandado em commissão á cidade da Bahia, regressando em Janeiro do anno subsequente.

Seguiu destacado para a provincia de Pernambuco, em 18 de Abril de 1817, de onde voltou em Agosto do mesmo anno.

Cursou a Academia Militar do Rio de Janeiro até ao sexto anno, com approvação plena e dous premios, deixando apenas de fazer o exame de mineralogia.

Foi promovido a capitão graduado de engenheiros, por decreto de 6 de Fevereiro de 1818, passando á effectividade desse posto por decreto de 31 de Março do citado anno.

Promovido a major graduado por decreto de 4 de Junho de 1823, passou á effectividade desse posto por decreto de 12 de Outubro do predito anno.

O solido preparo intellectual de Luiz D'Alincourt, alliado ao seu temperamento contrario á inacção, fizeram-n'o um dos paladinos da grande cruzada da civilização contemporanea.

Em virtude de sua effectividade no posto de capitão, veio pela primeira vez a esta então provincia de Matto-Grosso, em fins do anno de 1818, fazendo a extensa travessia do porto de Santos á cidade de Cuyabá, em companhia do governador, tenente-general Francisco de Paula Magessi Tavares de Carvalho, depois barão de Villa-Bella, que tomou posse do seu elevado cargo a 6 de Janeiro de 1819.

Por essa occasião, a Villa-Real do Bom Jesus de Cuyabá foi elevada á cathegoria de cidade, por C. R. de 17 de Setembro de 1818. Por alvará de d. João VI, de 1820, passou a cidade de Cuyabá a ser a capital da provincia, em vista da insalubridade de Villa-Bella.

Cuyabá, terra dos bandeirantes, de onde se divisa ao longe a linha extrema da serra da Chapada, a Chanaan dos seus habitantes, beijando-lhe os pés, em placida corrente, o rio homonymo, "o aurifero, sadio e alegre Cuyabá", no seu expressivo dizer, foi para Luiz D'Alincourt, como um primoroso eden, decorrendo-lhe aqui tranquillamente os dias, em doce calma de espirito, como sóe acontecer em todas as povoações civilizadas do interior do nosso vasto Paiz.

Naquelle tempo, segundo o testemunho do proprio Luiz D'Alincourt, a população da cidade e porto geral era de 3.918 almas.

Contava a cidade 28 lojas de fazendas seccas e molhados, 131 tabernas, 725 fogos e 730 casas.

« O luxo, no vestuario dos habitantes da primeira classe, re-
 « feria elle textualmente, hé grande; a gente ácima do baixo
 « povo, traja á moda da Côte; os Negociantes, conduzem
 « todos os annos as modas; e as Senhoras, uzam muito das
 « Sedas para seus vestidos. Os Cuyabanos são geralmente
 « polidos, sensiveis, afaveis, generosos, de bôa estatura e
 « robustez, gentis, amigos de bem fazer, fervorosos apaixo-
 « nados do Governo Monarchico—Constitucional, amantes
 « da Sagrada Pessôa do Imperador, e dotados de muito ta-
 « lento, e penetração; assim lhes não faltassem Professores
 « habeis, que os doutrinassem; e podendo apenas aprender
 « hum pouco de Latim, e a ler, e escrever, nota-se que o
 « talho da letra hé elegante, e de gosto moderno; alguns
 « que teem avançado em conhecimentos, devem-nos ao seu
 « assiduo trabalho ou havel-os adquirido fóra da Patria.»

A respeito das artes liberaes e das bellas-artes, affirmava, entre outras cousas, o seguinte:

« A musica vocal, destinada ao Culto Divino, hé com effei-
 « to assaz mediocre. Em toda a provincia ha apenas hum
 « piano forte na cidade de Cuyabá, e ninguem que o to-
 « que; foi o primeiro que se viu desde a descoberta da
 « mesma provincia. Depois da chegada de hum individuo
 « a Cuyabá, no anno de 1826, e no mez de Janeiro, o qual
 « tem sufficientes noções de Dança, ha se desenvolvido o
 « gosto por esta arte, entre a Mocidade de ambos os se-
 « xos, manifestando-se muito geito e capacidade, assim ti-
 « vesse ella bons Mestres.»

Noutro ponto, observa Luiz D'Alincourt, de coração aberto:

« Pode-se dizer, geralmente fallando, que os habitantes des-
 « ta Provincia são dotados de bôa moral, caritativos e trata-
 « veis; as festividades tanto de Igreja, como profanas, são
 « feitas com pompa, principalmente em Cuyabá, que hé a
 « Povoação mais opulenta; os banquetes fazem-se com
 « gosto e profusão, e ainda que o vinho hé por alto pre-
 « ço, são delle as mezas fornecidas abundantemente. Nos

« dias de grande Gala concorrem as familias distinctas ao
« Palacio do Presidente, onde hé costume haver baile, pra-
« ticando-se com garbo a contra-dança, ril, gavota, minue-
« te afandangado, etc. O jogo hé hum dos principaes
« entretenimentos nas maiores povoações.»

Tal era, meus senhores, a cidade de Cuyabá ha um seculo' atraz, podendo aferir-se, por esta pequena amostra de sua sociedade, os costumes e a alma simples e benevola de nossos antepassados, que, entretanto, nas occasiões propicias, souberam dar tantas provas do seu valor e da sua firmeza, na conservação da hegemonia desta parte do paiz conquistada aos Hespanhoes, assegurando á antiga metropole a posse de tão dilatado territorio.

Bem distanciada, como vêdes, da civilização do seu tempo, andava a nossa querida Capital, naquella época em que, do seu fertil seio, corria o ouro em abundancia para sustentar o fausto e a pompa estrondosa das côrtes de Lisbôa.

Ao meio social deste povo bom e cheio de energia, adaptou-se perfeitamente Luiz D'Alincourt, aqui residindo, na sua primeira viagem, até o anno de 1823, compartilhando do seu viver descuidoso e feliz.

Porém, no dia 18 de Agosto de 1821, chegou a esta cidade, procedente do Rio de Janeiro, o coronel de milicias Antonio Navarro de Abreu, posteriormente deputado á assembléa geral constituinte, trazendo, este emissario, a noticia, que se espalhou immediatamente, dos successos das côrtes de Lisbôa, que, repercutindo ruidosamente na capital do paiz, occasionaram, como consequencia logica, a deposição dos governadores e a creação, em varias provincias, de governos provisorios.

Estes acontecimentos, exaltando naturalmente os animos e provocando tumultos entre os principaes elementos politicos nesta provincia, determinaram uma nova ordem de cousas, sendo, a 20 dos citados mez e anno, deposto pelo povo o governador Magessi.

Organizou-se, então, uma junta governativa, que se installou no mesmo dia, composta de nove membros e da qual foi presidente d. Luiz de Castro Pereira, bispo de Ptolomaida *in partibus* e prelado de Cuyabá, sendo Luiz D'Alincourt escolhido para occupar o cargo de secretario.

Conhecidas as rivalidades que surgiram entre a cidade de Matto-Grosso, antiga Villa-Bella e até então residencia habitual dos capitães-generaes e a cidade de Cuyabá, que, com a eleição daquella junta, avocava a prerogativa de capital da provincia, installou-se em Villa-Bella, em 21 de Setembro, outra junta governativa, estabelecendo-se, dest'arte, a dualidade de governo. As cidades rivaes

esforçaram-se em manter, cada qual, esta primazia, digna, por certo, dos fóros de civilização que ambas desfructavam.

A junta de Cuyabá, porém, foi approvada pelo principe regente e reconhecida por toda a provincia, á excepção da capitania de Matto-Grosso.

No intuito de apagar estas dissensões, que perturbavam a paz e a ordem nas capitánias, a 17 de Agosto de 1823 foi empossada a Junta do Governo de toda a Provincia, com residencia na cidade de Matto-Grosso, em virtude da C. I. de 10 de Novembro de 1822.

Mais tarde, passou a cidade de Cuyabá a ser definitivamente a séde da governo da provincia de Matto-Grosso, com a posse do primeiro presidente, no regimem monarchico, o dr. José Saturnino de Costa Pereira, depois senador do Imperio, a qual realizou-se no dia 10 de Setembro de 1825.

Em meio desta agitada situação, pontilhada de incertezas e cheia de difficuldades, mostrou-se Luiz D'Alincourt sobranceiro ás paixões politicas, que fervilhavam exacerbando os animos, actuando sempre com prudencia, intelligencia, zelo e dedicação á causa publica.

Taes acontecimentos, meus senhores, como sabeis, não eram outra cousa senão a revolta dos Brasileiros contra as ultimas disposições das côrtes de Lisbôa para reduzir o Brasil ao antigo regimen colonial, encontrando, taes factos, aqui, como em todo o Paiz, o terreno já preparado para o advento da nossa emancipação politica, que se verificou plenamente, com a grito heroico do Ypiranga, no memoravel 7 de Setembro de 1822, ephemeride gloriosa da historia patria, cujo centenario a Nação inteira vem de celebrar com patriotismo e intenso jubilo.

Não podemos negar, senhores, que Luiz D'Alincourt fosse um dos elementos efficientes que collaboraram na realização desse grandioso surto nacional, nesta remota região da nossa Patria.

Voltando á capital do paiz, em Março de 1823, foi o major Luiz D'Alincourt, por portaria de 14 de Agosto, mandado pela segunda vez a esta mesma Provincia, com a incumbencia de proceder a indagações e observações estatisticas desta parte do Brasil, serviço de grande valor para se conhecer a situação geral do paiz, no momento em que, a joven nação brasileira, libertando-se do pesado jugo lusitano, entrava num periodo de grandes reformas, administrando-se por suas proprias leis.

O governo havia dado a commissionados especiaes, o encargo de escrever obras relativas a cada uma das Provincias do novo Imperio, tendo sido organizado, para este fim, um minucioso questionario sobre e estatistica geral do Brasil.

A Luiz D'Alincourt, tocou a Provincia de Matto-Grosso, sendo o seu trabalho, de uma utilidade e merecimento inconfundi-veis, devido á iniciativa do imperador d. Pedro I.

No desempenho desta elevada e trabalhosa commissão, demorou-se o major D'Alincourt em Matto-Grosso seis longos annos.

Perlustrou os sertões mattogrossenses desde os campos de Camapuã até ás ribanceiras do Guaporé, ás lavras auríferas dos afluentes do Madeira, só deixando de visitar as gropiarias do Alto-Paraguay. Pela sua retina, desfilaram todos os painéis da Natureza, trazendo ao seu espirito, na evocação muda do passado, as scenas e peripecias das bandeiras paulistas, que antes d'elle devassaram os sertões incultos, transitando por estas mesmas terras, palmilhando dilatadas campinas, montes e valles, transpondo rios caudalosos, contemplando as cachoeiras tumultuosas, vadeando cabeceiras, trepando morros e chapadões, onde cascadeiam regatos de aguas crystalinas, que rolam granetes de ouro e pedras preciosas em seu leito arenoso.

A inundaçào periodica do caudaloso Paraguay, formando o lago denominado Xarays pelos primeiros exploradores desta região central ou o Caspio Americano, na adequada designaçào de Luiz D'Alincourt, o qual conta cem leguas de comprimento e quarenta de largura; os pantanaes do baixo S. Lourenço; as encostas das serranias que se confundem, na linha do horizonte, com o anil purissimo do céu, formando, no seu gigantesco desenvolvimento, cabeços, paredões, cordilheiras que avançam em varias direcções, abrindo-se, aqui, em grutas e cavernas; acolá, em desfiladeiros; apresentando além, fórmãs bizarras e aspectos de grandes massas; as florestas virgens da bacia amazonica, com a sua intrincada e exuberante vegetaçào; as mattas umbrosas, trescalando o aroma das flores campesinas, que se desabotoam á caricia do sol nascente e ao rocio da manhã; as azas multicores, librando-se entre as nuvens e cortando o espaço infinito; o rugir dos animaes selvagens e a variedade dos alegres cantos do passaredo irrequieto, — todo este scenario attrahente da Natureza, com o seu conjuncto de bellezas e harmonias, comprehendido em terras mattogrossenses, banhadas pelos rios das vertentes do majestoso Amazonas e do soberbo Prata, — tudo, emfim, evocava ao espirito observador de Luiz D'Alincourt, a grandiosa odysseá dos ousados bandeirantes, que, abandonando a familia e a tranquillidade do lar, penetravam os immensos sertões do Oeste, na ancia insoffrida de descobrirem thesouros incalculaveis do aureo metal, em lucta com os indios bravios, o rigor das intempéries, padecendo toda sorte de males, — integrando, porém, no territorio brasiliense, com tamanho heroismo, caracteristico da grande raça viril da gloriosa Paulicéa, a immensa zona assignalada

pela convenção de 7 de Junho de 1494, celebrada em Tordezillas, em virtude da qual pertenceria á Hespanha grande parte do Brasil e todo o territorio de Matto-Grosso, que os Castelhanos tentavam conquistar nesta parte do continente.

No seio de uma natureza virgem e opulenta, sentindo todas as manifestações das forças creadoras do Universo, do ponto mais central deste grande continente, quantas vezes não teria o seu espirito, pelas mysteriosas noites estrelladas, descido das regiões do sonho e da phantasia, á realidade das cousas que intentava executar e que executou, no interesse deste futuroso Estado!

Quantas difficuldades e soffrimentos, meus senhores, quantos tropeços e fadigas experimentados nessa missão pelo explorador audaz, mas tambem, quanta utilidade, no terreno da sciencia, não colhêra elle, para o serviço do paiz a que servia, considerando-se ainda os perigos e riscos a que se expunha o viajor, nos sertões desamparados, de que se constituia, então, em sua quasi totalidade, o territorio vastissimo de Matto-Grosso!

E' que a satisfação do cumprimento do dever, bastava-lhe para levar a bom termo o pesado encargo, não tendo em mira, Luiz D'Alincourt, vantagens outras senão os applausos da propria consciencia.

No seu regresso ao Rio de Janeiro, apresentou o major Luiz D'Alincourt o resultado de suas pacientes indagações ao ministro e secretario d'estado dos negocios da Guerra, conde do Rio Pardo, com officio de 26 de Março de 1830.

Acha-se o seu importante manuscrito, inserto nos Annaes da Bibliotheca Nacional sob o titulo — *Resultado dos trabalhos e indagações estatisticas da provincia de Matto-Grosso*, dividido em duas secções, tratando a primeira da estatistica geographica e natural e a segunda da estatistica civil e politica. Nesse interessante e minucioso trabalho, em que se descrevem com muita particularidade os costumes dos habitantes, a situação geral desta provincia, as suas riquezas variadissimas, salienta igualmente o seu auctor as bellezas naturaes do Paiz, como entre outras, a da enchente do rio Paraguay, que assim descreve:

« Hé neste espaço e pouco acima de Coimbra, que se
« apresenta o longo estirão da Piuva, que nas enchentes
« do Paraguay apresenta aos navegantes as mais engra-
« çadas e pittorescas illusões opticas: as aguas, cobrindo
« as margens e campanhas contiguas, só deixão ver as
« arvores, que achando-se muito isoladas parecem de lon-
« ge grandes combois e armadas, com o panno largo,
« navegando por um oceano tranquillo e de superficie

« prateada: para outro lado julga-se que hé real a existência de multiplicidade de pequenas ilhas formalizando « vistosos archipelagos, » rematando Luiz D'Alincourt este periodo com a seguinte exclamação, em que vai todo o entusiasmo de uma alma sensível, empolgada pelo bello panorama do grande rio: — «quadro encantador, que torna a viagem delectavel! »

Tratando dos meios de comunicação, na parte meridional da provincia, diz Luiz D'Alincourt, em nota, o seguinte:

« Abertas estas communicações virão a ser aproveitados « os bellos terrenos dos Cayapós, a amena Vaccaria, as « deliciosas campanhas que banhão os rios Mondego, « Taquari e S. Lourenço; novas Fazendas de gado vaccum « e cavallar ver-se-hão nascer, que florescerão em tempo « breve, pela bondade dos pastos; e este lucroso ramo, « segundo o meu entender, virá a fazer hum dia o principal artigo de exportação. Hé com effeito hum bem « real para a provincia de Matto-Grosso facilitarem-se-lhe « as communicações com as mais Provincias: por falta de « serem commodas e breves, vê-se privada do commercio « de exportação, verdadeira origem da sua decadencia, e « diminuta população, e que tem feito a desventura de seus « habitantes em geral, sendo bem pequeno o numero « daquelles que a fortuna ha favorecido, por se haverem « aproveitado das preciosidades que a natureza cança de « prodigalizar, e que, sahindo do paiz com a velocidade « do raio, sem proveito da Fazenda Publica, vão ornar, « em outros climas, a vaidade humana. Assim esta Provincia, matriz do ouro, havendo despejado de seu rico « seio centenares de arrobas daquelle metal cubiçado, « folga muito agora, quando vê chegar-lhe o socorro das « laminas de cobre. »

As laminas de cobre, remetidas pelo Thesouro para serem cunhadas em Cuyabá e applicadas ao pagamento da Tropa e mais encargos do mesmo Thesouro, eram, meus senhores, naquelles aureos tempos, moeda corrente nesta cidade.

Enumera o escriptor os specimens da fauna, da flora e da ichthyologia mattogrossenses, determinando a qualidade e utilidade dos productos; dá uma noticia minuciosa das variadissimas especies dos vegetaes e suas essencias, classificando-as devidamente; assim como, descreve o aspecto geral do paiz e faz uma interessante re-

lação das innumerables e preciosas jazidas mineraes que existem em nossa terra prodigiosamente fertil.

O enthusiasmo e verdadeira admiração de Luiz D'Alincourt pelas riquezas naturaes do nosso opulento Estado, traduzem-se nas suas palavras, cheias de sinceridade, quando exclama :

« Não posso deixar de lastimar o quão pouco nos have-
« mos aproveitado dos avultados meios com que a Natu-
« reza mimoseou o Brasil, para fazel-o em tudo grande,
« e independente em tudo.»

Não poderei dizer-vos, senhores, quantos embaraços foram quotidiana e pacientemente vencidos por Luiz D'Alincourt, nas suas longas e penosas viagens, para a catalogação geral das immensas riquezas naturaes do nosso Estado.

Do seu enorme trabalho, resultado da sua reconhecida proficiencia, direi apenas que se inferem todas as probabilidades e garantias de desenvolvimento industrial e commercial da nossa terra, destinada a uma opulencia invejavel, digna de um povo cuja historia nos engrandece, uma vez explorado scientificamente este solo privilegiado, extrahindo-se delle os bens naturaes de que é prodigiosamente dotado e que ahi estão reservados, afim de serem transformados, intelligentemente, pelo trabalho e industria, em verdadeira e abundantissima riqueza, abrindo-se ao commercio novas fontes de expansão e actividade.

Tratando da historia militar da Provincia, refere-se Luiz D'Alincourt ás ameaças de hostilidades, na fronteira do Oeste, pelos Castelhanos, no governo de d. Antonio Rolim de Moura e no de João Pedro da Camara, as quaes foram promptamente rechassadas pela nossa gente; bem como, ao ataque inopinado ao forte de Coimbra, no anno de 1801, pelas sumacas hespanholas sob o commando de d. Lazaro de Ribera, governador do Paraguay, o qual, como é sabido, foi repellido pela bravura do benemerito coronel Ricardo Franco de Almeida Serra, hoje cognominado justamente—o Leverger dos tempos coloniaes.

Em seguida, analyzando a situação das guarnições das nossas fronteiras e trazendo considerações varias a respeito da defensiva do paiz, em caso de guerra estrangeira, expende Luiz D'Alincourt as judiciosas observações que seguem:

« Hé um axioma. "A Nação que quizer ser pelas outras res-
« peitada, e permanecer em Paz sem praticar servis sacrifici-
« cios, prepare-se bem para a Guerra durante a mesma Paz. »

« A Historia nos apresenta esta verdade. Por desventura da
« Especie humana, tem-se tornado a Guerra hua sciencia de
« necessidade absoluta, ou seja para nutrir a ambição de pre-
« tenções injustas, ou para defender direitos; e tomando-se
« mesmo debaixo deste justo ponto de vista, conhece-se
« quanto hé mister, que durante a paz se preenchão os Ar-
« senaes dos Trens Bellicos; que as Fortificações se conser-
« vem em bom estado; que o Exercito esteja contente, e bem
« disciplinado; e que a Officialidade seja instruida nos co-
« nhecimentos theoreticos e praticos, para desempenho do seu
« encargo; sem o que não fará progresso a Nação na com-
« plicada Sciencia da Guerra, e sem o que, ficando sempre
« embotado o genio, por mais bem disposto que seja, não
« apparecerão nunca os grandes rasgos de vista Militar, que
« apesar de serem dadas da Natureza, hé a Sciencia que os
« torna transcendente: a instrucção dos Officiaes faz-se pois,
« indispensavel; sem ella não são mais que os verdugos de
« seus subordinados, se a necessidade lhes pozer nas mãos
« o Commando destes; a sua ignorancia, imperfeições e fal-
« tas os conduzirão a cobrirem-se de cans, sem nunca po-
« derem cobrir-se de glorias; finalmente, sem bons Officiaes
« nunca haverá soldados bons, e sem que huns e outros
« toquem este quilate, jamais se fará a Guerra com vanta-
« gem: a Guerra que tem existido, e existirá emquanto du-
« rarem os Seculos, para flagello da Humanidade, e que
« nunca poderá destruir-se, porque os homens e suas pai-
« xões, teem sido, são e serão sempre os mesmos em to-
« dos os tempos!
« Cancem-se embora os Filózofos com as suas brilhantes
« theorias, nada conseguirão contra o natural, e immutavel
« declive do Coração humano.»

Faz ver ainda, diante da possibilidade de uma aggressão ex-
trangeira, o lastimavel estado de abandono da nossa fronteira com
a Republica do Paraguay, cujo paiz, sob a mão de ferro do velho
dictador, o dr. dom José Gaspar Rodriguez Francia, prohibindo, com
o desconfiado e machiavelico systema de governo que alli implan-
tára, quaesquer communicações com as republicas vizinhas, devia
inspirar serios receios ao governo do Brasil, principalmente, devido
á sua posição geographica e ás relações de amizade, que poderia
entabolar com as nações limitrophes e da mesma origem; aconse-
lhando, Luiz D'Alincourt, judiciosamente, na serena antevisão do fu-
turo: "Que a Fronteira do Paraguay se conserve sempre em estado
de impôr aos vizinhos."

Termina elle a sua exposição com estas palavras, que muito bem revelam o seu extremado zelo pela causa do nosso amado paiz:

« A' vista de todas as declarações, que tenho expendido, e
« de estar firme no principio, pelo que respeita a Profissão
« Militar, que, aquelle que para o peor se previne, melhor
« acerta; que devo concluir finalmente?
« Que nunca se deixe de conservar a fronteira toda em
« sufficiente pé de respeito, guarnecida por tropas bem dis-
« ciplinadas, satisfeitas e governadas por officiaes intelligen-
« tes para gloria, honra, interesse e segurança do imperio
« por aquelle lado.»

A imprevidência governamental, porém, triumphou, de modo inilludível e irremediavel, achando-se ainda a nossa fronteira com a Republica do Paraguay desguarnecida e desprovida de munições de guerra, trinta e seis annos depois da communicação official a que acima me refiro, sendo Matto Grosso a primeira victima com a invasão do seu territorio, em fins do anno de 1864, pelas forças do terceiro e ultimo presidente e dictador daquelle malaventurado paiz, Francisco Solano Lopez.

Em face da violencia dessa aggressão, determinou-se o aparelhamento da defeza, com enormes sacrificios de toda ordem, repellindo, finalmente, os soldados brasileiros, os invasores do solo da nossa patria, depois dos brilhantes feitos d'armas de todos vós conhecidos, e que tiveram por epilogo o memoravel combate do Alegre, travado nas aguas do rio S. Lourenço a 11 de Julho de 1867, os quaes, tanto lustre déram, em Matto-Grosso, á nossa historia militar.

Tivesse o paiz attendido a tão justas ponderações, expendidas por Luiz D'Alincourt e ter-se-ia deste modo evitado o massacre e o exodo das populações do Sul, o abandono de Coimbra, o sacrificio de Corumbá e a perda de tantas vidas preciosas, fazendo custar caro ao inimigo a sua ousadia e a de pretender tambem tomar Cuyabá, que só não teve identico fim, devido á antemural opposita aos brios nacionaes pelos Cuyabanos, commandados por Leverger, na collina historica do Melgaço.

Infelizmente não foi assim, e Matto-Grosso inteiro pagou o tributo do sangue de seus caros filhos pela libertação do seu territorio e a redempção dos prisioneiros, escrevendo desta maneira a pagina mais brilhante da sua historia.

Trata Luiz D'Alincourt na segunda secção da sua interessante obra, dos factos historicos do descobrimento, povoamento e colonização do territorio de Matto-Grosso até o governo do ultimo capitão-ge-

neral, o que equivale dizer, de todo o periodo colonial e que, pelo criterio na narraçãõ dos acontecimentos mais notaveis dessa primeira phase da nossa existencia collectiva, bem poderia affirmar-se com justiça, ser esse trabalho umas das melhores fontes de informações que possuímos a este respeito.

No mesmo anno de 1830, publicou Luiz D'Alincourt, na Typographia Nacional e Imperial, a obra intitulada:

« Memoria sobre a viagem do porto de Santos á cidade de Cuyabá, organisada e offerecida á sua magestade imperial o senhor d. Pedro primeiro, ... por Luiz D'Alincourt, sargento-mór de engenheiros. »

Apenas concluíra a publicação destes trabalhos de inestimavel valor, seguiu o major Luiz D'Alincourt, em commissão do governo, no anno de 1831, para a provincia do Espirito-Santo.

Ali, residiu o notavel e modestissimo engenheiro dez annos, notadamente em Villa-Linhares, á margem esquerda do Rio Doce, entregando-se aos trabalhos de exploraçãõ deste rio desde os bancos da sua fóz até aos seus principaes afluentes e concluindo as suas apreciadas "Memorias" sobre o reconhecimento deste rio importante, em Villa-Linhares, no anno de 1832 e na cidade da Victoria, em 1834.

Após uma existencia que foi um poema de trabalho, Luiz D'Alincourt, cedendo á lei fatal do humano destino sobre a terra, cerrou os olhos á luz da vida, no anno de 1841, aos 54 annos de idade, não se sabendo a data exacta do seu fallecimento.

Triste é dizel-o, — o esquecimento foi o premio que lhe reservára o destino pelo entranhavel carinho com que amou á nossa patria!

Resuscitemos, pois, a sua memoria veneranda e rendamos-lhe o tributo do nosso respeito e eterna gratidãõ.

O Instituto Historico e Geographico Brasileiro, essa benemerita e modelar instituiçãõ, que tão assignalados serviços vem prestando á nossa cara Patria, publicou, na sua revista trimensal, os notaveis trabalhos de Luiz D'Alincourt abaixo mencionados:

— Documentos sobre o Rio Doce,

— Officio do Engenheiro Luiz D'Alincourt, em 10 de Novembro de 1824, contendo noticias interessantes sobre a parte meridional da provincia de Matto-Grosso.

— Resumo das explorações feitas pelo major Luiz D'Alincourt desde o registro de Camapuan até a cidade de Cuyabá.

— Resumo das observações estatisticas feitas pelo engenheiro Luiz D'Alincourt, desde Cuyabá até a villa do Alto-Paraguay Diamantino.

—Reflexões sobre o systema de defeza que se deve adoptar na fronteira do Paraguay, em consequencia da revolta dos indios Guaycurús ou Cavalleiros. Feitas e offercidas aos Illms. e Exms. Snrs. Presidente e Governador das Armas da Provincia de Matto-Grosso, por Luiz D'Alincourt, sargento-mór de engenheiros. Cuyabá, 1826.

—Officio sobre a estatistica, defeza e administração da provincia de Matto-Grosso, 1824 a 1826.

—Memoria sobre o reconhecimento da foz e parte do Rio Doce até duas leguas e meia acima da mesma fóz, respondendo-se aos artigos das instrucções dadas sobre este objecto, e tambem acerca da parte da costa, que corre desde a mencionada foz até a do Riacho, e subindo por este á confluencia do rio Comboys, trata mais, do reconhecimento delle e termina no rio Pardo e lagôa Preta, organizada segundo as instrucções e ordens do Illm. e Exm. Snr. Manoel José Pires da Silva Pontes, presidente da provincia do Espirito-Santo. Villa-Linhaes, em Agosto de 1832.

—Continuação da Memoria sobre o reconhecimento do Rio Doce e dos mais objectos, na forma das instrucções dadas pelo Illm. e Exm. Snr. Manoel José Pires da Silva Pontes, presidente da provincia do Espirito-Santo. Victoria, 2 de Julho de 1834.

Além desta copiosa bagagem scientifica do illustre engenheiro, menciona Sacramento Blake, no seu Diccionario Bibliographico, vol. V, pags. 341, mais as seguintes obras escriptas por Luiz D'Alincourt:

—"Memoria sobre o minerio de ferro achado junto á villa da Cachoeira, na provincia da Bahia, por Guilherme Christiano Feldner"; escripta em portuguez. Inedita. Existe o original na Bibliotheca Nacional.

—"Memoria sobre o graphito descoberto na villa de Santo Amaro, Bahia de Todos os Santos, por G. C. Feldner, escripta em 1816, por Luiz D'Alincourt." Existe o autographo no archivo da Secretaria dos negocios exteriores.

—"Reflexões acerca da provincia de Matto-Grosso, offercidas ao Exm. Snr. José Bonifacio de Andrada e Silva, 1823.

Tem-se ainda conhecimento de haver Luiz D'Alincourt levantado varias cartas geographicas, entre as quaes o mappa do reconhecimento praticado na fronteira do Casalvasco a Jaurú, no anno de 1827 e planta da parte do rio Riacho, a contar da barra da Valleta por onde elle deve seguir para a Concha com a linha da direcção do paredão projectado, datada do Rio Doce, em Julho de 1833.

Plantas e levantamentos dos fortes Bourbon e Coimbra.

Do merecimento destes trabalhos, diz a auctoridade insuspeita de Augusto Leverger, barão de Melgaço, em sua "Breve memoria relativa á corographia de Matto-Grosso", o seguinte :

« Com o general Magessi veio para a provincia o capitão,
« depois major de engenheiros Luiz D'Alincourt, a quem
« se devem trabalhos de bastante interesse para a corographia
« Ao major D'Alincourt não faltava zelo, nem instrucção,
« e colhendo dos seus escriptos valiosas informações.»

O brigadeiro José Joaquim Machado de Oliveira, dirigindo-se em officio de 14 de Maio de 1845, ao conego Januario da Cunha Barbosa, assim se exprime, a respeito de sua "Memoria" sobre o reconhecimento do Rio Doce :

« Nenhuma duvida pode haver nas informações que deste
« rio dá o major Alincourt, porque além de ter sido um
« official muito intelligente e profissional nestas materias,
« residiu alli alguns annos, e tomou vivo interesse pela
« exploração daquelle rio e seus affluentes, e principal-
« mente para determinar com exactidão a posição dos
« bancos da sua foz. »

O grande geographo e historiador Candido Mendes, tratando das lindes de Goyaz e Matto-Grosso, essa questão bi-secular, cujo litigio de limites acha-se actualmente dirimido pelo Tribunal Arbitral organizado na cidade do Rio de Janeiro, affirmava o seguinte :

« Em 1818, segundo a memoria do porto de Santos á
« cidade de Cuyabá, escripta pelo Sargento-mór, engenheiro Luiz D'Alincourt, publicada em 1830, a linha do
« Araguaya é reconhecida como divisa entre as duas provincias. Ora, este engenheiro, que não pouco se occupou com a provincia de Matto-Grosso, hé uma auctoridade que não se pode menos prezar.»

O dr. João Severiano da Fonseca, na sua conceituada obra "Viagem ao redor do Brasil", fallando de Ricardo Franco, Francisco Lacerda e outros notaveis engenheiros da commissão demarcadora de limites, faz a Luiz D'Alincourt referencias que por si sós traduzem uma homenagem ao seu reconhecido merito scientifico.

Diz o dr. J. Severiano, referindo-se áquelles mestres da technica da engenharia :

« Depois delles e na geração que passa, Matto-Grosso só
« registra dois nomes de varões prestimosos, que se pren-
« dem a tudo o que ha de melhor, relativo aos seus es-
« tudos geographicos, e a quem deverá gratidão eterna.
« Luiz D'Alincourt, major de engenheiros, e o Sr. Augusto
« Leverger, barão de Melgaço e chefe de esquadra refor-
« mado, sabio e modestissimo conhecedor do territorio
« mattogrossense, ambos dignos herdeiros e emulos das
« glorias de Ricardo Franco e Lacerda.»

Depois destas honrosas referencias a Luiz D'Alincourt, pe-
los homens mais auctorizados e competentes, que mais posso dizer-
vos, senhores, para a glorificação de tão illustre servidor da nossa
patria?

A historia particular do Estado é cheia de nobilitantes exem-
plos de varões prestimosos, que prestaram serviços inestimaveis,
na paz e na guerra, a Matto-Grosso, que lhes deve á memoria eterna
gratidão. Dentre os filhos d'além-mar, avultam os nomes de Rolim
de Moura, Luiz de Albuquerque, Ricardo Franco, Luiz D'Alincourt,
Augusto Leverger; fazendo egualmente jús á nossa veneração, além
de outros notaveis Brasileiros, João Severiano da Fonseca, d. José
Antonio dos Reis, Couto de Magalhães e varios presidentes desta
então Provincia; os bravos Antonio João, Portocarrero, Oliveira Mello,
commandantes Costa e Baldoino, e essa pleiade de patriotas, civis
e militares, que se distinguiram na celebre retirada da Laguna, es-
sa gloriosa epopéa, em que o genio militar superou, com heroismo
e abnegação admiraveis, os horrores de uma guerra implacavel, da
fome e da peste, vencendo, a columna expedicionaria, em marcha
da estancia da Laguna, na republica do Paraguay, ás margens do
Aquidauana, a tenacidade do inimigo, as intempéries, os golpes da
epidemia, todos os soffrimentos, enfim, com resignação e coragem,
trazendo, a reduzida columna de martyres, com supremo orgulho,
as suas bandeiras e os seus canhões, dando ao mundo um exem-
plo só comparavel á retirada dos Dez Mil, de que nos falla a
Historia, cobrindo-se de glorias e de immarcessiveis louros o sa-
grado pavilhão nacional.

Á mocidade estudiosa, não faltarão estimulos para dirigil-a no
caminho do dever e da honra.

É sabido que as primeiras conferencias para a emancipação
politica do Brasil, foram realizadas, antes de 1786, por alguns es-
tudantes brasileiros, que cursavam a universidade de Coimbra e a
escola de medicina de Montpellier.

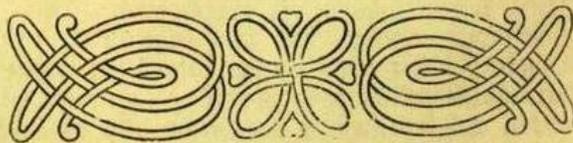
Apta para os combates incruentos do saber, cheia de ardor
civico para a conquista dos mais elevados ideaes, perseverante na

virtude e fortalecida pela fé no porvir da nossa terra abençoada, a mocidade, esperança da patria, caberá, sem duvida, o dever sagrado de pugnar pela felicidade deste vasto territorio, herdado dos nossos antepassados e que desejamos prospero e respeitado, defendendo-o em todos as vicissitudes e guiando o seu grandioso destino pela senda da paz, do direito, da justiça e da liberdade.

Para tanto, senhores, faz-se mistér que os nossos jovens conterraneos, abeberando-se na biographia dos patriotas, em cujas paginas de ouro rebrilha o nome aureolado de Luiz D'Alincourt, como um dos mais dignos do nosso respeito e veneração, congreguem-se, em torno da mesma aspiração de amôr e concordia, rendendo, nas aras do patriotismo, o devido culto aos nossos heroes, a quem Matto-Grosso deve o que hoje é.

Mais tarde, quando investidos dos cargos de responsabilidade, tiverem occasião, os moços de hoje, de praticar aquelles mesmos feitos heroicos, aquellas mesmas acções sublimes, e souberem realizar todo o nosso programma de paz e justiça, então, a esperança que nos avigora e nos une para as luctas do pensamento e o trabalho dignificante, será como o sol radioso, que brilha no limpido céu da nossa terra, fecundando as seáras, prodigalizando a vida, illuminando a nossa mente, abrasando os nossos corações, trazendo-nos, finalmente, a crença inabalavel e vivificadora de que, amando a nossa bella patria, por ella nos sacrificamos, derramando a ultima gotta de sangue em defeza da honra nacional, esforçando-nos por eival-a e dignifical-a, conhecendo-a e tornando-a conhecida, e engrandecel-a perante o mundo todo, para que a nossa querida patria seja sempre, para todo o sempre, mais revelada e immortal.

Tenho concluido.



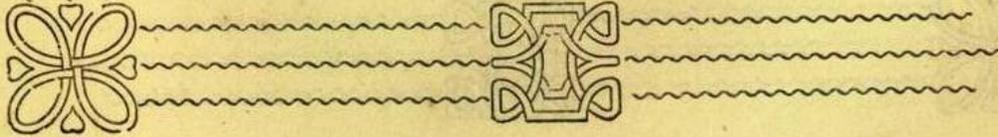
ÇUNACEPA

(Leconte de Lisle)

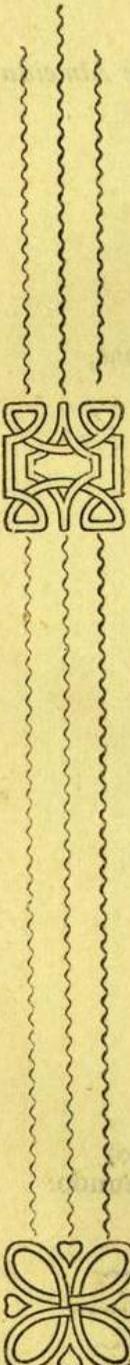
Ao Dr. Mario Monteiro de Almeida



A Virgem cujo carro é roseo, a coma ao vento,
Arroja-se a sorrir do mar ao firmamento
Num nevoeiro de prata e de oiro coruscante.
A parcelha rosada instiga no Levante;
Banha o monte azulado em suas linhas calmas
E o valle, onde ao frescôr e ao balanço das palmas,
Aves de collo rubro e corpo de diamante
Soltam no ninho morno o jovial descante.
Tudo desperta, envolto em uma luz divina,
Tudo brilha e sorri: a torrente, a collina
E a garganta, onde, á noite, o tigre tem miado,
E o lago a transluzir, de lotus estrellado.
O delgado bambú range; os musgos flexiveis
Ouvem o murmurar de hospedes invisiveis ;
A apêlha a sussurrar, vôa; as mattas profusas,
Densas, cheias de arcano e de vozes confusas,
Onde os sabios, no sonho ascetico embebidos,
Não se dão conta mais dos dias decorridos,
Ao sentirem a seiva e o fogo do sol nado,
Se erigem com vigor no ar subtil e azulado.
E' assim que a manhã, que os oceanos semelha,
Esparge os raios seus sobre a terra vermelha,
Como um alvo rebanho em verde pasto immerso,
E com seu doce olhar atravessa o universo.
Homem, ella conduz, ás casas onde môras
O cuidado e o labor com o enxame das Horas ;
Porque nada resiste a sua viva luz.
Só, sob o resplendor do espaço que o seduz,
Livre do anhelô vão das auroras futuras,
O justo para ella ergue suas mãos puras.
Elle sabe que a Maya, esse embuste eternal, ¹
Ri-se do que caminha e chora á luz astral,
E que em moldes sem conto (engano bem fecundo)
Sem ter curso ainda o tempo, Ella sonhara o mundo.



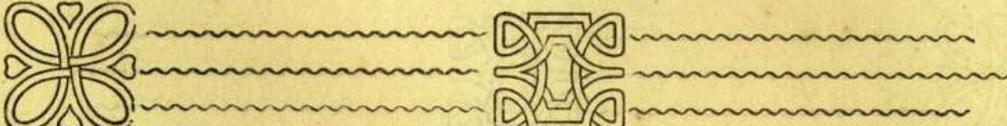
II



Na choça, junto á qual sua figueira cresce,
 O Richi venerando ha terminado a prece. ²
 Em seus braços, que são de uma cõr ambarina,
 Desce as mangas, rodeia os rins de musselina,
 E cruzando os dois pés sob a coxa, de manso
 Os olhos cerra, e mudo, assim pensa em descanso.
 Sua mulher lhe vem depôr na esteira indiana
 Arroz, leite coalhado, a tamara, a banana,
 E depois se retira e vae comer a um canto.
 Tres homens junto ao velho assentam-se, no emtanto,
 Seus filhos. O mais velho e o mais moço a seu lado.
 O outro, em frente, jejua, em sonhos enlevado.
 E' o mais bello, porem não é dos paes o eleito.
 Cinge-the cada punho um bracelete estreito.
 Sobre o dorso despido a coma lhe desliza
 Em aneis naturaes, espessa, negra e liza.
 A tristeza lhe habita a pensativa testa
 E no seu grande olhar põe uma nuvem mesta.
 Baixando suavemente a palpebra bronzeada,
 Elle olha para Leste a collina sombreada,
 Onde flammeja o azul e a purpura das aves
 Nos bosques que a luz doira e o sandalo faz suaves;
 Onde a virgem de lindo olhar de corsa, agora
 Se dirige de longe ao coração que a adora.
 Mas da aurora que nasce até o entardecer
 Um dia vae passar sem que elle a possa ver.
 Com a alma assim ferida, elle mudo repousa.
 A figueira, no emtanto, oscilla, murmurosa,
 E na margem do rio, entre os juncos tranquillos,
 Se ouve o grito jovial dos grandes crocodilos.

III

Surya, como um globo ethereo e crystallino, ³
 Sobe no espaço azul, augmenta e paira a pino.
 A nuvem em fusão em torno ao Deus branqueia,
 E o oceano celeste oscilla e se incendeia.
 Todo ruido declina; a ave cede ao calôr,
 As folhas dos bambús não cantam mais, a flôr
 Languidamente cerra a corolla brilhante
 A' abelha que divaga ainda sussurrante.
 E a terra e o firmamento onde circula a flamma,
 Se calam de uma vez ante o Deus que se inflamma.
 Mas, á margem do rio, aos milhares, ligeiros,

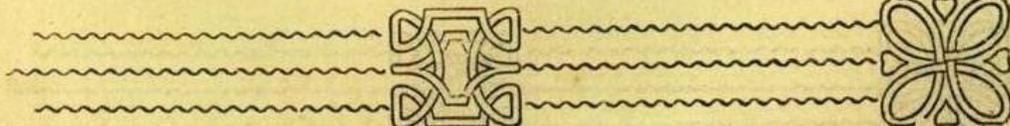
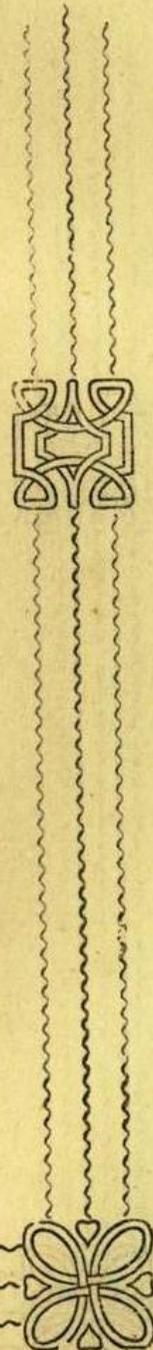


Em branco turbilhão, eis correm cavalleiros;
 Carros rolam atraz, de foices eriçados,
 E como um pavilhão, se ergue a poeira dos prados.
 Sobre um grande elephante, a estremecer o ambiente,
 Vestido de oiro, sob um parasol ingente,
 De onde pendem festões de c'rôas luzidias,
 A fronte numa faixa, a arder em pedrarias,
 O velho Maharadjah, rei dos homens, igual ⁴
 Ao grande Indra, de pé, sob o sol matinal,
 Ante o humbral onde se acha o Brahmane em repouso,
 Pára, cercado assim do sequito ruidoso.

— Richi, tão caro aos ceos, sabio dos longos dias,
 Diz o rei, que has medido as eras fugidias,
 Ouve: sobre minha alma ha uma nuvem densa;
 Os Deuses, como ao vil Çudra, me hão feito offensa. ⁵
 Eu lhes offerecera um indio em sacrificio.
 O Brahmane já erguia a mão, em seu inicio,
 Quando elles do pilar desligando o offertado,
 Me têm manchado a gloria e attribuido um peccado.
 Os montes perlustrei, os plainos, as cidades,
 Buscando um ser humano, isento de maldades,
 Que lave com seu sangue a falta que me inquieta
 E livre do rancor dos Deuses o planeta.
 Porque Indra, não me tendo escutado os gemidos, ⁶
 Negará agua viva aos campos resequidos
 E veremos cahir ante sua ira insana
 Nos sulcos sem vigôr todo a familia humana.
 Mas não achei ainda esse homem que requeiro.
 Richi, tens mais de um filho: entrega-me o primeiro,
 E te darei, além do reconhecimento,
 Como preço, cem mil vaccas gordas do armento.—

O Brahmane lhe diz: — O' Rei envolto em brilho,
 Por preço algum te cedo o meu primeiro filho.
 Por Esse que preside em tudo ás apparencias
 E se move no mundo e nas intelligencias,
 Ainda que a terra, como a folha das florestas,
 Se queime e estorça toda em agonias mestas,
 Radjah! eu guardarei o chefe do meu tecto. ⁷
 Entre os vivos, em fim, de que o mundo é repleto,
 Formas vans, esse filho o estimo sobremodo. —

E a mulher, a sentir o corpo tremer todo,
 Disse em seguida: — O' Rei, pela rubra Deidade,
 Voto ao ultimo filho excessiva amizade. —



Çunacepa se ergueu, calmo no parecer :
 — Vejo bem que é chegado o dia de morrer.
 Meu pae me desampara e minha mãe não me ama.
 Mas antes que me immole o ministro de Brahma,
 Permite, Maharadjah, que eu todo um dia ainda
 Viva. Quando amanhã, no mar de luz infinda
 Surya der impulso ás eguas esplen lentes,
 Estarei prompto. — Bem, disse o Rei. — Entrementes,
 Dos cymbalos a voz, dos carros o ruido,
 Rinchos, gritos em fim, sôam num alarido ;
 E remontando o curso á sagrada ribeira,
 Todos presto se vão por entre a flamma e a poeira.

O mancebo, de pé, dos velhos paes em frente,
 Tranquillo, nelles punha a vista transparente,
 E os vendo mudos : — Meu pae querido, de accôrdo,
 Meus dias hão de ser como as folhas do bordo
 Que uma tormenta faz voltear em pleno estio,
 Bem antes de chegar o inverno e o vento frio :
 Adeus, meus paes ! Vivei, irmãos, por annos varios,
 Guarde Indra a todos vós dos Poderes contrarios,
 E elle beba meu sangue ao bronzeo poste! —

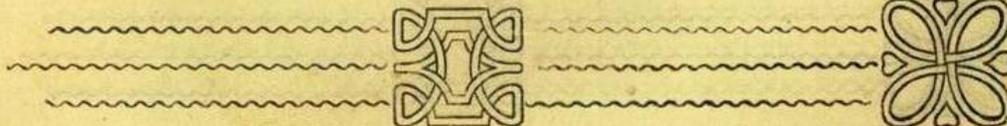
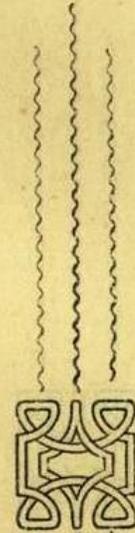
Então,

O Richi disse : — Tudo é como um sonho vão. —

IV

Era a collina verde e como um floreo calix
 Onde o aroma da tarde erguia-se dos valles,
 Onde o pombo bravo, em bando, nas clareiras,
 Vinha se acocorar nos ramos das palmeiras,
 Que, sob as flores de ouro e as plantas vicejantes,
 Moviam no ar calmoso os leques oscillantes.
 Çunacepa, deitado á relva erma e sombria,
 Mirava no horizonte o decrescer do dia,
 E, com os braços premendo o peito em anciedade,
 Ante a morte chorava a força e a mocidade.
 Elle vos pranteava, ó bosque estuante e escuso,
 Valle, onde, á amiga sombra, erra um canto confuso,
 Rio sacro sem par, cuja vaga elle tanto
 Sentira sobre o peito, em seu marulho santo,
 Campos de milho, ondeando aos ventos matutinos,
 Cimos de ermos confins, mar de tons azulinos,
 Bellos astros do espaço infinito, que em torno
 Uns dos outros, giraes no ceo luzente e morno !
 Porem mais que a natura e esse dia inquieto,
 O' flôr desabrochada ás caricias do affecto,
 O' Çanta, calix onde elle com labios ternos

Bêbia a onda sagrada em prantos sempiternos,
 Eras tu seu pezar, tu a prenda adorada
 E unica, ao pé da qual todo o mundo era nada!
 E como te chamava agora atribulado,
 Te vieste sentar sobre o orvalho a seu lado,
 Bella, os cilios gracis, velando o olhar celeste,
 Flexivel como o junco em tua branca veste,
 E lhe cingindo o corpo, ias dessa maneira
 Fazendo soar no punho os sinos da pulseira.
 Depois, com a voz igual ao trinado de uma ave,
 Que a aurora despertou no ninho quente e suave,
 Ou como o fresco ondear do arroio fugitivo,
 Tu diseste com a bocca ideal, de nacar vivo:
 —Eis-me aqui, eis-me aqui, anciosa, meu amado!
 Ah! desde hontem, amigo, hei mil dias contado!
 Nunca a hora foi tão remissa ao meu desejo.
 Porem apenas vi, com o tremulo lampejo
 Uma estrellla pratear o azul da immensidade,
 Abandonei de um salto a esteira e a nossa herdade!
 A corsa veloz, não fôra tão expedita.
 Mas teu rosto está triste e teu olhar me evita!
 Tu choras! Acaso eu te faço soffrer tanto?
 Responde! com meu beijo enxugarei teu pranto.
 Porque choras? Attende a que te amo na vida
 Ainda mais que a meu pae e a minha mãe querida! —
 E os lindos braços nús, de ambar, poz nesse instante
 Como um morno collar ao pescoço do amante,
 Buscando adivinhar o que á tortura o impelle
 E pousando ao acaso a bocca sobre a delle.
 Elle, ante tanta graça e esse amor, hesitante,
 Se calava sombrio, o seio palpitante;
 Mas logo, a transbordar de angustia e magoa infinda,
 Respondeu: — Çanta, brilhe um dia mais ainda,
 E me verá morrer. Quando descer dos ceos
 A sombra, ha de beber meu sangue o altar do Deus.
 Meu venerado pae (feliz lhe corra a idade!)
 Venleu ao sacrificio a minha mocidade:
 Honrar-lhe-ei a palavra. E tu, ó minha irmã,
 O' minha vida, vem! Não é doce a manhã
 Como teus olhos, nem a agua tão clara e pura,
 Quando te brilham sob a cabelleira escura;
 E o som de tua voz me enleva mais e canta
 Do que a Apsara que está sob a figueira santa! 8
 Falla-me! Tua bocca é como a flor abrindo,
 Aos osculos do sol, o botão roseo e lindo,
 A flor da açoka, a cujo aroma peregrino,
 De mel, o bengali bebe o extase divino!
 Oh! que eu te sinta agora os labios perfumados,



Que, ai de mim! me vão ser para sempre cerrados!
E já que fui feliz e meu sonho é desfeito,
Vem, pela extrema vez chorar sobre meu peito.—

Qual se vê a gazella, ao golpe desferido,
Rolar sobre o tojal, em seu sangue embebido,
Cerrar o olhar em pranto, arfar, gemer com o tiro,
A joven, desprendendo um unico suspiro,
Cahi aos pés do amante exanime e gelada.
Assustado, a beijar-lhe a bocca inanimada,
Çunacepa lhe diz: — Não morras, meu amor! —
Entre os braços tomou-lhe o corpo encantador
E aqueceu-lhe com mil beijos, com mil desvelos
A fronte branca, sob a treva dos cabellos.
—Ah! não morras! Eu te amo. Escuta, caro ser:
Sem ti não polerei viver nunca ou morrer! —
Nisto, ella descerrou as palpebras, e ardente
E amargo, o pranto encheu-lhe os olhos, de repente:
—Vem, fujamos, ó meu amado, o mundo é grande.
Sigamos o barranco, onde o rio se expande;
Sobre a silva, o espinhal, entre os bosques sombrios,
Nenhum olhar nos segue os passos fugidios.
Vamos prestes. A noite envolve os ceos quietos.
Eu conheço o meandro, os caminhos secretos
Que conduzem do rio ás montanhas de perto.
O grão tigre mosqueado ahí infesta o deserto;
Mas o tigre é melhor do que o homem ignaro!
Fujamos sem tardar, si meu amor te é caro! —

Çunacepa, a pensar, absorto na donzella,
A mirava. Jamais elle a vira tão bella,
Com o grande e negro olhar, em lagrimas brilhantes,
O lotus enlaçado aos braços vacillantes,
Os labios de coral, fluctuando-lhe no rosto
A longa cabelleira, esparsa com o desgosto.

—O' Çanta, sabe o ceo si este amor me arrebatou!
Mas que diria o Rei, filho de Daçaratha?
Que um Brahmane roubou cem mil vaccas gentis,
E que seus filhos são mentirosos e vis?
Não! Não! antes morrer. Prometti, cumprirei.
O velho rei me espera; ainda um dia, e irei
E jorrará meu sangue em ondas purpleadas!
Não chores; tenham fim nossas queixas baldadas;
Amemo-nos emquanto a hora nos consente!
E, quando meu olhar cerrar-se á luz do ambiente,
Sê sempre amada, flor da aurora da existencia,

Perfuma a terra em que te respirei a essencia!
 — Queres morrer, diz ella, e me amas! Ah! de feito,
 Em teu seio o punhal ha de encontrar meu peito!
 Seguir-te-ei. Poderia eu ver, dize-me agora,
 O mundo despertar deserto em cada aurora?
 E' por ti que, attendendo aos murmurinhos ledos,
 Eu ouvia a canção das aves nos silvedos,
 E' por ti que o verdor dos valles embriaga,
 E' por ti que respiro e que a vida me afaga...—

E em soluços se foi sua voz. No mesmo acto,

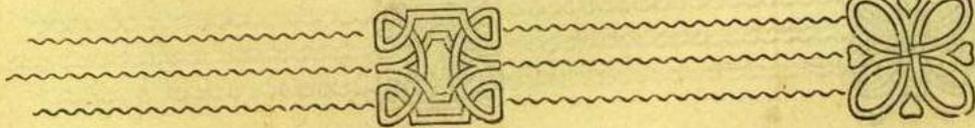
Uma grande ave que pairava sobre o matto,
 Como á curva dos ceos negra nuvem suspensa,
 Veio as azas dobrar sobre uma palma immensa.
 No longo olhar doirado a pupilla lhe ardia
 A dardejar fuzis na noite que cahia
 E do dorso potente as plumas eriçadas
 Faziam no ar soturno um som de armas quebradas.
 E para os dois a quem dir-se-ia contemplar,
 Inclinou-se de cima e se poz a fallar:

— Não vos intimideis com meu feroz aspecto;
 Sou innocuo e senil, si isto não é discreto;
 Fui eu que combati na lucta celestial⁹
 Contra o senhor de Lanka, o Rakças immortal,
 Quando num turbilhão de desejos de lama
 Elle roubava Sita, a mais formosa dama.
 Com as garras e com o bico, igualmente cruentos,
 Fiz-lhe chover a carne em pedaços sangrentos!
 Mas elle quebrou-me a aza e levou a raptada.
 E eu, qual bloco, a rolar de cumeada em cumeada,
 Julgei morrer. Eu sou, jovens, o antigo Rei
 Dos abutres. De vós tenho dó. Attendei.
 Quando Surya enviar ao mundo a luz dilecta,
 Procurae pelo bosque a Viçvamitra, o asceta,¹⁰
 Que em sua austeridade atroz é como um Deus.
 Filho do Richi, só elle te salva. Adeus!—

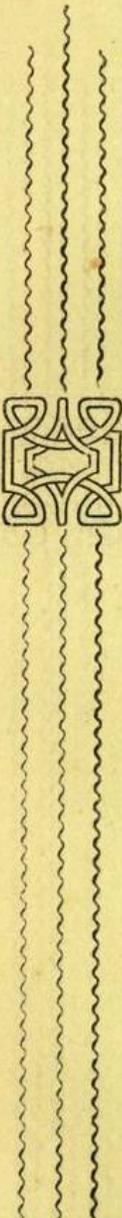
E impellindo com os pés as palmas tremulantes,
 As azas desprende para as nuvens distantes.

V

A noite em fim, nos ceos, claros, illimitados,
 Com sua veste escura a fulgir nos bordados,
 Com seu carro, que é de oiro e ebano, tendo á frente

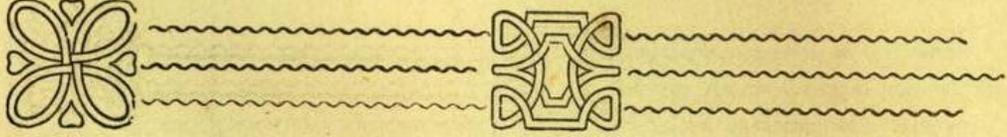


Eguas negras de grande olhar opalescente,
Tranquilla e desprendendo á brisa harmoniosa
Do espaço, para além da fronte magestosa,
A capella estrellada e a charpa das neblinas,
Desceu ao mar, só franco ás Potencias divinas.
O Este fez-se de prata e de oiro flammejante
E Surya ainda uma vez mostrou-se fascinante!



Atravez da floresta harmoniosa e gigante,
Em cujo ermo desvão borbulha a fonte errante,
Onde, como o reptil, nos elos adestrados,
O cipó com cem nós cinge os ramos pesados,
E deixa que do cimo immenso das folhagens
Pendiam flores de purp'ra ao meio ervagens;
Pelos trilhos de musgo e rosnes abundantes,
Onde lagartos mil tendo os dorsos cambiantes
Fazem a folha soar na passagem secreta;
Nos massiços de bordo, onde como uma setta,
A antilope de olhar azul se lança arisca,
Onde o olhar do leopardo, a intervallos faisca;
Os dois, com o coração entre a esperança e o pranto,
Buscavam Viçvamitra em seu retiro santo.
E á hora em que de cima a luz tombando em cheio
Da abobada celeste ia abrazando o meio,
Longe da sombra, em pé, numa clareira austera,
O viram de repente a plena luz da esphera.
Seu olhar cavo affeito á vigilia perenne,
Luzia; os braços vis, negros do sol infrene,
Pendiam junto ao corpo, as pernas descarnadas,
Do meio do pedreiro e das plantas fanadas,
Se erguiam com o vigor de pilares fundidos;
As unhas, se encurvando, entravam nos tecidos;
E sobre a espadua aguda e a magra espinha, ao nivel
Das curvas, lhe cahia a cabelleira horrivel,
Enredado montão de sarças, negra trama
Feita de estrumes de ave e resequida lama,
Onde, assim como o verme em sua vasa activa,
Se agitava ao acaso a bicharia viva,
Povo immundo a habitar seu corpo a tudo affeito
E a viver de seu sangue inerte. E' deste geito
Que elle, guardando sempre a rigida attitude,
Sonhava como um Deus feito de um bloco rude.

Çanta, movida então de um piedoso espanto,
Estremecera; o moço animando-se, emtanto:
—Viçvamitra, meu pae, disse em humilde accento,
Certo, não venho a ti em um feliz momento;

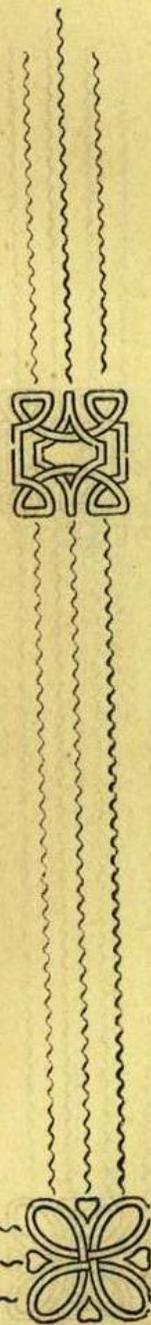


Segue-me o fado atroz como a matilha o gamo:
 A juventude, o amor, a dita, a vida que amo,
 Perco tudo de vez; salva-me. Ao teu aceno,
 A tormenta se forma ou o ceo se faz sereno.
 Tu podes muito bem pelas encantações
 Alliviar o fardo atroz das maldições;
 Podes sem que se altere o teu divino officio
 Conter sobre meu peito a arma do sacrificio.
 Responde, pois. Si o Rei dos abutres não mente,
 Nos valerás, meu pae, viverei certamente.—

O Asceta, quedo, o ouvia em plena paz campestre,
 Como sem entender. E o joven lhe diz:—Mestre,
 Não respondes?—E o magro ancião eis que em seguida
 Lhe torna, sem baixar a vista distrahida:
 —Alegra-te, meu filho! embora seja futil
 Rir ou chorar, e amar ou maldizer inutil.
 Tu vaes puro sahir, por tua expiação,
 Do mundo do sensorio, obscuro, e da paixão,
 E, transpor, moço ainda, a porta de luz viva
 Por onde has de immergir na Essencia primitiva.
 A vida é como a onda em que um corpo tombando,
 Forma-se um circ'lo estreito e eis que vai se alargando,
 E se dissipa em fim na area incommensuravel.
 A Maya te seduz; mas si tua alma é estavel,
 Verás passarem como um pouco de vapor
 A colera, a paixão, o desejo e o temor;
 E o mundo de illusões e formas a mancheias
 Se esboroará a teus pés como um montão de areias.—

— O' sabio! si assim tenho a alma fraca e maguada,
 Sabe que, quanto a mim, não me temo de nada.
 Morrerei como si de bronze ou de granito,
 Sem que descere, ou solte uma prece ou um grito,
 Como um Çudra ou um vil. Mas sou amado, Mestre,
 E amo! Vê esta flor que embalsama o ar silvestre,
 Este raio encantado a me guiar na via,
 Do qual tenho o olhar cheio e que nunca o sacia!
 Não me pertence: a Çanta é fatal minha morte!—

E Viçvamitra diz:—O mar ruidoso e forte
 Que o vento rola e cava e coroa de escuma,
 As selvas que elle agita e que choca na bruma,
 Os lagos que do Asura a aza funesta espanca ¹¹
 E cuja vasa mancha os lotus de cor branca,
 E o ceo com o seu fuzil, tudo menos se inflamma



Do que do homem, de certo, o coração da lama.
Vai! o homem sonha e tem um dia ao seu dispor,
E o nada divinal não reconhece o amor!—

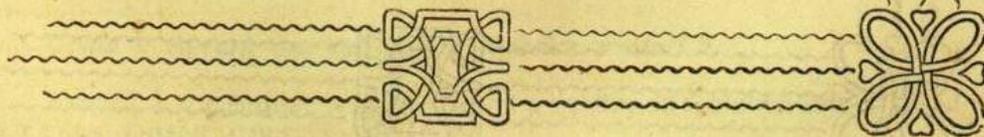
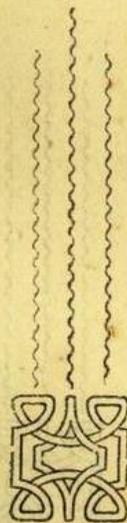
Çunacepa lhe diz:—Pois bem. Eu te saúdo,
Meu pae, e creio em ti; rendo-me á morte e a tudo;
Por largo espaço, vão juguete das paixões,
Tenho já disputado a alma ás Encarnações.
Mas, pelos Devas, vê, ó sabio, ella é tão bella! 12
Secca-lhe o pranto atroz, guarda-a e roga por ella,
Para que eu adormeça a te louvar, ancião.—
Nesse momento Çanta, o olhar brilhante:—Oh! não
Mestre! queres provar-lhe a coragem constante!
A divina bon-lade esplende em teu semblante;
Salva-nos! Eu te abraço os joelhos, caro ser!
Meu veneravel pae, é tão doce viver!
O Deuses que te têm dado essa fé divina,
Te acolham! Vê, sou moça e o amor me domina! —
Assim, Çanta, prostrada a frente, soluçava;
E o Asceta, fito o olhar nas nuvens, escutava:

—Eu ouço a ave ideal dos annos juvenis,
Diz elle, e a vastidão da floresta feliz
Murmura como quando eu era homem tambem.
Dormi durante um se'lo a guardar como um bem,
A lembrança vivaz da paixão que os enleia?
Porque assim tremo todo e arde-me em cada veia
Um sangue que se achava em tanto gelo immerso!
Mas é bastante, ó Maya, origem do universo!
Basta, já vivi bem. Tu, mulher, que semelhas
A Apsara a correr sobre as alfombras vermelhas,
E tu, filho do Richi, escutai-me um momento,
E ide, e não mais turbeis o meu isolamento.
Quando ao poste fatal, sob o liame violento,
Ja te houverem cingido e te domado o alento,
Sete vezes recita o hymno do Deus tonante,
Indra. Um terrivel ruido ha de soar nesse instante
Nos ceos, e os laços teus serão por si quebrados;
E os homens fugirão, pallidos e espantados;
Um corcel será a off'renda aceita com presteza;
E, pois queres soffrer, terás a vida illesa!
A Deus. Eu vou entrar na quietação estavel,
Como a gotta a immergir no Oceano formidavel.—

VI

O assento é de oiro puro e de oiro o pavilhão
 Do velho Maharadjah. A imagem de um leão
 Treme em flammula, no ar, sobre o festejo opimo.
 Dez columnas de prata erguem o largo cimo
 Do throno, onde festões bordados de diamantes
 Nos ang'los verticaes se inclinam coruscantes.
 O nacar nos degráos fulge, a perola esplende
 E a purpura sedosa em dobras se distende;
 E mil Kchatryas, marciaes, gigantescos, armados, ¹³
 Mantêm do pavilhão os accessos fechados.
 Diante delle se vê, cubico e de granito,
 O altar, a se erigir segundo o antigo rito,
 Tendo em cima um pilar bronzeo e um boi côr de neve
 Com os quatro cornos de oiro. O Brahmane que em breve ¹⁴
 Ha de sacrificar a victima, recita,
 Grave e lento, do Sama a formula prescripta,
 E, curvos, por seu turno, erguem os clericæes
 Cem preces do Rig-Veda e cem versos rituaes.
 E na planicie immensa o povo, igual a messe,
 Rola em ondas. O solo a seu peso estremece.
 Homens de sangue puro, alvos, de olhar ufano,
 Que vivem na montanha e nas bordas do oceano,
 E que o arco guerreiro erguem com mãos viris;
 E a raça negra, á qual os Deuses são hostis,
 Aos Rakças devotada e que habita a deveza,
 Todos, ao sacrificio accorrem com presteza,
 E ao ceo fazem subir, numa soada expressiva,
 Os brados de alegria e longa expectativa.

Os pandeiros de cobre e a concha de rumores
 Surdos, e o alaúde e os roufenhos tambores,
 Em ruidos, vibrações, silvos, nesse momento
 Sôam, e a multidão, muda retém o alento.
 E' a hora. O sacerdote eleva aos ceos os braços,
 E a victima offertada avança a lentos passos.
 Calmo e pallido o moço, o lotus sobre a testa,
 Sóbe sem hesitar para a pedra funesta;
 Seus rijos membros são presos ao poste santo,
 E o padre vae cravar-lhe a arma no seio; emtanto,
 Elle recorda o que lhe disse o sabio, e invoca
 O Deus que rege o ceo quando a procella espouca,
 E o hymno santo, que é dito em cõro, de feito,
 Sete vezes lhe pára o ferro sobre o peito.
 Nisto, do alto do ceo que fulge côr de opala,
 O raio inesperado, eis que na pedra estala;



Funde-se o pilar bronzeo em regatos flammantes.
 Çunacepa, pulando, e livre como d'antes,
 Dos laços, atravez da plebe espavorida
 Foge, tal como a flecha ao alvo despedida.
 No mesmo instante brilha o sol e sobre o flanco
 Um fogoso corcel, de pêlo todo branco,
 Tomba, presos os pés, rincha, e o Brahmane prestes
 O sacrifica ao Deus das faiscas celestes.

VII

O' raio de sol em nossas noites hostis,
 O' ventura! o momento é breve em que sorris,
 E logo que a illusão que te creou se empanna
 Em mais funda afflicção se debate a alma humana;
 Mas que prantos, que mal injusto e inenarravel
 Podem jamais valer tua volupia instavel!

Fresco e sonoro o ar tinha essencias divinas.
 Os bengalis de bico encarnado e azas finas,
 O papagaio azul e os verdes colibris,
 E a ave diamante que lembra as flechas subteis,
 Nas sarças de oiro, sobre os figueiraes robustos,
 Passavam a silvar e a cantar. Dos arbustos
 Um murmúrio jovial se elevava nos ares;
 Em torno ao mel da flor, enxames familiares
 Os seus troncos deixando aos cortiços pacificos,
 Voavam lesto; e em tudo, a quem dos ceos magnificos,
 Com o penetrante e vivo aroma das florestas
 Subia um canto immenso e tranquillo, de festas.
 Sobre o enlevado seio a cingir sua amada,
 De beijos lhe aquecendo a bocca perfumada,
 Çunacepa, em um sonho encantado, sentia
 Transbordar em seu peito a fonte da alegria!
 E Çanta o comprimia em um amplexo estreito!
 E nada vinha obstar nesse momento eleito,
 Em que o tempo perde a aza e a vida é um dia em flor,
 O silencio divino e as lagrimas do amor.

Augusto Cavalcanti.

Notas

Elle sabe que a Maya, esse embuste eternal, ¹

Maya é a esposa de Brahma; ella é a causa immediata da criação, que não é senão uma decepção para o homem.

O Richi venerando ha terminado a prece. ²

O Richi é o Brahmane, sacerdote da religião de Brahma.

Surya, como um globo ethereo e crystallino, ³

Surya é o nome indiano do sol e do deus do sol.

O velho Maharadjah, rei dos homens, igual ⁴

Maharajah designa o soberano indú.

Os Deuses, como ao vil Çudra, me hão feito offensa. ⁵

Os Çudras pertencem a uma das classes em que se dividem os sectarios de Brahma, a dos artifices e lavradores, que segundo a tradição sahiram dos pés do Deus Para-Brahma.

Porque Indra, não me tendo escutado os gemidos, ⁶

Indra é segundo a mythologia indiana o deus do ether, das nuvens e do raio.

Radjah! eu guardarei o chefe do meu tecto. ⁷

Radjah, o mesmo que Maharajah, soberano indú.

Como a Apsara que está sob a figueira santa! ⁸

Apsara é a nympha sahila do mar e destinada a embellezar por suas dansas o paraiso de Indra.

*Fui eu que combati na lucta celestial⁹
 Contra o senhor de Lanka, o Rakças immortal,
 Quando num turbilhão de desejos de lama,
 Elle roubava Sita, a mais formosa dama.*

O texto se refere á lucta contra Ravana (Rakças, máo genio) rei de Lanka (Ceylã) por ter este raptado a Sita, esposa do heroe divino, Rama.

Procurae pelo bosque a Viçvamitra, o asceta¹⁰

Viçvamitra é um dos patri rehas da tradição indú; a elle se attribuem os hymnos do terceiro livro do Rig—Veda.

Os lagos que do Asura a aza funesta espanca¹¹

Os Asuras são máos espiritos contra os quaes têm que luctar os deuses e os homens.

Mas, pelos Devas, vê, ó sabio, ella é tão bella!¹²

Devas, deuses inferiores.

E mil Kchatryas, marciaes, gigantescos, armados,¹³

Os Kchatryas formam a casta dos guerreiros.

O Brahmane que em breve¹⁴

*Ha de sacrificar a victima, recita,
 Grave e lento, do Sama a formula prescripta,
 E curvos, por seu turno, erguem os clericaes
 Com preces do Rig—Veda e cem versos rituaes.*

O Sama—Veda e o Rig—Veda são dois dos livros das escripturas sagradas que servem de base á religião budhista. O Rig—Veda, o mais antigo de todos é o livro dos hymnos; o Sama—Veda é uma collecção de hymnos e invocações.

Sessão solemne de posse do socio

← ← ← Ovidio Corrêa → → →

I

O DISCURSO DO RECIPIENDARIO

"Contrastes e confrontos", essa preciosa joia literaria produzida pela potencialidade intellectual de Euclides da Cunha, traz engastada mais uma pedra, na sua quarta edição. E' o discurso de recepção do grande reformador da nossa lingua, na Academia Brasileira de Letras, para occupar a cadeira de Castro Alves.

Nesse discurso, verdadeiro monumento de linguagem brasileira, o admirado autor d'Os Sertões se confessa hesitante, ao ter de tecer o elogio do seu patrono, por não haver podido compreendê-lo, em todo o arrojo das expressões empregadas em seus versos.

Ora eu, senhores, se me permitem a vaidade, estabelecerei um paralelo, entre a minha posição actual, no momento de ter de agradecer aos illustrados membros do Centro Matogrossense de Letras a generosidade da minha acolhida neste recinto, cumprindo, ao mesmo tempo, a obrigação que me impõe o regimento de sua agremiação, e a do insigne realçador dos meritos do poeta d'Os Escravos, na Academia Brasileira.

Guardada a immensa desigualdade intellectual das figuras, mais resaltaré, estou certo, o contraste do confronto. Não importa, porém; o resultado, ainda me será honroso.

Effectivamente, si Euclides da Cunha, que poetava em toda sua prosa, porque nem só são poetas aquelles que versejam, encontrou difficuldade em entender a eloquencia inflammada e imaginosa dos versos de Castro Alves, que se dará então com aquelle que, tanto carecendo ainda da licção dos pedagogos, tem de fazer a apologia de dous professores, e dos mais eximios, da lingua nacional?...

Mas a nossa vida está, sempre, toda ella, pontilhada de coincidencias. Já a minha vinda para o Centro, mercê da benevolencia de amigos dedicados, em consequencia de uma discussão de imprensa, mal dirigida pelo meu inhabil contendor, coincidio com o

prejuizo do direito adquirido por outros, que, com justiça, aguardavam sua escolha.

O patrono da cadeira numero 5, que vou occupar, é o protonotario apostolico Ernesto Camillo Barreto. Dá-se portanto o facto, aparentemente desconcertante de um homem, que até ao presente, não poudo encontrar uma religião, para com ella encher a velhice, que se aproxima, dessas visões d'alma, embaladoras das esperanças do além, nos aspectos roseos com que são apresentadas, ter de compor o elogio do ministro de uma dellas!

Nem assaltou-me duvida a respeito, e nem me assentaria, a mim, tal escrupulo depois das luminosas palavras de exaltação a Christo, proferidas pelo egregio presidente Antonio José de Almeida, no seio do Parlamento Brasileiro, exprimindo o seu pezar por não haver encontrado, á sua entrada na Bahia da Guanabara, esse grande *Symbolo* erigido no alto do Corcovado; elle, "que se intitula livre pensador e não tem duvida em reconhecer aqui como em toda parte, que está fóra do gremio das religiões reveladas, mas que é um livre pensador profundamente religioso".

Ademais, senhores, o padre Ernesto não era só um insigne pregador dos Evangelhos, um excellento ensinador de religião. Era um combatente de todos os combates, na maior amplitude da expressão.

Espirito lucido, intelligencia aprimorada, character terso, presteza de acção, insinuante e energico, era uma dessas individualidades bem oganizadas que de tempos a tempos aparecem, fadadas a dirigir, no meio em que exercitam a sua acção.

Digno emulo de Januario da Cunha Barbosa, de frei Canéca, do padre Roma..., sua phrase "*vado sed venio ad vós*", lançada do pulpito de uma igreja, logo após a recebimento da ordem de prisão e deportação, por parte de um presidente atrabiliario e prepotente, vale bem, no tempo e no espaço, aquell'outra, do denodado revolucionario pernambucano aos arcabuzeiros do conde dos Arcos, no momento de ser executado: "lem brai-vos, na pontaria, que o coração é a fonte da vida — atirae!" Um, commanda os proprios soldados que o vão fuzilar; outro, vencido, subjugado, espesinhado, inda ameaça!...

Vado sed venio ad vós!

Liberal avançado, filiou-se entretanto ao partido conservador, ao lado de Cerqueira Caldas (depois barão de Diamantino), Souza Neves, conego Ferro, Henrique Vieira, Luiz Prado, Celestino Corrêa da Costa e outros vultos preeminentes, no qual se salientou, chegando a ser eleito mais de uma vez deputado provincial, e, nas legislaturas 14 e 15, successivamente, deputado geral, juntamente com

o benemerito Silva Paranhos, mais tarde barão do Rio Branco, a quem Mato-Grosso deve assignalados serviços. Este facto faz acreditar-se na veracidade da phrase de eminente politico patricio, asseverando serem os conservadores mais arroçados, tanto que os liberaes concebiam as idéas e os conservadores apropriavam-se dellas para po-las em execução.

— Foi em 1859 que o egresso da Ordem dos Franciscanos se collocou á frente do periodico "A Imprensa de Cuiabá", e tamanha e tão tremenda campanha levantou contra o presidente e commandante das armas coronel Antonio Pedro de Alencastro, durante dos annos a fio, que este administrador, diz Estevão de Mendonça, leva-lo antes por orgulho pessoal ferido do que pelo bem entendido decóro de homem publico, desceu ás ameaças, perdendo a compostura devida ao elevado cargo que exercia. E foi além; foi até mandar prender o padre, metê-lo em um quadrado de força do exercito e remete-lo, deportado, para o Rio de Janeiro; cauzando esse procedimento tanto escandalo, que sobre elle levantaram suas acatadas vozes na Camara Geral do paiz, os notaveis deputados Francisco Octaviano e Saldanha Marinho, occasionando acre censura do ministro do imperio e da justiça Sayão Lobato, e por fim a demissão do presidente Alencastro.

Tantos e tamanhos serviços prestou ao gremio politico que adoptára, com tanta sinceridade e lealdade, e com toda a vivacidade do seu espirito combativo, que a sua pessoa se tornou o centro de acção dos conservadores, aos quaes o seu cerebro privilegiado inspirava os melhores dictames, que lhes valeram muitas vezes ruidosos triumphos.

Espirito fino, servido pelo aprimorado cultivo intellectual de que dispunha, sabia o padre Ernesto conquistar e cultivar as melhores relações sociaes, no paiz e no estrangeiro, sendo certo que o imperador do Brasil e o pontifice romano dedicavam-lhe muita consideração e tinham em grande estima os seus merecimentos.

Provaram-n'o: o papa, concedendo-lhe permissão de armar altar em sua propria residencia, para alli mesmo dizer missas e praticar todos os sacramentos, e, o monarcha brasileiro, agraciando-o com varias insignias, inclusive a do officialato da Ordem da Rosa.

Tinha ainda o padre-mestre a ornar-lhe o peito nobre, a medalha de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, instituida por D. João VI, em 1818, para mais realçar as honrarias concedidas aos conegos formadores do Cabido da cidade — séde da casa bragantina portugueza.

Nascido em berço d'aguas, possuindo todas as condições propicias para alçar vôos condoreiros, o padre só sabia planar pelas alturas.

— A qualidade de educador, porém, constituiu a nota predominante na vida do padre Ernesto.

Muito moço ainda, contando apenas 19 annos, pois nascera a 19 de Fevereiro de 1828, na cidade de Cachoeira, provincia da Bahia, concluiu os cursos de philosophia e theologia, sendo em seguida nomeado pregador e passante.

Em 1849, finda a passantaria, defendeu theses daquellas duas sciencias, para obter o grau de mestre, delas, como de facto aconteceu, sendo investido lente das cadeiras de theologia moral, pratico casuistico, e de historia sagrada e ecclesiastica.

Em 1850, a 30 de Novembro, tendo recebido o presbyterado, das mãos do arcebispo d. Romualdo Seixas, com dispensa de idade por breve apostolico, uma vez que não contava senão 22 annos, quando a idade exigida é a de 24 annos, e ainda tendo sido nomeado confessor geral, com exercicio, pezando-lhe assim tantos encargos, teve de deixar uma das cadeiras, conservando unicamente a de moral, que leccionou até ao fim de 1851.

Secularizou-se em 1852, e, nomeado por portaria do governo imperial de 22 de Abril de 1853 lente de theologia dogmatica e de theologia moral do Seminario que nesse mesmo anno fôra creado na diocese de Cuiabá, sahio da Bahia para esta capital, acompanhado de sua mãe, irmã e irmão, aqui chegando a 7 de Agosto de 1854, por terra, após nove mezes de penosa viagem.

(Essa irmã era d. Umbelina Carolina Barreto, mais tarde consorciada com Joaquim José Rodrigues Calháo, formando assim o casal-tronco da familia Calháo, da nossa sociedade, e o irmão, Alonso Barreto, foi feito prisioneiro dos paraguayos na tomada de Corumbá, e por estes trucidado).

Dahi por diante não mais interrompeu sua carreira no magisterio, apesar de todas as lidas de outras naturezas que o assoberbaram. Quer no Seminario, por elle installado e regido durante longo periodo, com aprovação episcopal e do governo imperial, quer particularmente, aos que recorriam ás suas luzes, leccionou elle até velhinho já, em seu retiro da chacara do Pary, todas as materias, pode-se affoitamente asseverar, componentes do curso secundario, pois isso comportava sua variada illustração.

Em diversas administrações exerceu as funções de inspector geral do estudo, dando verdadeiro brilho ao cargo.

Em 1856 publicou um compendio de theologia exegetica, religião e logares theologicos; em 59 deu a lume um outro, de

philosophia racional e moral; em 64 ainda outro, de theologia dogmatica; no anno seguinte um manual da lingua latina, além de outros, deixados em manuscripto.

Não conheço nem uma dessas obras, actualmente rarissimas. Si as conhecesse, nada saberia dizer do seu merito, mas a primeira dellas, além da approvação do erudito bispo d. José Antonio dos Reis, mereceu tambem a do imperador Pedro II e valeu ao autor a nomeação de protonotario apostolico, pelo pontifice de Roma.

Não sei se os meus distinctos ouvintes conhecerão todos, a importancia deste cargo, para bem avaliarem a significação da sua investidura. Os protonotarios apostolicos, ou officiaes da curia romana, têm uma jerarchia superior a de todos os notarios; recebem os documentos dos consistorios publicos e os expedem, em fórmula; registam os actos pontificios e cuidam na sua expedição. São apenas sete, e têm o direito de uzar vestes roxas. E', como vemos, cargo da mais alta confiança; o seu depositario deve gozar da maior intimidade do chefe do Vaticano, e, no caso vertente, a distincção sóbe tanto mais de valor ao saber-se ter sido ella conferida por Pio IX, justamente o papa proclamador do dogma da infallibilidade pontificia, requerendo portanto, desde então, muito maior cuidado e argucia, a redacção dos decretos papalinos.

— Sacerdote, politico, jornalista, cumulado assim de graves encargos, sobrava-lhe comtudo tempo sufficiente de attender as solicitações feitas aos seus sentimentos humanitarios, na certeza absoluta em que estavam os seus contemporaneos, da rigidez sem par de sua comprovada honestidade.

Quando o principe conde d'Eu marchou para o Paraguai, commandando em chefe as nossas forças em operação contra Lopes, um dos seus primeiros cuidados, logo ao chegar a Assumpção, foi abrir uma subscrição em favor dos brasileiros indigentes, prisioneiros do tyranno, que se fossem libertando, com o fim de suavizar-lhes os soffrimentos de fome e de nudez, na miseria extrema em que se achavam. Do producto dessa subscrição ficou reservada certa quantia, que foi remettida para aqui, com o proposito de ser distribuida pelos ex-prisioneiros matogrossenses. Pois bem, achou o presidente Cardoso Junior que n'nguem melhor que o padre Ernesto poderia auxilia-lo nessa incumbencia, dirigindo-lhe então honroso officio de solicitação do seu concurso, em 15 de Novembro de 1871.

— O patriotismo fervoroso que pregava em seus escriptos e em seus discursos, praticava-o elle em todas as oportunidades que se lhe deparavam. dando dest'arte os melhores exemplos no

presente, ao mesmo tempo que legava a mais bella edificação á mocidade do futuro.

Quando foi do inicio dessa mesma luta com o Paraguai, ao aprestarem-se em Cuiabá as exiguas forças de defeza da provincia desamparada, o padre Ernesto foi dos primeiros a se apresentar para o serviço, sendo nomeado capellão alferes do batalhão de "Voluntarios Cuiabanos".

E os actos de civismo por elle praticados eram tantos, tão propalados andavam, por toda a extensão do milhão e meio de kilometros quadrados constituidores do solo matogrossense, que ao terminar do conflicto ao qual venho alludindo, quando todas as populações do paiz, representadas pelos seus municipios, porfiavam nas demonstrações do intenso jubilo de que estavam possuidas pela victoria exaltante das armas brasileiras, a edilidade da vetusta e lendaria Santanna do Parahyba, tão longinqua e resentida da falta de communicação com o centro, commetteu ao padre Ernesto a organização e chefia de uma commissão, que tomasse a seu cargo expressar ao chefe da nação aquelle sentimento. A resposta do imperador, por intermedio do seu ministro do imperio conselheiro Paulino José Soares de Souza, dá idéa da satisfação causada ao venerando Pedro II as patrioticas expressões em que estava concebida a mensagem.

—Incumbido pelo presidente da provincia general Albino de Carvalho, de regulamentar a lei n. 1 de Junho de 1864, instituidora dos cemiterios publicos, foi elogiado "pela presteza e circumspecção" no desempenho desse encargo. Effectivamente, dentro de vinte dias o padre Ernesto apresentou um trabalho perfeito, digno ainda hoje, de ser tomado por modelo.

E assim em tudo.

O arcebispo da Bahia, seu amigo particular e grande admirador de suas raras qualidades, acompanhando com interesse o desenvolvimento de sua acção proficua, em todas as suas manifestações não pode esquivar-se ao prazer de felicita-lo, valendo-se da oportunidade de uma carta particular, "pelos serviços que tem prestado a essa Diocese, concorrendo assim para a instrucção do Clero, como reclamam as necessidades da Igreja e do Paiz, sobretudo nesta melindrosa época".

Era no anno de 1859, principio da segunda década do longo quanto agitado pontificado de Pio IX; eram os preludios dos acontecimentos que deram em resultado a brécha da Porta Pia, a queda do Poder Temporal.

E' facil de comprehender-se, portanto, o valor de taes serviços, através da prudente expressão empregada pelo illustrado antistite d. Romualdo Seixas:

Entretanto o protonotario apostolico, o vigario geral do bispado era maçon, membro activo da antiga Loj.: Estrella do Occidente, desta cidade, com a elevada hierarchia de Principe Rosa Cruz. E' que seu espirito lucido e a formação do seu caracter permittiam-lhe comprehender perfeitamente que podia bem servir a uma das instituições, sem faltar em nada á sinceridade e á lealdade jurada á outra.

Eis ahi, senhores, em apagado bosquejo, delineada a figura do padre Ernesto Barreto. Si essa figura tivesse sido traçada pelo lapis do artista vigoroso da palavra escripta que era Leowigildo Mello, ella teria tido o merecido relevo, inspirado até nas muitas affinidades entre as duas personalidades existentes.

Sim, porque como padre Ernesto, o professor Leowigildo era tambem pedagogista de eleição; si aquelle foi indicado pelo governo episcopal da Bahia, a pedido do de Cuiabá, para aqui installar e superintender o Seminario da Conceição, tendo sido incumbido pelo sabio governo de Augusto Leverger da missão de confeccionar regulamentos e estabelecer novos programmas de ensino, este foi escolhido pelo presidente do Estado de São Paulo, solicitado pelo de Mato-Grosso, para montar e dirigir a nossa actual Escola Normal, collaborando efficientemente com o governo do preclaro sr. Pedro Celestino na remodelação completa por que passou o ensino publico no periodo de 910—911.

Do como assim se houve, realmente o professor Leowigildo no desempenho dessa importante incumbencia, da mais immediata confiança da administração, diz bem alto essa pleiade de professores á moderna que ahi ficou, attestado vivo da sua acção e de sua competencia.

Se não deixou compendios didacticos, foi seguramente porque elle meemo reconhecia falhas, enxergava senões nas creações e adaptações adoptadas, de leis e de methodos, em todo o paiz, cárcedores de corrigendas para sua maior estabilidade, como aliás o proprio Estado de S. Paulo reconheceu, emprehendendo a serie de congressos de professores, de 912 em diante, mais ou menos. Mas a serie de artigos por elle publicados no periodico "A Noticia" de fim de Fevereiro a principio de Maio de 1913, nesta capital, sob o pseudonymo de Moacyr Tabajara, equivale a um programma geral de ensino; denota conhecimento analisado de tudo quan-

to a cultura mundial havia realizado até então, em materia de instrucção, e demonstra como a modernas conquistas scientificas deram uma feição inteiramente nova á pedagogia, que se tornou hoje sciencia de educação, para deixar de ser o simples repositório de nórmas de ensino, dos tempos passados.

Ainda no campo da oratoria, á sua palavra inflammada, consagrada como enlevadora das assistencias, servia sempre de thema a iustrucção ensinando, doutrinando, tal como o padre Barreto, na imprensa e no parlamento. E' que ambos tinham o mesmo carinhoso desvelo pela profissão que abraçaram; os dois sentiam igualmente desvanecimento por ella, estando tanto um como outro convencido de que "do pédonomo de Sparta ao escravo de Roma, como do pédotriba de Athenas ao pedagogo de hoje, a funcção variou na forma e no meio, mas conservou-se una na essencia e no fim. O ultimo, como os primeiros, é um educador", um constructor social.

O discurso paranyphando a primeira turma de normalistas cuiabanas, indicando-lhes a senda a trilhar para se haverem com a maxima correccão na carreiranobilitante que abraçaram; um outro, instituindo entre nós a festa do "Dia da Familia", coincidente com a data consagrada á commemoração da fraternidade dos brasileiros: mais um outro sobre o thema "A guerra e seus ensinamentos", por occasião da grande conflagração; ainda outro, na festa dos syrios, em demontração de jubilo pelo evento do protectorado francez, desfraldante do pendão da liberdade de uma raça opprimida que a dois millenios distende olhares esperançados pela placidez oriental das aguas do Mediterraneo, a espera de um outro Seleuco, para uma nova jornada de Ipsos; e, por ultimo, o que foi pronunciado ao ser instalado o Palacio da Instrucção, um verdadeiro enfeixamento de profundos conceitos philosophicos, estudando toda a importancia dos factores ethnologicos e phisicos na evolução da nossa raça, para demonstrar a efficacia da educação, disseminada como deve ser modernamente, sob os aspectos theorico e pratico, em meios confortaveis e hygienicos; só esses discursos, para não citar mais, constituem formosa bagagem litteraria do professor Leowigildo, nada ficando a dever aos do padre Barreto, registrados nos annaes do Parlamento.

Varios jornaes indigenas disputaram a collaboração illustrada e elegante do professor Leowigildo, exactamente como aconteceu com o padre Barreto em seu tempo, e, creio não ser exagerado affirmando que as chronicas daquelle, especialmente as publicadas utilmanente na "A CRUZ", debaixo da assignatura de L. da Veiga

não eram inferiores, em estylo e verve aos brilhantes artigos de redacção dados a lume na "Imprensa de Cuiabá".

—Nenhum dos dois deixou, é certo, obra de literatura, propriamente; dessa literatura de lyrismo, da qual José Verissimo faz a apologia em seu livro; ambos porém, escreveram no molde da concepção de madame de Stael, desde o anno de 1800, isto é, da literatura considerada nas suas relações com as instituições sociaes, desta literatura pela qual se pode aferir do caminhar de um povo para a perfectibilidade — pelo progredir das suas idéas moraes, philosophicas, scientificas, politicas, etc., relegando para traz os productos de pura imaginação, de mera fantasia intellectual. Dessa concepção, em fim, adoptada pela Allemanha, transplantada para o Brasil, com a preconização magistral do Sylvio Roméro, e seguida pelo Centro Matogrossense de Letras, sem o que elle só poderia receber em seu seio—poetas devaneadores. Desses, cuja escola por elles seguida obrigou Euclýdes da Cunha a dizer do fundador do condoreirismo, que se quedava, ante uma especie de Carlyle da rima—extravagante, genial, rebelde—que nos abala poderosamente em cada verso, mas cuja acção é infinitamente breve, como a de uma pancada percutindoe morrendo ao fim dos hemistichios"; que assistia" ao abstruso de uma mascara da indescriptivel, onde se misturam, emparceirando-se nas mesmas farandulas tumultuarias, reis decaidos, pontifices em apuros, heróes" que tropeçam na eternidade", martyres a entrarem tropegos e aos cambaleios, pela historia dentro," estatuarios de colossos", e caboclos nús, espantados...", e, referindo-se ao grande Shakespeare que, se vivesse nestes dias não escreveria *Macbeth*, escreveria os *Spectros*, assignando-se Ibsen..

—Foram essas afinidades, indubitavelmente, que levaram Leowigildo Mello a tomar o padre Ernesto Barreto por patrono de sua cadeira no Centro de Letras.

Com que arroubos de sentimentos, com que belleza de expressões não teria elle vindo aqui lembrar os factos mais em evidencia da vida do eleito da sua sympathia, se a Parca inexoravel lhe não tivesse cortado o fio da existencia tão cedo ainda, aos trinta e tres annos apenas, quando mais promittente se mostrava ella?!

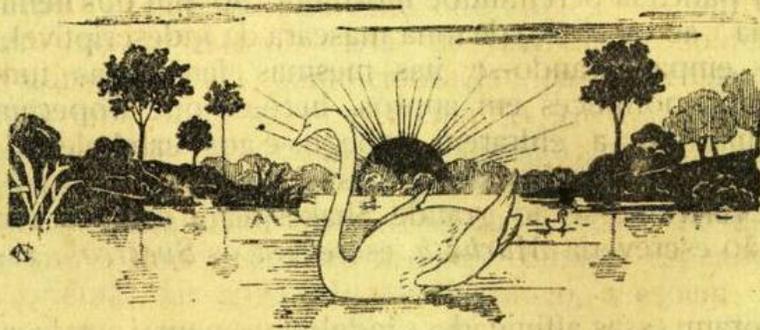
Como não teria elle bem comprehendido e praticado o admiravel programma, profundo de ensinamento e alevantado de civismo, por d, Aquino Corrêa traçado no discurso de inauguração do Centro de Letras.

Nesse bellissimo discurso, cujos conceitos e maneira de exprimi-los, a despeito de certo ponto da critica, altamente honrosa

do consagrado Ozorio Duque Estrada, estão tão accordes com o pensamento do laureado Pontes de Miranda, quando pontifica n'A Sabedoria dos Instinctos: « O ideal da literatura seria uma philosophia da vida, em aphorismos gnomicos, á grega; ou em breves dialogos, faiscentes, nitidos, perfeitos.

Ser breve e conciso. Tirar do espirito, não pensamentos associados, — mas crystaes....»

—Chorae srs. belletristas, chorae perennemente a irreparavel perda do inesquecivel consocio e lamentae commigo o erro que commettestes. no preenchimento dessa vaga.



Discurso de recepção pelo socio Dr. Palmyro Pimenta

Exmo. Snr. Presidente do Estado
 Exmo. Snr. Presidente do Centro M. de Letras
 Prezados Consocios
 Exmas. Senhoras
 Meus Senhores.

«É dos estylos que as primeiras palavras de uma saudação como esta, sejam para explicar a posição do orador e justificar o mandato que vai exercer.»

Designado pela Presidencia do Centro para ser o interprete da corporação nesta magna solennidade, a primeira que se celebra desde a sua fundação, aqui me encontro preso ás angusturas de minhas aptidões, a dar cumprimento a uma investidura que, culminando pela sua relevancia, tão desacertadamente a mim me foi confiada.

E ao me apresentar diante de vós, repetirei como alhures se disse: sinto uma grande pena, a de não ter minha palavra pelo menos a pompa decorativa que a solennidade exige para exprimir o grande alvoroço e contentamento que experimentam todos os consocios da nossa incipiente aggremação literaria com a entrada para o seu convivio da figura de Ovidio de Paula Corrêa, cuja brilhante e formosa oração acabastes de ouvir com mostras de viva satisfação. Essa peça, profundamente literaria e farta de preciosos informes sobre a vida e obras do seu patrono, bastaria, por si só, para justificar o seu ingresso no numero dos socios effectivos do Centro Mattogrossense de Letras. Entretanto, mandam os protocollos que do recipiendario sejam apreciados as obras e trabalhos anteriores á sua escolha, cons-

tituindo-se, por assim dizer, a apresentação das credenciaes do novel academico.

Contava Ovidio apenas 19 annos, quando as primeiras manifestações do seu estro começaram a apparecer. Não tendo frequentado nenhum curso superior durante a juventude, « naturalmente o seu espirito, como tantos outros, se formou com os recursos nativos, abeberando-se, por ventura, de longe em longe, nalgum volume empoeirado da excellente livraria paterna, aberto ás pressas, nas intermittencias de uma vida cedo entregue a um lutar quotidiano.

Foi num Album — definido magistralmente por um dos nossos confrades como sendo “o escrínio avelludado onde os amadores de raridades e exquisitices colleccionam e expõem á vista dos curiosos as gemmas da imaginação arrancadas aos *minerios* do pensamento” — que o humilde orador, quebrando embora sacrilegamente a doce quietude em que o mesmo se achava, foi encontrar as primicias do seu espirito, consideradas modestamente pelo auctor com “pequeninos nada que constituiram sua incessante preocupação em seis ou oito mezes dos seus vinte annos”.

Das suas primeiras producções, andam versos esparços, muitos guardam-nos os seus amigos por lhes saberem a alma, outras perderam-se insertas em publicações ephemeras que aqui se editaram.

Paraphraseando alguém, quiz, como agradavel surpresa para o vosso coração, e um prazer para todos nós, que aqui entrasseis ao som dos cantos da vossa mocidade, onde ha imagens delidas que se revelam, escuras formas, aparentemente desfeitas, que estremecem.

Data de 22 de Junho de 1897 a sua primeira producção, dedicada ao seu estremecido progenitor no dia do seu natalicio e de cujas estrophes se desprende o doce perfume de amor filial. E' um acrostico. Eil-o:

A MEU PAE

Ai ! quanto sinto na vida
Não ter de poeta o condão,
Testificar não poder
O que sente o coração !
Ninguém pode mais do que eu
Isto que pens trazer
Ornado no peito seu !
Deus, oh ! vinde me inspirar . . .
Eu quero um verso cantar !
Pae, acceite isto que o filho
Amoroso, vem lhe dar,
Uma prova como esta
Lembrança é do meu pensar . . .
Acceite, portanto, a offerta .
Com a mente satisfeita
Ouve, pois, minha oração:
Respeitoso venho hoje,
Receber a sua benção,
E tambem como seu filho
A lhe dar meu coração

—

A proposito desta poesia vem a pello lembrar uma curiosa coincidencia que o meu illustrado confrade me relatára e que, entretanto, lhe escapou ao mencionar outras interessantes particularidades de sua vida literaria. Quero alludir ao facto de ter sido a revisão desta poesia confiada ao saudoso poeta patricio João Marciano, pessôa intimamente ligada ao seu patrono, padre Ernesto Camillo Barreto.

Nas suas produções subsequentes adoptou o metro da poesia popular, isto é, o «rithmo ingenuo e espontaneo da nossa alma quando tocada por qualquer agitação emotiva. Dentre ellas citarei algumas, mimosas pelo seu feitiço, rescendendo o perfume de uma alma que palpita, soffre ou se extasia, com um fremito novo a cada nova emoção.

Apreciae :

MOTTE

Eu passo os dias felizes
Bem junto do meu amor!

GLOSA

Vivo contente e alegre
Fruindo gosos sem fim,
Aspirando sempre odores
Das flores do meu jardim.
Viajando mil paizes
Eu passo os dias felizes !
Gosando ternos carinhos
Da familia, em patrio lar,
Passando horas inteiras
A' baça luz do luar,
Colhendo uma e outra flôr
Bem junto do meu amor !

(1898)

MOTTE

Como vive quem não vive
Com quem deseja viver?

GLOSA

Como a flor que vive á sombra
Sem luz, sem ar, sem calor,
Perde frescura e perfume,
Sente da morte o extertor...
Assim succede ao infeliz
Que só vive a padecer :
Como vive quem não vive
Com quem deseja viver !

(1898)

—
Aurea luz de teus olhos
Brilha tanto
Que a ter estro lhe erigira
Lindo canto.
Qual pharol, os meus sonhos
Illuminas,
E os transformas em flores,
Em boninas !
Quando penso em dizer-te
Que te adoro,
Suppondo uma repulsa
Temo e choro !
E assim eu levo a vida
Em amargores,
Soffrendo cruelmente
Horriveis dores !...
Até que chegue o dia
Finalmente,
Que isto acabe bem
Ou fatalmente !

Citarei somente, para não me alongar demasiado, na primeira phase de formação do novel academico os nomes das principaes producções seleccionadas da sua bagagem literaria :

POESIA.—“A teu lado”, “Amor”, “Offerta de uma flor” “Natal”, “11 de Fevereiro” “20 de Novembro” “A existencia é ventura”, “Em um baile”, “Duvida”... “Qu’ importa que outros gosem”, “Flor do coração”, etc. etc.

PROSA.—“A deusa da rua das flores”, “O despontar da aurora”, Historia triste”; “O primeiro amor”, “21 de Abril”, “O estudo”, “A lua”, “A rosa branca”, “A verdadeira cura”, “1899”, “As bodas”, “Uma explicação”, “4 de Agosto”, etc.

Dahi para cá, encostou a sua lyra que tão maviosos accordes havia desferido, para armado em cavalleiro de novas cruzadas, alistar-se entre os pioneiros da imprensa, «dispersando com prodigalidade a sua verve em continuas manifestações de forma acurada e elegante expressão, ora discreteando sobre assumptos os mais variados e complexos, ora discutindo a politica sob um ponto de vista superior, sem preoccupações rasteiras de campanario.

Para Ovidio, o jornalismo é o cultivo da fórmula, o cultivo da verdade” quer seja concretizando o seu doutrinamento em torno de uma idéa, pela qual se bata, ou esparzindo conhecimentos sobre assumptos varios de que trata.” Cultivar a fórmula, diz-nos elle, é amar o bello, e o bello predispõe sempre o nosso espirito para o bem, ele va o pensamento, sensibiliza a alma. Para Ovidio, o jornal, actualmente, é o principal factor do progresso e da civilização, um vehiculador de sãos ensinamentos, absolutamente indispensavel para pôr o povo ao corrente dos acontecimentos do Paiz, de suas necessidades e de suas aspirações.

Na sua actual phase de jornalista, a mais brilhante e mais proficua, «elle não é dos que escrevem sem desejo de communicacão util; e jamais procurou no tinteiro ou no tecto o thema dos seus assumptos.» Hája vista os seus brilhantes editoriaes de actualidade palpitante, sobre interesses vitaes do Estado, como “Escolas ruraes”, no qual demonstra a necessidade de substituir a” escola primaria com todo o seu aparelhamento pomposo e refulgente, pela Escola Rural, onde o analfabeto aprenda a servir-se dos elementos que a necessidade do ambiente está mostrando”, adaptando-as ás condições peculiares de cada zona em que forem fundadas. A “Agronomia em Matto Grosso” é um estudo ponderado onde mostra a conveniencia, a necessidade de incrementar o ensino da agronomia de que muito “precisa o Brasil, paiz essencialmente agricola”, optando para que o tornasse obrigatorio aos estudantes pensionados pelo Estado ao menos na proporção de 50 %.

Como paginas patrioticas escreveu entre tantas outras, “Tuyuty”, “Riachuelo” e “13 de Junho”, esta ultima das mais bellas e reveladoras do civismo e do valor mattogrossense.

Nem nas multiplas arestas do seu multiforme talento falta a nota scintillante do humorismo, representada, na poesia, por “Querem me ouvir recitar” e na prosa, pelas suas encantadoras chronicas “A irmã de Bismarck” e “A vida dos cafés”.

Emfim, mantendo sempre em todas as opportunidades attitudes definitivas e bem definidas, elle nunca teve a vaidade de se inculcar o *leader* do jornalismo moderno mattogrossense, cujo titulo *par droit de conquête*, muito bem lhe poderia caber.

Illustre confrade :

Da vossa actuação no nosso meio jornalístico, ou mesmo generalizando, nos circulos da nossa intellectua.

lidade, se poderia dizer com muita justiça o que em analogia circumstancia dissera Oliveira Lima, referindo-se ao saudoso Arthur Orlando

“ Desdenhais, é sabido, as armas traiçoeiras e covardes : atacaes com vigor e defendeis—vos com energia, mas vossas armas são mais correctas e leaes. Nos duellos constantes da imprensa, a adaga não brilha em uma das vossas mãos, como nas dos espadachins do seculo XVII. Contentai-vos com o florete, o classico florete que fére e mata com nobreza”.



- O que ?
- Tudo. Trajes vistosos, attitudes equivocadas . . . todas as extravagancias do carnaval.
- Amas ?
- Quem sois ?
- Eu, uma alma que sofre.
- Como ? Estaes a ris e a brincar, borboleteando por entre esses grupos de folioes !
- E' a dor procurando o esquecimento neste turbilhão de loucura. Cada sorriso meu vem envolto nas lagrimas da amargura.
- Ide embora, dominó. Estaes a zombar e eu desejo estar só. Um soluço escapou-se daquelle peito. Impressionou-me aquella inconsciente manifestação de dor. Ella se retirava.
- Chamei-a: Esperai. Quem sois ?
- A dor procurando o esquecimento . . .
- Olha, disse-me ella, mostrando a manga vasia do seu dominó Recuei horrorizado . . . Faltava-lhe um braço . . .
- Deu-se isto, ha tres annos, continuou ella. Fui a uma festa de S. João, fóra da cidade, festa alegre e cheia de diversões, como costumam ser todas as festas desse santo. Havia desde a classica fogueira até as danças dos salões aristocraticos.
- Entre os rapazes que foram assistir á festa, havia um a quem eu amava loucamente.
- Imagina a minha dor, quando o vi dedicado e galanteador, para outra que não eu !
- Sahi do salão e fui olhar um enghozinho de madeira que nessa hora faziam trabalhar junto á fira.
- Achei interessante e pedi á rapariga que introduzia a canna na moenda, me cedesse por um momento o seu logar.
- Aquillo era uma distração e o rincar irritante do engho me fazia bem. Poucos momentos depois, oiço vozes sob uma copada mangueira proxima ao engho . . .
- Olho . . . era elle . . . era ella . . . eram elles que se expandiam num idillio amoroso.
- Senti uma vertigem.
- Louca de raiva e ciume, empurrei com força a canna na moenda que pegou as pontas dos meus dedos e um minuto depois, o meu braço era uma massa inerte de carne dilacerada . . .
- Desgraçada . . . e elle, quem era esse infeliz ? . . .
- Eras tu . . .
- Adeus, amigo, estás tetrico e alli vêm as borboletas negras. Adeus, vou persegui-las. Eu amo o flirt, o amor leve e frio, o amor . . . sorvete.

PAGINAS CONTEMPORANEAS

A' CRUZ DE URBIETA

« Depois tudo desapareceu: a planicie limpa e o combate acabado.

...e as acclamações que espontaneamente romperam de toda nossa linha abafaram o clangor das cornetas e das fanfarras.

Os Paraguayos perderam 184 homens.

E' o numero indicado, numa grande cruz que o commandante Urbieta mandou alli erijir. »

(Taunay — A Retirada da Laguna)

Perdida na solidão destas verdes planicies súlinas alças, silenciosa, os teus braços negros para o infinito como se pedisses ao viajor tardo que passa, a misericórdia de uma prece.

E' sempre assim que te vejo e te vendo assim recordo a tua significação: o tropel surdo dos soldados em choque, o estridor das trompas conclamando á lucta e pairando acima de tudo, os pendões bellicosos sacudido pelo vento, palpitando, abençoando os bravos que cahem na renuncia gloriosa de morrer pela Patria. E, depois, amainadas as iras, a lucta extinta, symbolo de tantos heroismos, recordação de feitos impereciveis tú, só tú quedas solitaria na solidão destas barbaras terras fronteiriças.

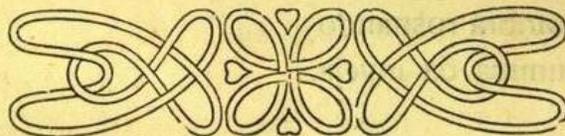
Ah! vem de ti por certo, todo esse orgulho, todas essas rebeldias e ousadias dos que nascem e pisam estas terras que apunhalas.

E quer despontem as manhãs esplendorosas de Outubro, recamadas de scintilações raras, nuncias das tardes que ardem no delirio das cores; quer rujam as invernias

brutas dos Junhos frios, és sempre linda nesse delubro pantheista em que te quedas reavivando as tuas glorias no lucto do teu lenho.

Quando te vi pela vez primeira, o dia morria numa grande angustia azul e, ao lonje, solitaria, envolta nas escassas sombras que cahiam, lembravas, na majestade irreal das tuas glorias, uma sentinella que apanhada pelo inimigo se estacasse, de subito, abrindo os braços, na majestosa attitude de uma ultima resistencia...

Oscarino Ramos.



PAGINAS ESQUECIDAS

— NOSSOS DIAS —

Vão nossos dias passando
Como um bando de andorinhas,
Que abrindo as brandas azinhas
Alegres voão cantando.

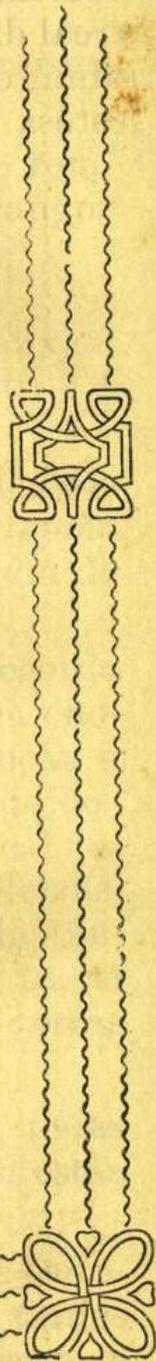
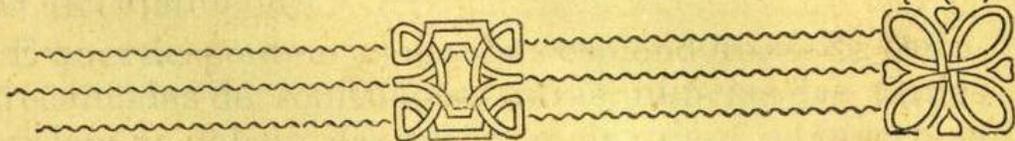
Do mundo cruel, nefando,
As honras e as intriguinhas.
Qu'importa?!.. se as noites minhas
Vão-se em dias transformando!

Sei que a critica flammeja,
E que na sombra rosnando
Anda a calumnia da inveja.

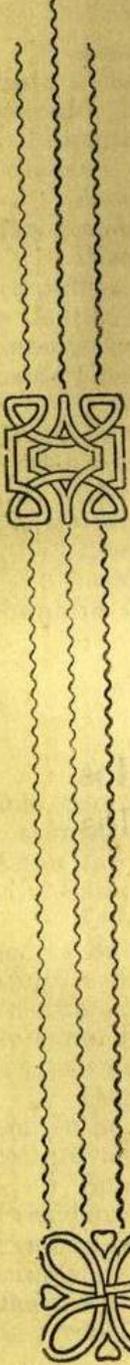
Mas qu'importa?! como o bando
Que alegre cantando adeja
Vão nossos dias passando!

Cuyabá, 20 de Setembro de 1883.

Luiz da Costa Ribeiro



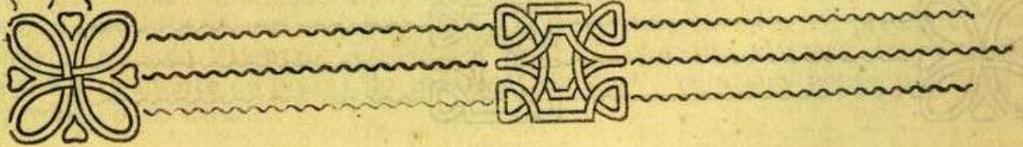
CANÇÃO



Quizera ver-te, formosa,
Ao frouxo tom vesperal;
Quando erras pensativa,
E na frente tua esquiva
Bri ha a chamma do ideal.

Quizera ver-te envolvida,
Em amplas vestes d'arminho,
Solta a trança azevichada,
Rolando basta e ondeada
Nas gazes do teu corpinho.

Fôra tão bello ! Ness'hora
Quando, branca a desmaiar.
Vesper supplica d'altura
A luz etherea, a luz pura,
Que jorra do teu olhar !



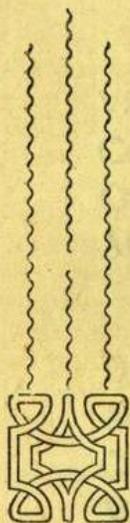
Como visão entre as ondas
D'um lactescente luar,
A' dubia luz vespertina,
Vejo, graciosa e divina,
A tua imagem passar,

Leve sylphide doirada,
Feita de sonhos azues,
Tu tens nas azas brilhantes.
Os coloridos cambiantes.
Das harmonias da Luz!

Gosto de ver-te, á tardinha,
Ao frouxo tom vespéral...
Teus olhos brilham mais bellos,
Tém mais negror teus cabellos
E tú ficas mais ideal!

30—11—95

Pedro Trouy



Actas do Centro Mattogrossense de Letras

Acta da 6.ª Sessão ordinaria do Centro Mattogrossense de Letras

Aos dezoito dias do mez de Fevereiro do anno de mil novecentos e vinte e dois reuniram-se em sessão ordinaria deste Centro os senrs. desembargador José de Mesquita, Virgilio Corrêa Filho, Carlos Borralho, Palmyro Pimenta, Lamartine Mendes, José Vilá, Franklin Cassiano e Ulysses Cuiabano.

Assumindo a presidencia, o senr. desembargador José de Mesquita declarou aberta a sessão. Lida a acta da sessão anterior, foi ella approvada.

Discutiram-se varios assumptos de interesse da sociedade, ficando, entre outras deliberações, assentado dar-se inicio á "hora literaria" criada pelo Centro, no dia 12 de Março. Foi nomeada, para tratar do assumpto, uma commissão composta pelos senrs. Franklin Cassiano, Ulysses Cuiabano e Lamartine Mendes.

O Senr. presidente cumprimentou em nome do "Centro" o socio Dr. Carlos Borralho, pela sua escolha para Secretario de Estado dos Negocios da Agricultura, tendo nomeado após uma commissão composta pelos senrs. Franklin Cassiano, Ulysses Cuiabano e Palmyro Pimenta, afim de levarem ao Dr. Borralho os cumprimentos officiaes do "Centro".

Levantou-se a sessão

(assignado) José Mesquita, Estevão de Mendonça, Virgilio Corrêa Filho, Franklin C. da Silva, e Palmyro Pimenta.

Acta da 7.ª Sessão ordinario do Centro Mattogrossense de Letras

Aos nove dias do mez de Abril do anno de mil novecentos e vinte e dois, reuniram-se em sessão ordinaria deste "Centro" à hora e no local do costume, os senhores desembargador José de Mesquita, Virgilio Corrêa Filho, Anna Luiza Prado, Cesario Prado, Estevão de Mendonça, José Vilá, Franklin Cassiano e Lamartine Mendes.

Lida e approvada a acta da sessão anterior, passou a casa a deliberar acerca da proxima conferencia a realizar se no dia dois de Maio do corrente anno, e na qual o socio Cesario Prado fará o estudo do seu patrono Vieira de Almida. Ficou constituída uma commissão organizadora do programma do sarão litero-musical, composta dos socios José Vilá, Cesario Prado e Philogonio Corrêa.

Cogitou-se tambem da publicação do 2º numero da "Revista", a sahir em Julho proximo, tendo ficado a commissão de Redacção encarregada de colligir as materias que formarão o summario desse numero.

Sob proposta do socio Virgilio Corrêa Filho, foi nomeada pelo Senr. Presidente uma commissão composta dos socios Lamartine Mendes, Cesario Prado e Franklin Cassiano, que deverá apresentar, no dia 16 proximo, os cumprimentos do "Centro" ao Exmo. Senr. D. Aquino Corrêa, socio fundador e Presidente de honra do mesmo "Centro", pela sua posse no cargo de arcebispo de Cuiabá.

Levantou-se a sessão.

(assignado) José de Mesquita, Anna Luiza da Silva Prado, Cesario C. da Silva Prado, Franklin C. da Silva, José Raul Vilá, Virgilio Corrêa Filho, Estevão de Mendonça e Lamartine Mendes.

Acta da Sa. Secção ordinaria do Centro Mattogrossense de Letras.

Aos dois dias do mez de Julho do anno de mil novecentos e vinte e dois, às 9 horas, no Palacio da Instrucção reuniram-se em sessão ordinaria deste «Centro» os Senhores José de Mesquita, Anna Luiza da Silva Prado, Cesario C. da Silva Prado, Franklin C. da Silva, José Raul Vilá, Virgilio Corrêa Filho, Estevão de Mendonça, Franklin Cassiano e Palmyro Pimenta.

Após a leitura da acta anterior e sua approvação, o Senr. Presidente José de Mesquita, nos termos do artigo 12 dos Estatutos, nomeou o socio Palmyro Pimenta para exercer as funções de 2. Secretario *ad-hoc*, vago pela retirada desta capital do consocio Lamartine Mendes.

Passando-se á materia do expediente foram lidos dois officios: um do 1. secretario do Centro de Letras do Paraná, agradecendo a communicacão da installação do Centro" e concebido nestes termos: Curitiba, 24 de Março de 1922. Illmo. e Exmo. Senr. Desembargador José de Mesquita, M. D. Presidente do "Centro Mattogrossense de Letras".

Accuso o recebimento do officio do Senr. Dr. Philogonio Corrêa, communicando a installação nessa Capital do "Centro Mattogrossense de Letras", de que S. Excia. é mui illustre Presidente. Agradecendo a gentileza da communicacão, faço em nome do "Centro de Letras do Paraná", votos mui sinceros pelo progresso dessa importante instituicão. Saúde e fraternidade. Verissimo A. de Souza (1. secretario), e outro do Dr. Lamartine Mendes participando a sua retirada para a cidade de Tres Lagoas e apresentando as suas despedidas, do theor seguinte: "Exmo. Senr." Desembargador José Barnabé de Mesquita, D. D. Presidente do "Centro Mattogrossense de Letras". Tendo de retirar-me para a cidade de Tres Lagoas, venho por meio desta despedir-me dos caros confrades do "Centro". Valho-me do enseio para pedir a V. Excia uma licença, por tempo indeterminado, se possivel fôr e apresentar-lhe os meus protestos de grande estima e muita consideracão. Saudações.

Cuyabá, 30 de Julho de 1922. Lamartine Mendes.

Em seguida o Senr. Presidente accusou o recebimento de varias e interessantes publicaçoes offerecidas ao "Centro", dentre ellas uma rica e artistica colleccão encadernada da revista italiana "La Scena Illustrada", gentil offerta feita ao Centro pelo distincto cavalheiro Senr. Caetano Zappa.

Afim de se encarregar da confecção do programma do festival, a realizar-se no proximo mez de Agosto, o Senr. Presidente nomeou uma commissão composta dos senrs Philogonio Corrêa, Franklin Cassiano e José Vilá, e para a commissão de convites os Senrs Estevão de Mendonça, João Cunha e Manoel Paes de Oliveira. Com o objectivo de rectificar em varios pontos as informaçoes prestadas á Revista "O Mundo Literario" na Secção «Literatura nos Estados» por Alcides de Araujo, acerca do movimento intellectual mattogrossense, informaçoes essas que não são de todo o ponto exactas, o consocio Palmyro Pimenta propoz e a casa deliberoou officiar á redacção dessa Revista, remettendo o primeiro numero da Revista do «Centro», e offerecendo se para prestar quaesquer esclarecimentos necessarios ao perfeito conhecimento da vida literaria neste Estado.

Nada mais havendo a tratar o Senr. Presidente levantou a sessão ás 11 horas.

(assignado) José de Mesquita, Philogonio de P. Corrêa, Estevão de Mendonça, Franklin C. da Silva, José Raul Vilá, Anna Luiza da Silva Prado, Cesario C. da Silva Prado, Antonio Fernandes de Souza, Palmyro Pimenta e Manoel Paes de Oliveira.

Acta de Sessão extraordinaria de eleição do Centro Mattogrossense de Letras.

Aos quinze dias do mez de Agosto do anno de mil novecentos e vinte e dois, pelas 9 horas, em uma das salas do Palacio da Instrucção, reuniram-se em sessão extraordinaria de eleição deste «Centro», os consócios José de Mesquita, Philogonio de Paula Correa, Estevão de Mendonça, Franklin Cassiano da Silva, José Raul Vilá, Anna Luiza da Silva Prado, Cesario C. da Silva Prado, Antonio Fernandes de Souza, Manoel Paes de Oliveira e Palmyro Pimenta.

Assumindo a presidencia o senr. Desembargador José de Mesquita abre a sessão e declarando os motivos da sua convocação, mandou proceder pelo secretario *ad hoc* á leitura da acta da sessão anterior que é aprovada.

No expediente foram lidas duas communicações: uma do Dr. Virgilio Correa Filh., concebida nos seguintes termos: "Exmo. Senr. Dr. Presidente do «Centro Mattogrossense de Letras.» Muito saudar.

Não podendo comparecer pessoalmente á eleição de hoje, para renovação da Directoria do Centro Mattogrossense de Letras, espero me relevação os dignos consócios a ausencia forçada, accetando do mesmo passo os votos que envio por intermedio do illustre Presidente. Conto igualmente me façam a mercê de me desonerar dos encargos da Vice-Presidencia de que já me devera ter afastado desde Janeiro.

Antecipadamente agradecido, continuarei sempre a estar, em tudo o mais, a inteira disposição do «Centro», e em particular dos distinctos consócios de quem me subscrevo. Ad. Am. Obr.

(assignado) Virgilio Correa Filho, E outra do Senr. José Magno da Silva Pereira, assim redigida: "Exmo. amigo e Senr." Dr. Palmyro Pimenta. Meus cumprimentos. Não podendo comparecer pessoalmente á eleição da nova Mesa do «Centro Mattogrossense de Letras.» á qual vai-se agora proceder, venho por este meio declarar por vosso intermedio, que voto nos mesmos meus illustres confrades da Mesa actual. Sou com toda consideração seu patr. e amigo.

affso, Cuyabá, 15 de Agosto de 1992, J. Magno

Exigindo os Estatutos que para a eleição de Directoria esieja presente a maioria absoluta de socios, o Senr. Presidente mandou proceder á verificação dos socios presentes, constatando-se o comparecimento de 14 socios, numero legal. Procedida a eleição, foi apurado o seguinte resultado, servindo de escrutadores os senrs. Philogonio Corrêa e Manoel Paes de Oliveira. Para Presidente, o Desembargador José de Mesquita, com treze votos; José Magno da Silva Pereira, com 1 voto; para Vice-Presidente, o Dr. Virgilio Corrêa Filho, com doze votos; José Magno da Silva Pereira, com um voto; para 1.º Secretario, o Professor Philogonio de Paula Corrêa, com dez votos; Cesario Prado, com quatro votos; para 2.º Secretario, Dr. Palmyro Pimenta, com treze votos; Cesario Prado, com um voto; para Thezoureira, Mlle. Anna Luiza Prado, com doze votos, Franklin Cassiano, com dois votos.

Para as diversas comissões foram votados:

Comissão de Redacção:—Cesario Prado, com doze votos; Dr. Manoel Paes de Oliveira, com treze votos; José Raul Vilá, com doze votos, Virgílio Corrêa Filho, com um voto; Miguel Carmo de Oliveira Mello, com um voto, Ulysses Cuiabano, com um voto, Estevão de Mendonça, com um voto; *Comissão de admissão*:—Estevão de Mendonça, com dez votos; Antonio Fernandes, com doze votos; Ulysses Cuiabano com 10 votos; Franklin Cassiano, com dois votos; Miguel Carmo de Oliveira Mello, com um voto; José Raul Vilá, com um voto; Anna Luiza Prado, com um voto; Augusto Cavalcanti, com um voto; Cesario Prado, com um voto, Palmyro Pimenta, com um voto.

Comissão de orçamento:—Octavio Cunha, com quatorze votos; João Cunha, com treze votos; Franklin Cassiano, com onze votos; Ulysses Cuiabano, com treze votos; Augusto Cavalcanti, com um voto.

De accordo com a maioria dos votos, foram proclamados eleitos:—*Para Presidente*, Desembargador José Barnabé de Mesquita; *para Vice-Presidente*, Dr. Virgílio Corrêa Filho, *para 1.º Secretario*, Professor Philogonio Corrêa; *para 2.º Secretario*, Dr. Palmyro Pimenta; *para Thesourelra*, D. Anna Luiza Prado.

Ficaram por esse critério constituídas também pelos seguintes consocios as comissões de: *Redacção*:—Cesario Prado, Dr. Manoel Paes, José Raul Vilá; *Admissão*:—Estevão de Mendonça, Antonio Fernandes, Ulysses Cuiabano; *Orçamento*:—Octavio Cunha, João Cunha, Franklin Cassiano.

Em seguida o Dr. Barnabé de Mesquita, em seu nome e no de seus companheiros de mesa, agradece a sua reeleição para os diversos postos da Directoria que têm de dirigir os destinos do Centro no periodo de 7 de Setembro de 1922 a 7 de Setembro de 1923.

Na sessão ordinaria correspondente ao mez corrente serão nomeadas as comissões incumbidas de organizar o programma dos festejos de posse a se realizar no proximo dia 7 de Setembro. O Primeiro Secretario Professor Philogonio Corrêa, communicou á mesa que, tendo de se retirar desta Capital em demanda ao Rio de Janeiro, onde vai assistir as festas do Centenario da Independencia, collocava-se na Capital da Republica á disposição do «Centro» e de cada consocio individualmente.

Nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão ás 11 horas.

(assign.) José de Mesquita, Estevão de Mendonça, Cesario C. da Silva Prado, Antonio Fernandes de Souza e Palmyro Pimenta.

Acta da 9a. Sessão ordinaria do Centro Mattogrossense de Letras

Aos vinte e sete dias do mez de Agosto de mil novecentos e vinte e dois em uma das salas do Palacio da Instrucção, reuniram-se pelas 9 horas em sessão ordinaria do Centro Mattogrossense de Letras os Senrs José de Mesquita, Estevão de Mendonça, Cesario Prado, Antonio Fernandes de Souza e Palmyro Pimenta. Após a leitura da acta da sessão extraordinaria de eleição, que foi approvada, passou-se a materia do expediente que constou da leitura de um telegramma do Dr. Manoel Xavier Paes Barreto, Juiz Federal, apresentando ao Centro, por intermedio da presidencia, as suas condolencias pelo fallecimento do consocio Leowigildo Martins de Mello, e da apresentação de uma proposta firmada pelos consocios Estevão de Mendonça, Cesario Prado, Antonio Fernandes de Souza e Palmyro Pimenta, offerecendo os nomes dos conterraneos Dr. Soter Caio de Araujo e Professor Fabio Lima para socios correspondentes do «Centro» no Rio de Janeiro, a qual, após ser

discutida, foi em seguida approvada, ficando a Mesa de providenciar sobre as communicações.

Achando-se presente á sessão uma commissão do Gremio Julia Lopes composta das Exmas. Senras. D. Bernardina Rich, Erotides Botelho e Amelia Lobo previamente convidadas pela Mesa, com ellas foram trocadas ideas sobre a organisação do festival promovido pelo Instituto Historico, Centro Mattogrossense de Letras e Gremio Julia Lopes, a realisar-se no proximo dia 7 de Setembro. tendo sido organisadas duas commissões mixtas: uma para convites, e recepção, constituída da Senhorita Erotides Botelho, e dos Senrs. Palmyro Pimenta e Cesario Prado, e outra para organisação do programma composta de D. Bernardina Rich e dos Senrs. Antonio Fernandes de Souza e Franklin Cassiano da Silva.

Quanto á realisção da 5a. conferencia da serie a que se propoz effectuar o «Centro», ficou assentado que ella terá logar a 14 de Janeiro vindouro, cabendo ao consocio Estevão de Mendonça o elogio do seu patrono Barão de Melgaço. Foi proposta pelo socio Antonio Fernandes de Souza e unanimemente approvada a inserção na acta de um voto de profundo pezar pelo prematuro fallecimento do saudoso consocio Leowigildo Martins de Mello, tendo o Senr. Presidente dado conta das providencias tomadas para a representação do «Centro» por occasião do seu enterramento.

Ficou ainda deliberado que para o preenchimento da vaga por elle deixada, seriam publicados, editaes com o prazo de 30 dias, convidando os interessados a se inscreverem á mesma vaga. Quanto á impressão do 2. numero da Revista o Senr. Presidente informou acharem-se os trabalhos bem adiantados, devendo sahir por todo o mez de Setembro.

Em seguida foi levantada a sessão por nada mais haver a tratar-se. (assignado) José de Mesquita, João Cunha, Cesario C. da Silva Prado, Antonio Fernandes de Souza, Palmyro Pimenta e Virgilio Corrêa Filho.

Acta da Sessão extraordinaria de posse do Centro Mattogrossense de Letras.

Aos sete dias do mez de Setembro do anno de mil novecentos e vinte e dois, reuniram-se pelas 9 horas, no salão nobre do Palacio da Instrucção, nos termos do art. 7. dos Estatutos, os socios José de Mesquita, Virgilio Corrêa Filho, Manoel Paez de Oliveira, João Cunha, Cesario Prado, Estevão de Mendonça, Antonio Fernandes de Souza e Palmyro Pimenta, achando-se tambem presentes Exmas, familias e cavalheiros.

Assumiu a presidencia o Exmo. Senr. Dr. Virgilio Alves Corrêa Filho, D. D. Secretario do Interior, Justiça e Fazenda, que se achava ladeado do representante do Exmo. Senr. Presidente do Estado e dos membros da Directoria do «Centro», que declarou aberta a sessão, tendo-se procedido á leitura da acta da sessão anterior. No expediente foi lido um cartão da da consocia Anna Luiza Prado concebido nos seguintes termos: «Ao Exmo. Senr. Dr. José Barnabé de Mesquita, D. D. Presidente do Centro Mattogrossense de Letras, Anna Luiza Prado cumprimenta e pede-lhe desculpas por não poder, por incommodo de saúde, comparecer á sessão de hoje para tomar posse do seu cargo de Thesoureira para o qual foi reeleita. Cuyabá, 7 de Setembro de 1922.

Em seguida foi dada a palavra ao Exmo. Senr. Desembargador José de Mesquita, actual Presidente, para fazer a resenha dos trabalhos do «Centro» no anno social findo e que leu o seguinte Relatorio que produziu optima impressão entre os assistentes: «Relatorio. Meus caros amigos e confrades

des. Ha um anno precisamente installava-se, neste mesmo local, entre as galas de uma solemnidade memoravel, o Centro Mattogrossense de Letras, fundado nesta cidade a 22 de Maio de 1921 e tomavam posse dos seus cargos administrativos os membros da Directoria cujo mandato hoje termina. De accordo com o art. 7. do respectivos Estatutos foi convocada a presente sessão extraordinaria afim de se dar posse á Directoria eleita em 15 de Agosto transacto e que deverá dirigir os destinos do «Centro» de hoje até o dia 7 de Setembro de 1923. Na qualidade de Presidente da antiga e da nova Directoria, honrado que fui pelos meus distinctos consocios pela renovação immerecida desse mandato, cabe-me, neste momento, dar-vos conta em ligeira synopse retrospectiva, do movimento da nossa sociedade durante o primeiro anno de sua existencia.

E' o que pretendo fazer atravez desta rapida palestra. Installado, como ficou dito, no dia 7 de Setembro de 1921, o Centro Mattogrossense de Letras entrou logo a cogitar do desempenho do seu programma de acção que, com ser dos mais complexos, não se nos tem antolhado dos mais difficeis, graças a bõa vontade conjugada dos socios, todos irmanados no mesmo e louvabilissimo proposito de converter em realidade fecunda as bellas aspirações que nos congregaram sob a mesma bandeira e para o mesmo ideal. Os dois objectivos desde logo visados pela Directoria foram, como é natural, a publicação da «Revista», nosso porta-voz na imprensa e vehiculadora de nossos esforços e a realisção da serie de conferencias de elogios patronicos.

E esses dois tentamens diz-nol-o com satisfação a consciencia que os hemos conseguido.

Da Revista já foi publicado, com pontualidade e esmerada execução, pouco habituaes no nosso meio, o 1. numero, devendo, em breves dias, vir a lume o 2., que corresponde ao corrente semestre de 1922. As conferencias vêm sendo feitas com regularidade e, não fõra natural sentimento de modestia que nos veda o pronunciamiento acerca de materia tão nossa, accrescentariamos mesmo que o tem sido com geral agrado. Dentro o periodo de um anno effectuamos já 4 conferencias nas queres pelos socios Joaquim Gaudie de Aquino Corrêa, Virgilio Alves Correa Filho, Cesario Correa da Silva Prado e Philogonio de Paula Correa, foram feitos os elogios dos seus patronos Joaquim Murтинho, Antonio Correa da Costa, Antonio Vieira de Almeida e José Estevão Correa, em datas de 26 de Novembro de 1921, 12 de Janeiro, 2 de Maio e 14 de Agosto deste anno, respectivamente. Além dessas conferencias e do brilhante discurso inaugural proferido na sessão de installação pelo Presidente de honra deste "Centro" D. Aquino Correa, realisou mais o "Centro", em data de 28 de Dezembro do anno findo, uma sessão commemorativa do 3. anniversario da morte de Olavo Bilac, produzindo nessa occasião substancioso trabalho a respeito do grande vate da "Tarde" o nosso consocio José Raul Vilá. Tal, em rapidos traços, o nosso esforço, o nosso trabalho, no anno social que hoje finda.

E' pouco si comparamos ao muito que temos a fazer; é muito se observamos o pouco que antes se fizera nesse sentido. No desempenho ainda do seu programma tem procurado o "Centro" manter cordiaes relações com as associações congeneres deste e de outros Estados, havendo regular remessa de publicações, e frequente correspondencia com as mesmas. Não nos foi ainda possivel installar a séde da sociedade, devido as difficuldades de ordem material, que serão attenuadas, a partir do anno entrante, pelo auxilio orçamentario que nos foi concedido pela Assembléa Legislativa do Estado, sob proposta dos nossos prestimosos socios correspondentes Deputados João Christião Cactens e Rosario Congro.

Do elemento official, como, em geral, de toda a nossa sociedade, temos recebido inconcussas provas de boa vontade amiga e acolhedor estímulo: tanto o ex-presidente D. Aquino Correa, como o actual Cel. Pedro Celestino, sempre demonstraram a mais grata deferencia para com o "Centro", honrando mesmo pessoalmente as suas sessões solemnes, incentivando-nos com os mais generosos conceitos a nosso respeito exarados. Como a séde, varios outros assumptos têm ficado procrastinados, devendo ter sua realisação logo que se nos antolhem mais viáveis. Que importa, porem, que uma ou outra vicissitude se depare, como novas fontes de estímulo, em nosso caminho, si, no balanço dos insucessos e das victorias, levam estas vantajoso saldo sobre aquelles? Já quasi ao terminar do anno social uma nota luctuosa veiu contristar-nos, com o prematuro passamento do nosso consocio e amigo Leowegildo Martins de Mello, occorrido nesta cidade, a 4 de Agosto transacto. Occupava o professor Leowegildo de Mello a 5. cadeira de que é patrono o P. Ernesto Camillo Barreto, tendo sido eleito para a mesma em sessão preparatoria de 3 de Julho de 1921. Para o preenchimento da vaga deixada pelo nosso saudoso confrade já foram tomadas pela Mesa as necessarias providencias. Nada mais me occorre dizer-vos, meus caros consocios, do que tem feito o nosso "Centro" dentro do periodo de um anno decorrido sobre a sua installação. Quero, apenas, ao finalizar esta perfunctoria digressão, agradecer-vos mais uma vez a confiança depositada em minha humilima pessoa e na dos meus dignos companheiros da Directoria e das "Commissões", e concitar-vos mais uma vez a continuardes nos auxiliando com a vossa boa vontade e vosso proficuo esforço, sem esmorecimentos prejudiciaes, mas sim cada vez mais ardorosos e entusiastas pela realisação dos elevados ideaes que constituem a nossa commum aspiração.

A nossa Patria festeja hoje o Centenario da sua Independencia, justamente no dia em que commemoramos o primeiro anniversario do "Centro". Esta incidencia fortuita de duas ephemerides—uma nacional, outra particularmente nossa—deve suggerir-nos a grandiosa inspiração de que tambem á nós, obscuros obreiros da grandeza da Patria, assiste valioso papel no trabalho em pról de nossa verdadeira Independencia, da Independencia da Patria pela cultura, pelo alevantamento moral e intellectual da raça, pelo systematico esforço para o ideal, para o progresso, para a grandeza do Brasil.

Essa Independencia—complemento indefectivel do emancipação politica e seu corollario logico—não a conseguimos ainda de todo: trabalhemos, com a nossa pedrinha, para que ella se effective nas letras como nos costumes, na arte como na vida, porque com ella e só por ella o nosso paiz será verdadeiramente grande, próspero e digno dos seus luminosos destinos.»

Acto continuo foram empossados os membros da Directoria, encerrando-se a sessão ás 11 horas.

(Assignado) José Mesquita, Philogonio de P. Correa, Antonio Fernandes de Souza, Virgilio Corrêa Filho, Cesario C. da Silva Prado.

Acta da da 10^a. Secção ordinaria do Centro Mattogrossense de Letras

Aos doze dias do mez de Novembro de mil novecentos e vinte e dois em uma das salas do Palacio da Instrucção, pelas nove horas, realisou-se a decima sessão ordinaria do "Centro Mattogrossense de Letras," correspondente ao mez corrente, tendo a ella comparecido os socios effectivos José de Mesquita, Virgilio Corrêa Filho, Philogonio Corrêa, Estevão de Mendonça, Antonio Fernandes de Souza, Cesario Prado e José Raul Vilá.

Lida e approvada a acta da sessão anterior, passou-se ao expediente no qual foram accusadas as offertas de obras dos Senrs. Arnaldo Damasceno Vieira e Alcides Munhoz, e lida uma carta do socio correspondente Dr. Soter Caio de Araujo, agradecendo a sua eleição.

Passando-se em seguida a deliberar sobre diversos assumptos que dizem respeito á economia interna do "Centro," ficou assentado o prazo para o recebimento de originaes para o terceiro numero da "Revista," a sair em Janeiro de 1923 e constituida a commissão organisadora do proximo festival que se realisará a 14 de Janeiro, no qual será feito pelo consocio Estevão de Mendonça o elogio academico do seu patrono Barão de Melgaço. Essa commissão ficou composta pelos Senrs. Philogonio Corrêa, Antonio Fernandes e Franklin Cassiano. O Senr. Presidente determinou o dia 1. de Dezembro proximo para ter logar a eleição ao preenchimento da vaga deixada pelo fallecimento do socio Leowigillo Martins de Mello, recebendo-se até essa data, na Secretaria do "Centro," propostas firmadas por tres ou mais socios, na forma dos Estatutos, para o provimento dessa cadeira.

Em seguida o Senr. Presidente apresentou em nome do "Centro" as boas vindas ao socio Philogonio Corrêa que com brilhantismo representara o Estado no Congresso de Ensino realisado na Capital da Republica por occasião da commemoração do 1. centenario da Independencia. E nada mais havendo a tratar-se foi encerrada a sessão ás 11 horas. (Assignado) José de Mesquita, Miguel C. de Oliveira Mello, Virgilio Corrêa Filho, Carlos Borrallho, João Cunha, Franklin C. da Silva, Cesario Prado, Antonio Fernandes de Souza, Palmyro Pimenta e Philogonio de P. Correa.

**Acta da Sessão extraordinaria de eleição
para o preenchimento da 5. cadeira
do "Centro Mattogrossense de Letras"**

A 1.º de Dezembro do anno de mil novecentos e vinte e dois, no salão de honra do Palacio da Instrucção, pelas 9 horas, reuniram-se em sessão extraordinaria de eleição para o preenchimento da 5. cadeira, os socios José de Mesquita, Virgilio Corrêa Filho, Philogonio Correa, Palmyro Pimenta, Carlos Borrallho, Oliveira Mello, João Cunha, Antonio Fernandes, Cesario Prado, e Franklin Cassiano, tendo-se feito representar os consocios Augusto Cavalcanti de Mello, José Magno e Ulysses Cuiabano.

Foi lida no expediente uma proposta firmada pelos socios Palmyro Pimenta, Oliveira Mello, Carlos Borrallho e João Cunha, apresentando o nome de Ovidio de Paula Corrêa para occupar a 5. cadeira vaga, e bem assim uma carta do confrade Estevão de Mendonça desligando-se do "Centro" e renunciando a qualidade de socio effectivo e quaesquer outros direitos que lhe poderiam tocar.

Procedeu-se, em seguida, a eleição, tendo sido eleito por onze votos o candidato proposto Ovidio de Paula Corrêa, tendo obtido um voto cada um os Senrs. Dr. Oscarino Ramos e Alcindo de Camargo.

Consultada a casa foi unanimemente regeitada a renuncia do Senr. Estevão de Mendonça, por entender ser irrenunciavel a qualidade de socio fundador. O Senr. Presidente declarou que depois de feitas as devidas communicações ao novel socio, na primeira sessão ordinaria se cogitaria de fixar a data da sua posse na cadeira para a qual foi eleito.

A sessão foi encerrada ás 11 horas.

(Assignado) José de Mesquita, Virgilio Corrêa Filho, Palmyro Pimenta, Antonio Fernandes de Souza, João Cunha e Miguel C. Oliveira Mello.

**Acta da 11.ª Sessão ordinaria do Centro
Mattogrossense de Letras**

Aos vinte e quatro dias do mez de Dezembro de mil novecentos e vinte e dois, pelas 10 horas da manhã, em uma das salas do Palacio da Instrucção, reuniram-se em sessão ordinaria do Centro, correspondente ao mez corrente, os socios effectivos José de Mesquita, Virgilio Corrêa Filho, Miguel Mello, João Cunha, Antonio Fernandes de Souza e Palmyro Pimenta.

Lida e approvada a acta da sessão anterior passou-se ao expediente que constou da leitura de um telegramma do socio Cesario Prado e uma carta da senhorinha Anna Luiza Prado, ambos se despedindo do "Centro" por terem de retirar-se desta capital; officio dos socios Ovidio Corrêa (effectivo) e Fabio Liua (correspondente) agradecendo a sua eleição e um officio da Academia de Letras de Nyther y, s licitando o pfestigio do "Centro" em pról de um projecto favorecendo a Academia com a franquia postal. Passando a casa a deliberar sobre materia da ordem do dia ficou assentado que a 5.ª conferencia da serie que se vem realisando será no dia 17 de Fevereiro do anno entrante, cabendo ao socio Antonio Fernandes de Souza fazer o elogio do seu patrono Luiz d'Alincourt.

O Senr. Presidente aproveitando-se do facto de se achar presente na sala das sessões o socio ultimamente eleito Ovidio de Paula Corrêa, designou uma commissão para introduzil-o no recinto, tomando o mesmo assento á meza, passando-se a discutir a data em que se effectuará a sua posse solemne. Resolveu-se tambem que essa solemnidade em que o novo socio fará o elogio do seu patrono P. Ernesto Camillo Barreto, terá lugar após a 5.ª conferencia, tendo sido indicado para receber o novo socio em nome da corporação o Dr. Palmyro Pimenta. A seguir a commissão encarregada de apresentar os cumprimentos de boas-vindas em nome da sociedade ao seu presidente honorario D. Aquino Corrêa, declarou haver desempenhado a sua incumbencia.

E nada mais havendo a tratar-se o Snr. Presidente encerrou a sessão as onze horas e meia.

(Assignado) José de Mesquita, Virgilio Corrêa Filho, Philogonio P. Corrêa, Palmyro Pimenta, Antonio Fernandes de Souza e Franklin C. da Silva.

**Acta da 12.ª Sessão ordinaria do "Centro
Mattogrossense de Letras"**

Aos vinte e dois dias do mez de Janeiro do anno de mil novecentos e vinte e tres, pelas nove horas da manhã, em uma das salas do Palacio da Instrucção, reuniram-se em sessão ordinaria, os Senrs. associados do "Centro Mattogrossense de Letras" José de Mesquita, Virgilio Corrêa Filho, Philogonio de Paula Corrêa, Antonio Fernandes de Souza, Franklin Cassiano da Silva e Palmyro Pimenta, achando-se tambem presentes, á convite do Desembargador José de Mesquita, os membros da sub-commissão de Bibliographiã de Matto-Grosso, que são os Senrs. Drs. João Baptista Nunes Ribeiro, Oscarino Ramos, Bel. Isac Pòvoas e Aleindo de Camargo.

Após a leitura e approvação da acta da sessão anterior, foram tomadas varias deliberações referentes ao proximo festival a realisar-se em 17 de Fevereiro proximo vindouro, no qual o socio Antonio Fernandes de Souza fará o elogio de Luiz d'Alincourt, seu patrono, e bem assim quanto ao andamento dos trabalhos bibliographicos a encargo da mencionada commissão.

Não havendo mais assumpto a tratar, foi levantada a sessão ás dez e meia horas.

(Assignado) José de Mesquita, Virgilio Corrêa Filho, Antonio Fernandes de Souza, Palmyro Pimenta.

**Acta da 13.^a Sessão ordinaria do "Centro
Mattogrossense de Letras"**

Aos dezoito dias do mez de Março do anno de mil novecentos e vinte e tres, reuniram-se, ás 9 horas, em uma das salas do Palacio da Instrucção, em sessão ordinaria do "Centro Mattogrossense de Letras," correspondente ao mez de Março, os Senrs. José de Mesquita, Virgilio Correa Filho, Antonio Fernandes de Souza e Palmyro Pimenta.

Após a leitura e approvação da acta da sessão anterior, o Senr. Residente poz a casa ao corrente das providencias que tivera a iniciativa de tomar com relação á representação do "Centro" nos funeraes do Conselheiro Ruy Barbosa, fallecido no dia 1.º do corrente em Petropolis, tendo sido lido no expediente um telegramma do consocio Dr. João Barbosa de Faria em que este declara haver dado desempenho a essa incumbencia que lhe fôra commettida. Ainda no expediente foi lida uma carta do Cel. José Magno da Silva Pereira, renunciando o seu cargo no "Centro" e concebida nos seguintes termos: Cuyabá, 28 de Fevereiro de 1923. Exmo. Senr. Desembargador José Barnabé de Mesquita, digno Presidente do "Centro Mattogrossense de Letras."

Não podendo eu, por justos motivos pessoaes, continuar a fazer parte do "Centro Mattogrossense de Letras," do qual sois mui digno Presidente, pois nenhum concurso posso prestar-lhe por não m'o permittirem as minhas minguadas forças, assim intellectuaes como physicas, aquellas principalmente, teinho resolvido renunciar, como renuncio, o meu lugar, nesse illustre Gremio, onde elle pode ser occupado por quem disponha de dotes de espirito, que me fallecem. Creje, respeitavel consocio e amigo, que não é sem grande pezar que assim procedo, porquanto muito quizera poder continuar ahí ao vosso lado e dos nossos dignos confrades, prestando alguns serviços ás letras do nosso querido torrão natal, como está o "Centro" fazendo com o maior brilho.

Resta-me agradecer condialmente, como agradeço, a essa illustre agremiação, a honra que me deu admittindo-me no seu seio, apezar da minha insufficencia para o bom desempenho dos deveres que lhe incumbem collectiva e individualmente.

Dignai-vos de aceitar os meus protestos de alta estima e consideração. Cordiaes saudações. José Magno da Silva Pereira.

Não se achando presente á sessão a maioria dos socios residentes nesta Capital, ficou este assumpto para ser discentido na proxima sessão ordinaria.

Passando-se á ordem do dia deliberou a casa que a posse solemne do novo socio Ovidio Corrêa se affectuará á 21 de Abril p. futuro, ficando a commissão organisadora do festival constituída pelos socios Antonio Fernandes de Souza, Philogonio Correa e Franklin Cassiano. Ficou ainda resolvido constituir se o Agente da "Revista," Senhor Benedicto Augusto Lomdom em procurador do "Centro" para cobrança das mensalidades. Não havendo nada mais a tratar foi a sessão levantada ás 11 horas.

(Assignado) José de Mesquita, Virgilio Correa Filho, Philogonio de P. Correa, Antonio Fernandes de Souza, João Cunha, Franklin Cassiano da Silva e Palmyro Pimenta.

Acta da 14.^a Sessão ordinaria do Centro
Mattogrossense de Letras

Aos quinze dias do mez de Abril do anno de mil novecentos e vinte e tres, reuniram-se ás 9 horas em sessão ordinaria, em uma das salas do Palacio da Instrucção, os Senrs. associados do "Centro Mattogrossense de Letras," José de Mesquita, Virgilio Correa Filho, Philogonio de Paula Correa, Antonio Fernandes de Souza, João Cunha, Franklin Cassiano da Silva e Palmyro Pimenta.

Procedendo-se em seguida á leitura da acta da ultima sessão, que foi approvada, foram lidos no expediente dois officios dos socios Joaquim Gaudie de Aquino Correa e Manoel Xavier Paes Barreto, communicando para os devidos effeitos, a sua mudança de residencia, e um telegramma do Presidente honorario do "Centro," D. Aquino Correa, agradecendo as felicitações que lhe foram endereçadas á 2 do corrente por occasião da passagem do seu natalicio.

Na ordem do dia e de accordo com o artigo 3.^o § 5.^o dos Estatutos, e depois de consultada á respeito a casa, o Senr. Presidente declarou vagas as cadeiras n. 10 e 15, de que são patronos, respectivamente, Joaquim Murinho, e o conego José da Silva Guimarães, passando os socios que as occuparam á cathegoria de correspondentes no Rio de Janeiro e Manãos. Foi ainda tomada em consideração a renuncia apresentada pelo socio José Magno da Silva Pereira, tendo sido deliberado designar uma commissão que em nome do "Centro" procurasse aquelle socio afim de solicitar a sua permanencia no cargo que occupa. Ficou ainda resolvido que a setima conferencia da serie de estudos dos patronos será feita pelo socio Octavio Cunha, que fará o elogio do pranteado conterraneo Dr. Manoel Esperidião.

Em seguida, e nada mais havendo a tratar, foi pelo Senr. Presidente encerrada a sessão ás 11 horas.

(Assignado) José de Mesquita, Octavio C. Cavalcanti, Ovidio de P. Corrêa, José Raul Vilá, Franklin C. da Silva, C. Fernandes de Souza, Philogonio de Paula Correa.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

RECEBEMOS E AGRADECEMOS:

A VIOLETA—desta Capital

GAZETA DO COMMERCIO de Tres Lagoás

O PROGRESSO de Ponta Poran

CORREIO DO SUL de Campo Grande

BANCO DO BRASIL

Capital . . . Rs 100 mil contos

DEPOSITOS

O Banco do Brazil abona aos s/ depositantes:

Em contas correntes, até Rs. 20:000\$000, com
retiradas livres 5^o/_o

Em contas sem limite, com retiradas livres 3^o/_o

« « « « com aviso prévio . . . 5^o/_o

« Depositos a prazo fixo de 1 anno 6^o/_o

O Banco fornece aos s/ depositantes talões de cheques e estabelece todas as facilidades na retirada dos dinheiros em deposito.

Irmãos Miraglia

Casa de joias e relógios
e artigos de optica
Officinas de relojoeiro,
ourives com lapidação de
diamantes annexa
Bolsas de prata
Brilhantes mattogrossenses

Rua 13 de Junho 27

TELEPHONE 244

CAIXA POSTAL 43

Casa Esperança

DE

Calil Mansur Bumlai

Especialidades em

Chapéus

Calçados

Tecidos

Artigos finos—Preços
ao alcance de todos.

Rua 1.ª de Março n. 17 — 19